

# PUC

MARCIA SIMÕES CORRÊA WEDER BACHA

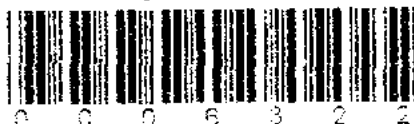
O SOM DA IMAGEM:  
PALAVRAS E IMAGENS EM PSICOTERAPIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

RIO DE JANEIRO, 05 DE JUNHO DE 1.984.

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro  
Rua Marquês de São Vicente, 225 - CEP 22453  
Rio de Janeiro — Brasil

N. Chamada: 150 / Bt18 / I ESE UC  
Titulo: O som da imagem



0 0 0 6 3 2 2

EX: P-CENTRAL

1847

MARCIA SIMÕES CORRÊA NEDER BACHA

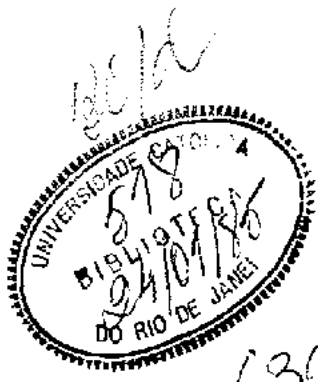
O SOM DA IMAGEM:  
PALAVRAS E IMAGENS EM PSICOTERAPIA.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.  
Orientadora: Circe Navarro Vital Brazil.

Departamento de Psicologia  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 25 de junho de 1984.

UC-00003150-0



6322

UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

6322

A PAULO MARCIO.

A JULIA.

#### AGRADEÇO:

- À minha orientadora Circe Navarro Vital Brazil em quem encontrei abertura e receptividade - imprescindíveis à realização desse trabalho - para acolher uma dissertação sobre esse ainda pouco conhecido método do Rêve Éveil lé Dirigé, bem como as sugestões e o estímulo para que prosseguisse nesse percurso de reflexão crítica.
- Ao professor e amigo Washington Loyello - que colocou à minha disposição um indispensável material bibliográfico e incentivou essa proposta de examinar o RED de Desoille, acreditando-a necessária no contexto das pesquisas em curso sobre esse fecundo método psicoterápico que introduziu em nosso meio.
- A Paulo Marcio Bacha por se ter feito sempre o sagaz interlocutor de idéias às vezes confusas em seu estado nascente mas que após nossos debates ressurgiam plenas de desenvolvimentos, bem como por seu estímulo e inestimável colaboração quando a assunção da maternidade ameaçou mergulhar esse trabalho no inacabado.
- Aos colegas de "rêve", preocupados com as questões científicas, sociais e ideológicas levantadas por sua prática psiquiátrica, ao lado de quem fui descobrindo esse aspecto de inacabamento do R.E.D. que vem exigir uma efetiva participação do terapeuta nos rumos tomados pelo método de Desoille.
- A meus pais e a meus sogros, à Mina e Alfredo, por sua inestimável ajuda e pelo vivo estímulo de que se fizeram porta-vozes.
- Aos Srs. Jamil Bacha e Milton Luiz, por me terem facilitado a execução datilográfica desse trabalho.

RESUMO :

A rivalidade bachelardiana entre conceito e imagem marca a fundamentação teórica dos mecanismos terapêuticos do método psicoterápico do Rêve Éveillé Dirigé criado por Robert Desoille. Trata-se aqui de explicitar os limites dessa rivalidade inaugural, que são aqueles do projeto bachelardiano em sua "poética", bem como de contextualizá-la na filosofia através de Kant e do lógico matemático Gottlob Frege. Busca-se aqui retomar a questão dos mecanismos terapêuticos do método de Desoille sobre outras bases teóricas, deslocando-a daquela rivalidade inaugural para o significante de Jacques Lacan.

RÉSUMÉ :

La rivalité bachelardienne entre concept et l'image marque le fondement théorique des mécanismes thérapeutiques du Rêve Éveillé Dirigé créé par Robert Desoille. Il s'agit ici de préciser les limites de cette rivalité inaugurale que sont celles du projet bachelardienne dans sa "poétique" ainsi comme d'éclaircir son contexte dans la philosophie à travers Kant et le logicien mathématique Gottlob Frege. Ce qu'on recherche c'est la reprise du sujet des mécanismes thérapeutiques de la méthode de Desoille sur d'autres bases théoriques par le déplacement de cette rivalité inaugurale au signifiant de Jacques Lacan.

## S U M Á R I O

1 - INTRODUÇÃO.....	1
2 - GASTON BACHELARD E A IMAGINAÇÃO CRIADORA.....	10
2.1 - O Obstáculo Epistemológico.....	10
2.2 - Natureza X Cultura:o Materialismo Imaginário....	19
2.3 - A Socialização intensa da ciência X os valores de solidão:a imaginação transcendental.....	28
2.4 - O Engajamento na imagem:a identificação imaginária.....	38
2.5 - A Continuidade inter-sistêmica X a descon- tinuidade do instante: o sistema conceitual.....	47
2.6 - Gaston Bachelard e o Rêve Éveillé Dirigé de Robert Desoille.....	50
3 - A IMAGINAÇÃO TRANSCENDENTAL KANTIANA.....	61
3.1 - Sobre a imaginação na "Critica da Razão Pura": a síntese e o esquematismo da imaginação transcen- dental.....	61
3.2 - O Livre-Jogo da imaginação (no Juízo do Belo)....	67
4 - O OBJETIVO-NÃO-REAL DE GOTTLÖB FREGE .....	71
4.1 - Sentido e Referência.....	71
4.2 - Sobre o Número:o conceito e o objeto.....	77
5 - O ALGORITMO DE LACAN E OS DESAFIOS DE ROBERT DESOILLE	84
5.1 - Lacan:do espedaçamento pré-especular à conquista da imagem de si.....	84
5.2 - O Rêve Éveillé Dirigé de Robert Desoille .....	97
6 - CONCLUSÃO.....	113
7 - BIBLIOGRAFIA.....	118



## 1 - INTRODUÇÃO

A escolha do nosso tema foi-nos sugerida por nossa prática como psicoterapeuta do "Rêve Éveillé Dirigé" (RED) criado por Robert Desoille, onde tem sido relevante a polaridade bachelardiana entre conceito e imagem pois é ela que vemos atuante quando se define o RED como "uma psicoterapia pelo imaginário em movimento". Aos trabalhos de seu amigo Desoille, Gaston Bachelard dedicou muitas páginas em sua "poética" relacionando-os com sua "Metafísica da imaginação".

O próprio Desoille veio inserir essa rivalidade que veremos decisiva na obra de Bachelard - levando-o mesmo a viver a dupla vida do homem diurno e do homem noturno - , no campo psicoterápico, como eixo referencial de uma distinção que ele estabelece entre o RED e o conjunto das psicoterapias, aí incluída a psicanálise. O RED viria assim encontrar sua originalidade e eficácia pelo uso específico que faz da imaginação enquanto que o restante se endereça à razão subestimando assim "el papel de primerísima importancia desempeñado por la imaginación en todas las formas de actividad psíquica" <sup>1</sup>.

Exatamente como em Bachelard para quem é o primeiro o lugar que cabe à imaginação na atividade humana, aí incluída a própria atividade terapêutica. Logo veremos que Bachelard também distinguirá o RED da psicanálise fundando-se igualmente na polaridade de imagem e conceito.

Apropriando-nos da questão tal como formulada por Desoille e Bachelard, dedicamo-nos à problematização das relações entre imagem e conceito, buscando elucidar os mecanismos terapêuticos postos em ação pelo RED. Tratava-se de retornar às te

---

<sup>1</sup>. Desoille, Robert - Lecciones sobre ensueño dirigido en psicoterapia - Buenos Aires, 1975, p. 41

ses bachelardianas sobre a prioridade da imagem na atividade humana e, ainda, era indispensável procurar o eco dessas concepções em Desoille, isto é, o seu modo de ressonância na fundamentação teórica dos mecanismos terapêuticos do RED sobre a imagem.

Interessa-nos pois, a obra de BACHELARD (Capítulo I) na medida em que problematiza, muito precisamente - já pela forma em que nos é apresentada: vertente científica, vertente poética - as relações entre conceito e imagem.

É através de um sem número de textos espalhados nas diversas obras que constituem a sua poética - poética que se pretenderia um longo debate sobre a função da imagem<sup>2</sup> - que ele vai desenvolvendo a sua concepção da imaginação, enunciando suas leis, determinando suas condições.

Não valorizamos em nossa pesquisa todas essas leis e condições de sua "Metafísica da imaginação"; quer dizer, não as valorizamos todas e indiscriminadamente, já que não pretendemos realizar um estudo da imaginação criadora por si mesma, isto é, destacada de suas possíveis articulações com os mecanismos terapêuticos do RED.

Por isso mesmo detivemo-nos fundamentalmente no materialismo de sua imaginação, tocando apenas tangencialmente na sua dinamogenia que nos levaria a problematizar a tese bachelardiana do determinismo imaginário, tese que sofreu profundas modificações ao longo de sua obra, pelo que mereceria uma dissertação à parte. Seríamos conduzidos a explicitar o que Bachelard entende por "psicanálise" - que, como veremos, fica muito reduzida a uma "catarse" -, e depois apontaríamos para uma confrontação de suas concepções com as teses freudianas.

Bachelard compreendeu as perspectivas abertas por Freud e a novidade representada por suas teorias no panorama científico, chegando a engajá-las - é certo que o fez com muita liberdade - não só na sua "psicanálise dos elementos" mas também no próprio domínio epistemológico. Como já tem sido assi-

---

<sup>2</sup> Cf. Bachelard, Gaston - La terre et les rêveries de la volonté, Paris, Librairie José Corti, 1948, p.1.

nalado por outros, Bachelard foi mesmo audacioso ao dar este último passo, isto é, ao introduzir a psicanálise na epistemologia numa época em que a psicanálise na França motivava mais a ironia e o desprezo do que propriamente o debate científico de suas teses.

Mas nem por isso deixou ele de apontar aquilo que considerava seus limites, pontuando seus escritos finais com inúmeras referências críticas à psicanálise freudiana. Curiosamente observamos que o desenvolvimento de suas teses vai se dando, nos seus momentos finais, por uma crescente problematização do que agora denomina "psicanálise clássica", chegando mesmo a opor-lhe - precisamente à luz da rivalidade entre conceito e imagem - uma "psicossíntese", que não é outra senão o *Rêve Éveillé* Dirigé de Robert Desoille. À medida em que vai passando de uma psicanálise dos elementos a uma ontologia da imagem - agora servindo-se mais da fenomenologia e aqui com a mesma liberdade de que se servira da psicanálise -, também vai cavando um abismo entre a sua "metafísica da imaginação" e as teses freudianas.

As críticas incidirão basicamente sobre seu determinismo que acabava, segundo Bachelard, por conduzi-la à misturar a vida racional com a vida imaginária, a vida do conceito com a vida da imagem. Sem falsear as teses bachelardianas, julgamos ser possível dizer que a polêmica com Freud se trava sobretudo em torno de uma questão principal, que é aquela relacionada à temporalidade do imaginário: repetição ou criação?

Porque em Bachelard a imaginação é eminentemente criadora, voltada para o futuro. Em Freud a imaginação é também uma máquina do tempo, mas um tempo que é sempre passado, daí nunca poder atingir essa novidade essencial: trata-se mais de uma repetição, isto é, da retomada de um passado que retorna "disfarçado" e "deformado". Assim a imagem esconderia alguma coisa que seria precisamente um conceito.

Assim em Bachelard a imaginação material vem se juntar essa imaginação dinâmica inscrita na descontinuidade do "instante": é a própria força criadora do imaginário pelo qual ultrapassamos o aqui-agora da percepção.

Todas essas questões que implicam diretamente no

dinamismo imaginário deverão, entretanto, permanecer à margem do nosso texto. Limitar-nos-emos aqui à análise da heterogeneidade de sua obra: vertente científica, vertente poética. Dualidade da obra refletindo uma dualidade anterior qual seja, aquela que existiria entre razão e imaginação. Reduziremos toda a heterogeneidade do seu duplo materialismo: racional e onírico -, à questão do conceito diante da imagem.

Só há possibilidade de definir a imagem na obra de Bachelard se a tomarmos em sua relação - de oposição e de "rivalidade" - com o conceito, distinção que permanece em toda a extensão de sua obra. Pensamos enfim, que entender a imagem na obra de Bachelard é chegar a explicar o "dualismo dos dois irmãos hostis: o sonho e a teoria" <sup>3</sup>.

Finalmente devemos alertar que a todo momento procuramos acompanhar a própria ambiguidade do texto bachelardiano. Ambiguidade que se manifesta, por exemplo, no tratamento que dá ao símbolo ao longo de sua obra em que, se por momentos compartilha da concepção de E. Jones, em outros emprega muito claramente Jung. E em outras ainda critica aquela que em sua opinião seria a concepção psicanalítica: por ela os símbolos seriam tratados como se fossem conceitos porque, uma vez descoberto seu significado inconsciente, seriam reduzidos a instrumentos de análise, a "conceitos explicativos". O método psicanalítico, enfim, daria um sentido concreto e definitivo a um símbolo particular <sup>4</sup>. Aí mesmo escreverá, distinguindo imagem de símbolo - distinção, lembramos, que não existe na concepção junguiana da qual ele por vezes compartilha, como dissemos -, que a noção de símbolo é muito intelectual e não pode atingir a primitividade do imaginário <sup>5</sup>.

Tal é a poética de Bachelard: um conjunto de obras espalhadas por toda uma vida e que nem sempre sobre elas podemos afirmar uma coerência interna a um possível sistema que faria sua poética. Mas nem era esse seu objetivo.

---

<sup>3</sup> Bachelard, Gaston - El aire y los sueños. Ensayo sobre la imaginación del movimiento-México, Fondo de Cultura Económica, 1972, p. 94.

<sup>4</sup> Cf. Bachelard, G. - op. cit., pp. 30-31

<sup>5</sup> Cf. Bachelard, G. - op. cit., p. 129

Bachelard ou o dia e a noite... Homem noturno profundamente influenciado pelo surrealismo, leva a "Imaginação transcendental" a um desenvolvimento que não conhece limites. Certamente mais que a imaginação formal de KANT (Capítulo II), porque em Bachelard ela é "material e dinâmica". De qualquer modo, em um como no outro, essa imaginação, em seus fins estéticos, se caracteriza por ser eminentemente criadora e totalmente liberada da atividade conceitual.

Na obra do lógico-matemático GOTTLOB FREGE (Capítulo III), atualmente considerado um dos fundadores da lógica moderna, a problematização das relações de imagem e conceito está inserida em sua tentativa de demarcação das fronteiras do lógico e do psicológico.

Seu projeto fundamental consiste na elaboração de uma "ideografia": uma linguagem que deveria substituir a linguagem comum cuja imperfeição é origem de muitos equívocos tornando-a, conseqüentemente, inadequada para uso científico.

Em fins do século XIX a filosofia vai se deslocando do "sujeito", da "consciência", para a linguagem, concebida como a possibilidade de acesso a um "conteúdo mental" até então permitido somente à introspecção. A filosofia se impõe a tarefa de descrever e explicar a estrutura da linguagem, e discutir os novos problemas que emergem dessa abordagem.

Frege, tomando a si a tarefa de expulsar o "psicologismo" da lógica - e da matemática - concebe a linguagem de modo diferente. É possível dizer que se para muitos filósofos a linguagem é expressão de uma operação mental, para Frege ela será fundamentalmente expressão da objetividade.

Buscou fundamentar a Aritmética em noções específicas à Lógica, o que implica em criticar qualquer tentativa de fundá-la num psicologismo. Daí ter ele partido, em sua definição de número, da noção lógica de conceito.

O antipsicologismo penetra toda sua obra, conduzindo-o a rigorosas distinções subseqüentes. Alinha-se ele numa antiga polêmica que há muito vinha sendo travada pela Lógica, que já se impunha aquela discussão sobre seu "objeto" nos limites da psicologia.

Tem ele como um de seus princípios fundamentais,

que os conceitos não são imagens ("representações mentais") e, do mesmo modo, o significado. Enfatiza sempre que a lógica não pode ser reduzida à Psicologia, criticando Husserl precisamente por ter tentado tal redução ao conceber o número como uma representação.

O "Pensamento" (no sentido freudiano) ou melhor, o "objetivo-não-real", vem precisamente resolver esse problema do limite da psicologia com a lógica, já que se constitui no domínio próprio à esta última.

LACAN (Capítulo IV), modificando o algoritmo de Saussure, vem acentuar a barra resistente à significação que separa o significante do significado, propondo uma relação de independência que o significante manteria com a significação. Ou melhor, talvez deveríamos nos referir à relatividade dessa autonomia, já que ela vai depender precisamente da resistência exercida pela barra<sup>6</sup>. Esses conceitos serão fundamentais em nossa análise do método de Robert Desoille.

Não vamos nos deter em longas considerações históricas sobre as origens do RED bem como às de seu criador (Capítulo IV). Talvez fosse apenas necessário traçar uma espécie de resumo técnico - baseando-nos no livro de Desoille: Lecções sobre ensueño dirigido em psicoterapia -, considerando-se o seu quase completo desconhecimento em nosso meio.

O sujeito é convidado a fazer um devaneio durante o qual ele vai expressar os seus sentimentos por imagens, o que exigiria dele um esforço menor do que a expressão em "linguagem convencional". Tanto quanto possível deve-se eliminar "todo esforço muscular" bem como "toda excitação sonora e luminosa". Daí ser mais indicada a "posição horizontal na penumbra e no silêncio".

O terapeuta então sugere uma "imagem de partida" que o sujeito deverá complementar, contextualizar criando um cenário imaginário que vai ser compartilhado com o psicoterapeuta. Este deverá intervir durante o sonho acordado funda

---

<sup>6</sup> Cf. Jirkins, J. - La derivación de un término como construcción de un concepto. El significante, p. 77.

mental e necessariamente através de sugestões de deslocamentos ao longo de um eixo vertical imaginário, sugerindo ascensões e descensos. O básico da sugestão é sempre a incitação ao movimento e o estímulo à imaginação.

Desoille isolou alguns desses temas de partida que não cobrem senão o princípio do tratamento e são por ele recomendados não somente por seu "valor exploratório" e mesmo "reconstrutivo", mas porque "seu desenvolvimento descreve em linguagem simbólica a história do paciente" (p.86).

A "primeira imagem visual de partida" em geral sugerida para o homem é uma Espada e para a mulher um Vaso. Desoille escreve que em "linguagem simbólica" propor essas imagens implica em formular a pergunta: "que pensa você de sua virilidade (ou sua feminilidade) ?", entendendo-se ambas palavras em seu sentido mais amplo (pp.95-96). Em resumo, os "temas ascensionais" da espada e do vaso relatam "simbolicamente" a "idéia que os pacientes se forjam de si mesmos" (p.123). A segunda imagem sugerida será uma descida às profundidades do mar que "implica penetrar nas zonas mais obscuras de nosso ser, tomar contacto com os aspectos mais instintivos de nossa afetividade" (p.125). Nas terceira e quarta sessões de sonho, exploram-se as "relações com os outros" através da Gruta da Bruxa e a Gruta do Bruxo respectivamente, para o homem, invertendo-se essa ordem no caso de o sujeito ser mulher. O quinto tema de partida é o "Dragão da Fábula" que pode ser uma "representação do que os freudianos chamam de super-ego" (p.135).

Servirão como temas de partida no curso do tratamento, não somente essas imagens iniciais, como também imagens de sonhos noturnos que deveriam ser mais exploradas, bem como imagens espontaneamente sugeridas pelo próprio sujeito <sup>7</sup>.

Desoille comprova que o "estilo" (p.94) das imagens muda à medida que avança o tratamento. Em resposta às sugestões de deslocamento feitas pelo terapeuta, "passarão das representações frequentemente dramatizadas dos problemas da vida real às criações mais fantásticas do mundo da fábula, para

---

<sup>7</sup>. Atualmente o repertório desses temas iniciais vai muito além desses cinco propostos por Desoille.

culminar em representações luminosas".Ele traça o seguinte quadro:

1. Imágenes de la vida real
2. Imágenes de la Fábula (o mitológicas) de la ascensión - hadas, ángeles, arcángeles, Dios Padre, la Virgen, etc -
3. Imágenes místicas de la ascensión, que llevan a visiones de fuentes de luz, acompañadas de sentimientos de paz y amor, y, a veces, de presencia.
4. Imágenes de la Fábula (o mitológicas) del descenso - gnomos, dragones, demonios, etc. -
5. Imágenes místicas del descenso, que llevan a la visión de brasas que no queman (en las grandes profundidades, estas imágenes no suscitan angustia); dan al paciente una impresión de fuerza cósmica de la que él participa sin que la sienta como buena o mala (p.95).

As sessões de sonho acordado propriamente dito se completarão por sessões em que o sonho será analisado, bem como os sonhos noturnos feitos nos intervalos das sessões. Pe- de-se ao paciente que traga sempre por escrito os sonhos, para que o terapeuta, comparando suas notas com o texto oferecido pe lo paciente, possa assinalar quando este esqueceu ou passou por alto algumas representações (p.112).

En 1968 ,dois anos após a morte de Desoille, foi fundado o GIRED (Groupe International du Rêve Éveillé Dirigé de Robert Desoille), com sede em Paris tornando-se o ponto de convergência das pesquisas realizadas por todos aqueles que se interessam pelas pesquisas do RED.O GIRED possui um órgão de difusão de trabalhos sobre o RED:a revista "Etudes Psychothérapiques" e promove a formação de psicoterapeutas do RED.Ao mesmo tempo vem criando, em vários países, grupos de representantes que realizem a difusão do método e proporcionem a oportunidade para a formação de psicoterapeutas.Atualmente há grupos do GIRED em atividade na Alemanha,Bélgica,Israel,Itália,Suíça , Portugal,Estados Unidos,Uruguai,Argentina e Brasil<sup>8</sup> .

---

<sup>8</sup>-Loyello,Washington - Sonho acordado em Psiquiatria,in publicação do Forum Internacional sobre Sono,realizado em maio/1981 na UERJ.



A novidade dos problemas levantados tem estimulado vários níveis de pesquisas - teórico, clínico, metodológico e técnico -, que refletem uma constante preocupação com o aprofundamento naquilo que é específico a um processo psicoterápico e analítico pelo RED.

Finalmente, gostaríamos de alertar para um problema que nos acompanhou ao longo de nossa pesquisa. Tratando-se de trabalho conceitual, não haveria melhor prova da pertinência da leitura que fazíamos do que a seleção da própria palavra do autor, a quem recorriamos sempre buscando deixar claro o fio condutor de uma reflexão crítica e também deixar registrado o contexto de onde emergiam nossas conclusões. Não pudemos dar ao problema melhor solução que aqui conseguimos apresentar, pois ao caráter de prova que atribuímos à palavra do autor, vem se somar o seu estilo próprio de se posicionar diante desta ou daquela tese. É assim que Bachelard não fixa definições: ele devaneia. Não circuncreve muito rigidamente suas teses em estreitas definições: Bachelard faz confidências. Por outro lado Lacan, como o poeta, joga com as palavras, usa e abusa da polissêmia da linguagem e, nossa tentativa - necessária e indispensável em seus fins acadêmicos - arrisca-se muito a mutilar o seu texto, amputando-lhe significações para as quais potencialmente enviaria. E, finalmente Desoille, com seu estilo livre, mutável, vem nos informar sobre as dificuldades encontradas na teorização de um método psicoterápico original.

## 2 - GASTON BACHELARD E A "IMAGINAÇÃO CRIADORA"

### 2.1 - O OBSTÁCULO EPISTEMOLÓGICO

"Mas não é apenas no plano das imagens que a imaginação trabalha. No plano das idéias, ela também cresce em excesso. Há idéias que sonham. Certas teorias, que se acreditam científicas, são grandes devaneios, devaneios sem limites" (A Poética do Espaço, p. 92)

"Mas quando o pensamento repousa, as imagens velam" (Bachelard).

"uma gaveta vazia é inimaginável. Pode apenas ser pensada" (A poética do Espaço, p. 19).

Poderíamos multiplicar as citações nas quais Bachelard nos adverte sobre a dicotomia de seu duplo materialismo: racional e onírico. Do ponto de vista do conhecimento científico a imaginação tem um valor negativo: instauradora do onirismo, torna-se um bloqueio à atividade científica. O devaneio se constitui num "obstáculo epistemológico" que deverá ser superado para que finalmente possa emergir o conhecimento científico: essa é a função da "psicanálise do conhecimento objetivo" isto é, romper os laços afetivos e sentimentais do sujeito na sua relação com o objeto. Inversamente, qualquer abordagem racionalizante deve ser expulsa da imaginação: assim como "os poemas escondem os teoremas"<sup>1</sup>, "toda obra que não é ditada pelas forças inconscientes é estranha à arte"<sup>2</sup>.

Tal "rivalidade" entre imagem e conceito é mesmo uma exigência da epistemologia bachelardiana: a atividade da imaginação caracterizaria o período pré-científico, com o qual a

---

<sup>1</sup>. Bachelard, Gaston - A Psicanálise do Fogo-Lisboa, Editorial Estudos Cor, p. 10.

<sup>2</sup>. Quillet, P. - Introdução ao Pensamento de Bachelard - RJ Zahar editores, 1977 - p. 94.

racionábilidade, que se desloca na região do conceito, estabelece u  
ma ruptura epistemológica.

Por isso, quem quiser

"seguir o extraordinário desenvolvimento do pensamento científico deve romper definitivamente com os laços da imagem e do conceito"<sup>3</sup>.

Bachelard introduz a noção de "obstáculo epistemológico" (La Formation de l'esprit scientifique - 1937) afirmando que os obstáculos que se apresentam ao conhecimento científico não lhe são externos ou provenientes de alguma debilidade dos sentidos: aparecem no ato mesmo de conhecer, sob a forma de conhecimentos anteriores, evidências do senso comum, imagens primeiras. Daí que

"cuando se presenta ante la cultura científica, el espíritu jamás es joven. Hasta es muy viejo, pues tiene la edad de sus prejuicios"<sup>4</sup>.

O senso comum é o primeiro obstáculo que o conhecimento científico deve superar - nada pode se fundar sobre a opinião, escreve Bachelard: antes de tudo é necessário destruí-la (p.16). Tal como o senso comum, também as imagens devem ser destruídas, já que "l'image première est la concrétion d'une émotion première", escrevia ele em Lautréamont (1940)<sup>5</sup>. A fascinação acompanha a imagem, bloqueando a aproximação em relação ao objeto:

---

3. Bachelard, Gaston - A Poética do Espaço - R.J., Livraria Eldorado, p.182.

4. Bachelard, Gaston - La Formación del espíritu científico - México, siglo veintiuno editores, 1976 - p.16

5. Bachelard, Gaston - Lautréamont - Paris, Librairie José Corti, p.137

"O pitoresco da imagem arrasta à adesão à uma hipótese não verificada" <sup>6</sup>.

A experiência primeira suscita devaneios, pois nela apenas projetamos nossa subjetividade. Um "esbanjamento" de imagens sempre acompanha a observação básica, diante do que não há outra coisa a fazer que maravilhar-se: entre a observação básica e a experimentação não há continuidade, mas ruptura <sup>7</sup>.

Mas as imagens, além de "obstáculos epistemológicos", são ainda tidas por "obstáculos pedagógicos", já que são "centros de falso interesse":

"En nuestras clases elementales lo pitoresco y las imágenes producen los mismos estragos... En resumen, en la enseñanza elemental las experiencias demasiado vivas, con exceso de imágenes, son centros de falso interés" <sup>8</sup>.

O ponto de vista subjetivo, estando impregnado de afetividade, de "valores afetivos", deve ser radicalmente "exorcizado" da atividade científica: todos os mitos e valorizações implicados na relação de conhecimento entre sujeito e objeto devem ser exorcizados. Assim afeto, sensação, enfim

"...todo vestígio de valorização é um mal sinal para um conhecimento que tende à objetividade. Um valor, neste campo, é o signo de uma preferência inconsciente... Uma psicanálise do conhecimento objetivo deve resistir a toda valorização. Não somente transmutar todos os valores: deve desvalorizar radicalmente a cultura científica" <sup>9</sup>.

Não poderia mesmo ser diferente já que a valori-

---

<sup>6</sup>. Bachelard, Gaston - La formación del espíritu científico - México, siglo veintiuno editores, 1976, p. 43.

<sup>7</sup>. Bachelard, Gaston - op.cit., p. 22

<sup>8</sup>. Bachelard, Gaston - op.cit., pp. 46 e 47

<sup>9</sup>. Bachelard, Gaston - op.cit., p. 78

zação é ato da imaginação. Ela valoriza "les échanges matériels de l'homme et des choses"<sup>10</sup>.

Valorizar é atribuir um valor ao sensível: admira da diante da qualidade sensível, a imaginação a valoriza, o que é muito diferente de conhece-la: o valor, pois, é fruto da "admiração", não do conhecimento. Isso significa que é sobre a imaginação que recai a sedução do sensível, é a ela mesma - e não a razão - que ele endereça o seu apelo: o sensível, não se trata e mesmo de conhecê-lo, mas apenas valorizá-lo, porque o próprio conhecimento (científico) exige uma ruptura com o (conhecimento) sensível.

"En nuestra opinión, hay que aceptar para la epistemología el siguiente postulado: el objeto no puede designarse de inmediato como 'objetivo'; en otros términos, una marcha hacia el objeto no es inicialmente objetiva. Hay que aceptar, pues, una verdadera ruptura entre el conocimiento sensible y el conocimiento científico"<sup>11</sup>.

Ruptura que deveria ser entendida exatamente como tal: a região imaginária sobre a qual se inscreve a mentalidade pré-científica não prepara de modo algum a ciência contemporânea; apenas impede a sua emergência na qualidade de "obstáculo epistemológico":

"Pero desde ahora podemos afirmar que las doctrinas filosóficas y alquímicas relativas a los elementos son doctrinas de imágenes y no doctrinas de experiencias. La alquimia, repitamoslo, no prepara en modo alguno a la química: la obstaculiza"<sup>12</sup>.

Essa mesma ruptura será ainda situada em La Philosophie du Non (1940) por uma divisão da realidade em dois

---

10. Bachelard, Gaston - La terre et les rêveries du repos - Paris Librairie José Corti, 1969 - p.67.

11. Bachelard, Gaston - La formación del espíritu científico-México, siglo veintiuno editores, 1976-p.282.

12. Bachelard, Gaston - El Materialismo Racional - Buenos Aires, Editorial Paidós, 1976 - p.94

mundos: o mundo vivido e o mundo representado:

"Existe rotura entre o conhecimento sensível e o conhecimento científico. Lemos a temperatura num termômetro; não a sentimos. Sem teoria nunca saberíamos se aquilo que vemos e aquilo que sentimos correspondem ao mesmo fenômeno"  
13.

Isso significa que

"O mundo em que se pensa não é o mundo em que se vive"<sup>14</sup>.

Ora, essa mediação da teoria é mesmo definidora da ciência contemporânea, a ponto desta assumi-la como uma exigência legal:

"Em todas as circunstâncias, o imediate deve ceder ao construído"<sup>15</sup>.

Finalmente, o conhecimento científico domina o sensível ao invés de se reduzir a ele:

"Para ficar rigorosamente claro, acreditamos poder romper com o postulado mais ou menos explícito que pretende que todo conhecimento é redutível, em última análise, à sensação... A dominação do sensível opõe-se à redução ao sensível por um traço característico do racionalismo"<sup>16</sup>.

A emergência da objetividade só se torna possível pela ultrapassagem desses obstáculos que são as evidências primeiras, a sensação, o senso comum, as imagens, tanto quanto pelo abandono das atitudes - de "admiração", "êxtase", "simpatia" -

<sup>13</sup>. Bachelard, G. - A filosofia do não - S.P., Abril Cultural, 1978 p.7 (Os Pensadores).

<sup>14</sup>. Bachelard, G. - op.cit., p.67

<sup>15</sup>. Bachelard, G. - op.cit., p.87

<sup>16</sup>. Bachelard, G. - O Racionalismo Aplicado - R.J., Zahar editores, 1977, p.133.

que as veiculam, em benefício de uma "vigilância hostil", a única capaz de conduzir a uma "atitude verdadeiramente objetiva".

"Toda objectividade, devidamente verificada, desmente o primeiro contacto com o objecto... Em lugar de se extasiar, o pensamento objectivo deve ironizar. Sem esta vigilância hostil, nunca atingiremos uma atitude verdadeiramente objetiva"<sup>17</sup>.

Diante da imagem e no campo imaginário devemos maravilhar-nos. Diante da imagem e na região do conceito, devemos hostilizá-la. Como se vê, na obra de Bachelard a imagem se opõe ao conceito até mesmo pela atitude que exige de nós quando estamos em sua presença, atitude que vai depender de estarmos situados num ou noutro campo. Quer dizer, quando estamos no "reino da imagem", nossa atitude perante ela deve ser de "maravilhamento", de "admiração", de curiosidade. A imagem desperta em nós inúmeras emoções, exigindo-nos que as desfrutemos apenas e exaustivamente.

Esse desfrutar de emoções, inteiramente necessário quando estamos no campo imaginário, é radicalmente vedado ao cientista; na região do conceito nossa atitude perante a imagem deve ser de uma "vigilância hostil".

"Precisamos pois, de opor ao espírito poético expansivo, o espírito científico taciturno, para o qual a antipatia prévia representa uma precaução salutar"<sup>18</sup>.

Para dizê-lo rapidamente, a objetividade só se torna possível se estamos fora dessa região imaginária onde

"as divagações se sobrepõem ao pensamento, onde os poemas escondem os teoremas"<sup>19</sup>.

---

<sup>17</sup>. Bachelard, G. - A Psicanálise do Fogo-Lisboa, Estúdios Cor, p. 10.

<sup>18</sup>. Bachelard, G. - op.cit., p.10

<sup>19</sup>. Bachelard, G. - op.cit., p.10

Sedutora região imaginária cuja superação pela racionalidade virá exigir uma "psicanálise especial" :

"Daí que toda cultura científica deva começar, como explicaremos amplamente, por uma catarse intelectual e afetiva"<sup>20</sup>.

Mas temos falado até aqui dessa rivalidade sem inseri-la numa dialética muito precisa pela qual Bachelard situa a imagem como um não conceito ou, melhor seria dizer, o conceito como uma não imagem - com o que se enfatiza sua função de certo modo mais nobre no conhecimento objetivo do que a de ser apenas engodo e falsificação. Refiro-me à sua promoção à categoria de obstáculo epistemológico, com o que adquire a função de sugerir nãos, a partir dos quais o conceito será forjado.

Dizemos, pois, uma função mais nobre, porque nos remete a essa dialetização radical das relações internas de imagem e conceito, com o que deixam de se situar numa oposição estanque, já que colocados em relação.

No conceito retificado nada permanece da imagem; ou melhor, só sobra tudo que foi eliminado da imagem, que é o que já estava muito mais perto do conceito do que das características da imagem. O que é eliminado da imagem, portanto, permanece no conceito. O conceito se constrói através de sucessivas destruições das imagens primeiras:

"Aquilo que se elimina da imagem deve, em qualquer aspecto, encontrar-se no conceito retificado"<sup>21</sup>.

A ruptura entre o conhecimento comum e o conhecimento científico será retomada em 1952 (Le Materialisme Ratio - nnel), agora em relação à filosofia que é conveniente a um e a

---

<sup>20</sup>. Bachelard, G. - La Formación del espíritu científico - México siglo veintiuno editores, 1976 - p.21.

<sup>21</sup>. Bachelard, G. - A Filosofia do Não - SP: Abril Cultural, 1978 , p.84 - (Os Pensadores).



outro. Novamente a dialetização aparecerá como exigência da atividade científica:

"Entre el conocimiento común y el conocimiento científico la ruptura nos parece tan neta que esos dos tipos de conocimiento no podrían tener la misma filosofía. El empirismo es la filosofía que conviene al conocimiento común... Por el contrario, el conocimiento científico es solidário con el racionalismo y, quera o no, el racionalismo está ligado a la ciencia, reclama fines científicos"

Tal o estatuto do imaginário quando situado em relação à região do conceito: erro, engodo, falsificação, numa palavra, ilusão, no que se refere ao conhecimento do objeto. E ainda um pouco mais do que tudo isso a partir do momento em que é situado como um obstáculo epistemológico, pelo que funcionaria como uma espécie de fermentação dialética do processo de conceitualização: obstáculo epistemológico porque é contra esse imaginário que se aproxima do objeto, vale dizer, contra a subjetividade que se reflete na imagem é que a ciência vai abrindo o seu caminho em direção ao objeto.

Daí dizermos que o benefício maior que a própria atividade científica extrai dessa rivalidade entre o imaginário e a região do conceito - rivalidade, repetimos, que é uma exigência da epistemologia bachelardiana e que, como tal, nunca esteve ausente do conjunto de sua obra - , é a própria emergência da objetividade.

Teríamos traído a concepção de Bachelard sobre a imagem ao situá-la aqui em torno à noção de obstáculo epistemológico? Quer dizer, seria lícito marcar esse imaginário pela ilusão, quando é ele mesmo quem afirma, em 1952,

"Como já dissemos muitas vezes, a imagem da imaginação não está submetida a uma verificação pela realidade"<sup>23</sup> ?

22. Bachelard, G. - El Materialismo Racional - Buenos Aires, Editorial Paidós, 1976 - p.345

23. Bachelard, G. - A Poética do Espaço - R.J. : Livraria Eldorado p.75.

E também:

"...já que a imaginação não se engana nunca, já que a ima  
ginação não tem que confrontar uma imagem com uma realidi  
dade objetiva" <sup>24</sup>?

Deveríamos entender tais afirmativas como uma in  
validação da tese aqui sustentada quanto ao estatuto da imagem,  
desde que referida ao conceito e ao objeto, a realidade objetiva,  
é de ilusão? Ou ainda, deveríamos atribuir essa aparente contra-  
dição à evolução da sua própria concepção?

Pensamos que não se trata nem de um nem de outro  
porque as palavras acima citadas falam exatamente do lugar da  
rivalidade. Quando ele escreve que a imaginação não está submetida  
a uma verificação pela realidade, aí está pressuposta a dis-  
tinção radical, a rivalidade entre os campos imaginário e conceitu  
al: a referência da imagem não é o objeto, a função da imaginação  
não é referir-se a uma realidade objetiva, porque essa riva-  
lidade é também uma exigência primeira de sua poética, como vere-  
mos adiante. O que não significa que, no momento em que a imagi-  
nação buscar essa referência, vá abandonar seu estatuto de ilu-  
são.

É portanto a essa dupla exigência, ou melhor, a es  
sa exigência de dupla face, que se refere ele naquelas palavras  
citadas. A imagem não tem que ser confrontada com a realidade ob  
jetiva: deve ser acompanhada em sua dinâmica específica, porque e  
la tem um dinamismo e um ser próprios:

"pede-se ao leitor de poemas para não tomar uma imagem  
como objeto, menos ainda como substituto do objeto, mas  
perceber-lhe a realidade específica" <sup>25</sup>.

---

24. Bachelard, G. - op.cit., p.119

25. Bachelard, G. - op.cit., p.7

Eis aí definida uma condição tando do devaneio - pois a imagem tem um ser próprio; quanto da ciência - pois essa imagem é valor e, como tal, nunca poderá ser objetiva. Pelo que se vê que a rivalidade é benefício à subjetividade ao mesmo tempo que à objetividade.

Enfim, não se trata de ilusão porque a imagem não tem que se expandir pela região do conceito. Mas na medida em que extrapole esses limites muito claramente demarcados, vai incorporar todas as implicações contidas na função "obstáculo e - pistemológico".

## 2.2. - NATUREZA X CULTURA: O MATERIALISMO IMAGINÁRIO

"O homem é uma criação do desejo, não uma criação da necessidade" (A Psicanálise do Fogo)

"Y volvemos así, por los caminos más diversos, a esa dialéctica de naturaleza y de cultura" (El Materialismo Racional).

Dialética, é preciso que seja dito desde já, que é constituinte da própria condição humana:

"El hombre es hombre por su poder cultural. Su naturaleza es poder salir de la naturaleza merced a la cultura, poder dar, en él y fuera de él, realidad a la facticidad"<sup>26</sup>.

Materialismo imaginário e materialismo racional se opõem na medida mesma dessa dialética. O conceito é constru-

---

<sup>26</sup>. Bachelard, G. - El Materialismo Racional - Buenos Aires, Ed. Paidós, 1976 - p. 54

ção, a racionalidade é uma conquista, enquanto que a imagem é dada espontaneamente:

"O caráter anormal da imagem não quer dizer que ela seja artificialmente fabricada. A imaginação é a faculdade mais natural que existe" <sup>27</sup>.

Assim, a ruptura entre ciência e pré-ciência vem situar-se no interior dessa dialética que informa esta mentalidade pré-científica articulada com essa imaginação natural -

"la ensoñación precientífica sigue la pendiente de la ensoñación natural" <sup>28</sup>

- contrariamente à ciência contemporânea na qual institui-se

"uma técnica 'não-natural', técnica que não aprende suas lições no exame empírico da natureza" <sup>29</sup>.

A racionalidade pois, é uma conquista sobre o dado natural do mesmo modo que o construído é uma conquista sobre o imediato e o espontâneo. É só no domínio do imaginário que existe submissão às determinações naturais: tal a conclusão daquela que foi sua tentativa de "materializar o imaginário", pela qual ele articula o reino onírico com a natureza, chegando até a formulação de uma "imaginação orgânica". Quer dizer, ele se propõe a

"marcar los diferentes tipos de imaginación mediante el signo de los elementos materiales que han inspirado a las filosofías tradicionales y a las cosmologías anti-

---

27. Bachelard, G. - A Poética do Espaço - R.J.: Livraria Eldorado p.166.

28. Bachelard, G. - El agua y los sueños. Ensayo sobre la imaginación de la materia - México: Fondo de Cultura Económica, 1978 p.145

29. Bachelard, G. - O Racionalismo Aplicado - RJ: Zahar, 1977, p.126

guas. En efecto, creemos que es posible fijar, en el reino de la imaginación, una ley de los cuatro elementos que clasifique las diversas imaginaciones materiales según se vinculen al fuego, al aire, al agua o a la tierra"<sup>30</sup>.

É em *La Psychanalyse du Feu* (1938) - obra que inaugura sua vertente poética - que ele já anuncia a "Imaginação material": partindo de uma relação entre esses quatro elementos materiais e os quatro temperamentos, ele chega a "uma doutrina tetravalente dos temperamentos poéticos":

"...as almas que sonham sob o signo do fogo, sob o signo do ar, sob o signo da água, sob o signo da terra, revelam-se todas bem diferentes... O sonho dispõe de quatro domínios, de quatro ângulos através dos quais parte para o espaço infinito"<sup>31</sup>.

Materializar o imaginário porque submetê-lo à de terminação natural dos quatro elementos materiais, o que pressupõe ainda a não identificação de Imaginação material e Imaginação formal, distinção que Bachelard já estabelece em *L'Eau et les rêves* (1942), lembrando a impossibilidade de separá-las por completo e, ainda, acentuando que a matéria "não é a simples carência de uma atividade formal", mas um princípio que efetivamente pode subsistir sem a forma e ter um valor determinante, causal.

Essa mesma distinção é retomada em *L'Air et les Songes* (1943) quando ele se refere à

"esta asombrosa necesidad de 'penetración' que, más allá de las seducciones de la imaginación de las formas, se propone pensar la materia, soñar la materia, vivir en la ma-

---

<sup>30</sup>. Bachelard, G. - *El Agua y los sueños. Ensayo sobre la imaginación de la materia*-México: Fondo de Cultura Económica, 1978, p. 10.

<sup>31</sup>. Bachelard, G. - *A Psicanálise do Fogo*-Lisboa, Estudos Cor, 1972 pp. 156-157.

teria, o bien - lo que viene a ser lo mismo - materia-  
lizar lo imaginário"<sup>32</sup>.

Detenhamo-nos pois, a partir daqui, junto com Bachelard na Imaginação material que é aquela que tem sua prioridade do ponto de vista da criação, levando-o a formular essa lei das quatro imaginações materiais, "lei que atribui necessariamente a uma imaginação criadora um dos quatro elementos: fogo, terra, ar, água"<sup>33</sup>.

As imagens, quando se oferecem em série, revelam uma "matéria prima". Esse elemento material predominante "rege as crenças, as paixões, o ideal e a filosofia de toda uma vida" pelo que pode fundar uma estética, uma psicologia e uma moral.<sup>34</sup>

Já que é lei da imaginação material "que as imagens variadas se relacionem com uma imagem fundamental"<sup>35</sup>, isto é, que

"bajo sus mil formas, la imaginación esconde una sustancia privilegiada, una sustancia activa que determina la unidad y la jerarquia de la expresión"<sup>36</sup>.

vê-se que o poder determinante desse "fundo imaginário natural" é tal que é ele quem confere uma sintaxe às imagens. Só há uma sintaxe - "uma união continua das imagens" - graças ao elemento material e conforme ao elemento que tem sua "poética específica". Isto é, o elemento material que unifica - em torno à sua poética específica - uma "explosão de imagens" e que pode transfor-

---

32. Bachelard, Gaston - El Aire y los sueños. Ensayo sobre la imaginación del movimiento - México: Fondo de Cultura Económica, 1972, p.17.

33. Bachelard, Gaston - op.cit., p.17.

34. Bachelard, Gaston - El agua y los sueños. Ensayo sobre la imaginación de la materia - México: Fondo de Cultura Económica, p.13

35. Bachelard, Gaston - op.cit., p.66.

36. Bachelard, Gaston - op. cit., p.75

mar uma meditação numa obra poética <sup>37</sup>.

Daí dizermos que materializar o imaginário responde a uma perspectiva determinista também na medida em que se propõe a submetê-lo à lógica - ou, como escreve Bachelard, à "poética"-específica de cada elemento. Esses "harmônios da imaginação" que são os elementos materiais

"ponen en acción grupos de imágenes. Ayudan a la asimilación de lo real disperso en sus formas. A través de ellos se efectúan las grandes síntesis que dan caracteres un poco regulares a lo imaginario"<sup>38</sup>.

Já que o sonho trabalha predominantemente um dos elementos, há lugar para uma "psicanálise material" (El Materialismo Racional), para uma interpretação material dos sonhos que viria situar-se em cooperação com a psicanálise, constituindo-se numa "doutrina complementar" (La Poétique de la Rêverie) .

"junto al psicoanálisis de los sueños tendrá que figurar una psicofísica e una psicoquímica de los sueños ... El elemento material es tan determinante de la enfermedad como de la curación" <sup>39</sup>.

Claro que tais elementos materiais não são matéria que se pretenderia encontrar na "carne dos homens": são "orientação", "tendências psicológicas" orientadas pelas "imagens primitivas". Toda a imaginação converge sobre esta imagem valorizada: há uma "polarização imaginativa" sobre esta imagem - água, ar, terra, fogo. E essa polarização orientará a tendência psicológica. A imagem valorizada terá um valor determinante na vida oní

---

37. Bachelard, Gaston - El agua y los sueños. Ensayo sobre la imaginación de la materia - México: Fondo de Cultura Económica, 1978, pp. 10-11

38. Bachelard, Gaston - El aire y los sueños. Ensayo sobre la imaginación del movimiento - México: Fondo de Cultura Económica, 1972, p. 22,

39. Bachelard, Gaston - El agua y los sueños, p. 12.

rica e poética, enfim, na vida de criação:

"Não se trata aqui de matéria, mas sim de tendência, de exaltação... são os espetáculos e as impressões que deram subitamente interesse àquilo que o não tinha, um interesse ao objeto"<sup>40</sup>.

Elementos materiais que mesmo não sendo matéria, remetem a uma determinação natural a que se submete o imaginário, sendo a própria imaginação definida como uma "faculdade natural" por oposição a uma "faculdade educada" que significa exatamente construída. Ali o primeiro lugar cabe às

"imágenes naturales, las que dan directamente la naturaleza, las que siguen a la vez las fuerzas de la naturaleza, las fuerzas de nuestra naturaleza, las que rescatan la materia y el movimiento de los elementos naturales, las imágenes que sentimos actuantes en nosotros, en nuestros órganos"<sup>41</sup>.

Como se vê, materializar o imaginário ainda por que articulá-lo estreitamente com o corpo, com o biológico, já que a imaginação material imagina

"con las certidumbres de la sensación inmediata, es decir, atendiendo a las grandes lecciones cenestésicas de nuestros órganos"<sup>42</sup>.

---

40. Bachelard, Gaston - A Psicanálise do Fogo - Lisboa: Editorial Estúdios Cor-1972, pp.157-158

41. Bachelard, Gaston - El agua y los sueños. Ensayo sobre la imaginación de la materia - México: Fondo de Cultura Económica, 1978- pp.275-276

42. Bachelard, Gaston - op.cit., p.186



Esse "caráter orgânico das imagens materializadas" se deve a que

"los primeros intereses psíquicos que dejan huellas imborrables en nuestros sueños son intereses orgánicos...Las primeras imágenes materiales nacen de la carne de los órganos"<sup>43</sup>.

A articulação de imagens e órgãos é tão íntima em Bachelard a ponto da imaginação ser definida em *La terre et les rêveries du repos*, como um "comentário imaginado de nossa vida orgânica".

Esse "organicismo fundamental da imaginação", essas imagens fornecidas imediatamente pelas sensações, pelos órgãos, são fonte de fortes convicções - verdadeiras "convicções imaginadas", "convicções encarnadas" estudadas por seu materialismo imaginário. Trata-se da "convicção pela imagem" que é tão ativa quanto a "convicção pela razão e pela experiência" a que se refere o seu materialismo racional: ambas integram a "convicção humana".

"Es necesario entonces estudiar aparte, lejos de la ciencia, un enorme dominio de convicciones que dependen de una especie de materialismo innato, inscripto en todo cuerpo, de materialismo inconsciente, reforzado por experiencias cenestésicas inmediatas. Permanece - mos aqui en el dominio del cuerpo natal, del calor íntimo, de las verdades de la sangre"<sup>44</sup>.

Já em *Lautréamont* Bachelard quis dar o máximo destaque ao "caráter biológico da imaginação". O "tempo da ag<sup>re</sup>são" que caracteriza *Lautréamont* ou melhor, a sua obra, é o tempo da "descontinuidade dos atos", da "explosão dos instantes de de

---

<sup>43</sup>. Bachelard, Gaston - op.cit., p.19

<sup>44</sup>. Bachelard, Gaston - *El Materialismo Racional* - Buenos Aires: Editorial Paidós, 1976-p.37.

decisão". Para dizê-lo em poucas palavras, descontinuidade do instinto que nos insere no domínio natural, biológico, em oposição ao domínio cultural, racional, caracterizados pela continuidade da construção. Daí Bachelard dizer que a imaginação ducassiana é natural, "muscular", e daí que a leitura de sua obra a revela como uma penetração nesses mistérios do sonho biológico.

A própria psicanálise, através de Maria Bonaparte, teria descoberto (na obra de Poe),

"la significación orgánica de muchos temas, proporcionando numerosas pruebas del carácter fisiológico de ciertas imágenes poéticas"<sup>45</sup>.

A formulação bachelardiana da "imaginação orgânica" vem responder à necessidade de conferir a máxima importância psicológica às experiências naturais que são aquelas próprias às relações iniciais mãe-filho: através da imaginação orgânica é a própria relação inicial mãe-filho que emerge na raiz do imaginário:

"Veremos que la criatura que nos nutre con su leche, con su propia sustancia marca con su signo imborrable imágenes muy diversas"<sup>46</sup>.

Enfim, Maternidade e Natureza articulam-se assim tão intimamente através do narcisismo primitivo, pelo qual transformamos a mãe-nutriente - e, por conseguinte, a natureza, já que essa relação encontra-se inteiramente inscrita no domínio biológico, na região do corpo - em um prolongamento nosso:

"Para cada uno de nosotros, la naturaleza no es sino una prolongación de nuestro narcisismo primitivo que, al comienzo, anexo a la madre nutriente y envolvente"<sup>47</sup>.

---

45. Bachelard, G. - El agua y los sueños. Ensayo sobre la imaginación de la materia-México: Fondo de Cultura Económica, 1978 - p. 21.

46. Bachelard, G. - op. cit., p. 178

47. Bonaparte, M. - citada por Bachelard, G.: op. cit., p. 101.

Daí a natureza ser tida como "uma projeção da mãe", ao mesmo tempo em que o "amor filial" é elevado à categoria de hormônio primeiro da imaginação. Não é, pois, o conhecimento do real o que nos faz amá-lo profundamente, escreve Bachelard. O valor fundamental e primeiro é o sentimento. Assim, começando a amar a natureza sem conhecê-la, realizamos nas coisas um amor que está fundado em outra parte"<sup>48</sup>.

Quando a imaginação orgânica valoriza um líquido, apresenta-o exatamente como um líquido orgânico. Sangue ou leite seriam, por exemplo, "imagens orgânicas". Eis aqui, por suas palavras, um exemplo desse "materialismo orgânico tão ativo no inconsciente":

"...para la imaginación material todo líquido es una agua... Si ahora llevamos más lejos nuestra investigación sobre el inconsciente, examinando el problema en el sentido psicoanalítico, tendremos que decir que toda agua es leche. Más precisamente, toda bebida dichosa es una leche materna"<sup>49</sup>.

Como se vê, materializar o imaginário ainda, por que maternalizá-lo, quer dizer, por que articulá-lo estreitamente à Natureza inscrita na relação mãe-filho. Aliás,

"No ha sido un simple deseo de fácil mitología, sino una verdadera presciencia del papel psicológico de las experiencias naturales, lo que ha determinado que el psicoanálisis marcara con el signo de Narciso el amor del hombre por su propia imagen, por ese rostro tal cual se refleja en un agua tranquila"<sup>50</sup>.

---

48. Bachelard, Gaston - op. cit., p. 175

49. Bachelard, Gaston - op. cit., p. 178

50. Bachelard, Gaston - op. cit., p. 39

Materializar o imaginário pois, é submetê-lo à determinação natural veiculada não somente pelos "elementos materiais" como também pelo próprio corpo através das relações iniciais mãe-filho. Enfim, materializar o imaginário é marcá-lo material, maternal e organicamente.

Então, a "Imaginação material" é algo que nos remete para muito além dos quatro elementos e da manipulação da matéria. Por ser definitivamente natural, a imaginação material situa-se no interior do corte epistemológico: rompe com a região do conceito marcada pela continuidade da construção, situando-se assim no interior mesmo dessa "dialética de natureza e de cultura".

### 2.3. - A SOCIALIZAÇÃO INTENSA DA CIÊNCIA X OS VALORES DA SOLIDÃO: A IMAGINAÇÃO TRANSCENDENTAL

"A imagem, com efeito, é menos social que o conceito, ela é mais própria a nos revelar o ser no centro de sua vontade" (Bachelard).

A socialização do saber é uma conquista sobre seu começo individual do mesmo modo que a situação cultural da ciência é uma conquista sobre seu começo natural e que a racionalidade é uma conquista sobre o dado natural e, finalmente que o construído é uma conquista sobre o espontaneamente dado. São todas essas descontinuidades que estão presentes na tese bachelardiana da ruptura entre o conhecimento comum e o conhecimento científico, ruptura que instaura o duplo materialismo: "materialismo imaginário", "materialismo instruído".

Pois é assim como aparece ainda caracterizada em Bachelard a ciência contemporânea: por uma "socialização intensa" que se opõe a todo individualismo do saber. Não levar em conta esse "caráter social" da ciência contemporânea

"es caer en una utopía gnoseológica, la utopía del individualismo del saber"<sup>51</sup>.

Não há lugar, na ciência contemporânea, para uma relação entre sujeito e objeto, isolada de um conjunto de teorias intimamente relacionadas. Se, como já vimos, o imediato deve ceder ao construído, essa relação é, na atualidade da ciência, inteiramente mediada por um corpo conceitual estreitamente articulado.

A essa "situação social" se opõe a solidão do ser do onirismo - solidão radicalizada por uma concepção transcendental da imaginação - , já que

"La imaginación es una fuerza primera. Debe nacer en la soledad del ser imaginante"<sup>52</sup>.

É, pois, imediata, direta, a relação do ser imaginante à sua imagem, que não está mediada por nenhum percurso reflexivo:

"La communication du rêveur et de son monde est, dans la rêverie de solitude, toute proche, elle n'a pas de 'distance'."<sup>53</sup>.

---

51. Bachelard, Gaston - El Materialismo Racional - Buenos Aires: Editorial Paidós - 1976 - p.9

52. Bachelard, Gaston - El aire y los sueños. Ensayo sobre la imaginación del movimiento - México: Fondo de Cultura Económica 1972 - p.222

53. Bachelard, Gaston - La Poétique de la Rêverie - Paris: Presses Universitaires de France - 1968 - p.149

É o isolamento em relação ao real, a não atuação sobre esse real, vale dizer, a contemplação do real, que pode dar asas à imaginação: é da solidão que emerge a atividade imaginária, suspensa por uma atuação sobre o real:

"Pero una vez más, las ideas no son imágenes, las imágenes no preparan las ideas, a menudo las ideas deben luchar contra las primeras imágenes, es decir, romper la inmovilidad de los arquetipos conservados en el fondo del alma... Para separarse de las imágenes es necesario actuar sobre lo real"<sup>54</sup>.

É através da distinção - estabelecida por Bachelard - entre a função do real e a função do irreal que apresentaremos o reino imaginário marcado pelos valores da solidão.

A etimologia, afirma ele em *El Agua u los sueños* (p.31), é incapaz de esclarecer os problemas colocados pela imaginação. Ao contrário, ela obscurece tais investigações na medida em que nos leva a concluir que a imaginação é a faculdade de formar imagens. Mas, observa ainda Bachelard, a imaginação é, ao contrário, a faculdade de deformar as imagens subministradas pela percepção, é a faculdade de formar "imagens que cantam a realidade". A imaginação, antes de formar imagens de uma vida já vivida, já percebida, abre os olhos para uma outra vida, isto é, auxilia a visão e a percepção. Ele chega mesmo à afirmar que vê melhor aquele que imagina melhor.

Isso significa que

"Percibir y imaginar son tan antitéticos como presencia y ausencia. Imaginar es ausentarse, es lanzarse hacia una vida nueva"<sup>55</sup>.

---

54.

Bachelard, Gaston - *El Materialismo Racional* - Buenos Aires: Editorial Paidós - 1976 - p.93.

55. Bachelard, Gaston - *El Aire y los sueños* - México: Fondo de Cultura Económica - 1972, p.12.

O livro *La Terre et les Rêveries de la Volonté* (1948) se aglutina em torno à demonstração de uma tese geral, que é aquela que afirma - contrariamente à qualquer evidência do senso comum - que a percepção está submetida à imaginação, tese que visa opor-se enfaticamente a uma redução das imagens à percepção: a imagem é um ato da imaginação, não da percepção.

Daí ele se referir às "imagens preguiçosas da percepção" e daí que "o que se imagina comanda o que se percebe", pois é o primeiro o lugar que cabe à imaginação na atividade humana. Nessa tese, a percepção, longe de ser fonte de imagens, torna-se apenas um "convite à imaginação".

Radicalmente liberada da atividade racional, a imaginação fica ainda em *El Aire Y los Sueños* (1943) mais explicitamente desligada de qualquer realidade exterior ao ser so-nhante, desligada de qualquer outro já que descolada da percepção - para ser definida como uma força psíquica que nasce na - e da - solidão do ser. E, já que desligada de qualquer outro, deve ser entendida como expressão do si-mesmo. Definitivamente, começa a se precisar cada vez mais como uma faculdade transcendental: a imaginação é anterior à percepção ao mesmo tempo em que sua condição.

"De hecho, la manera como nos escapamos de lo real descubre netamente nuestra realidad íntima. Un ser privado de la función de lo irreal es un ser tan neurotico como el hombre privado de la función de lo real. Puede decirse que una desorden en la función de lo irreal repercute en la función de lo real. Si la función de abertura, que es la que desempeña propiamente la imaginación, se efectua mal, la misma percepción no será penetrante"<sup>56</sup>.

Função de abertura que vem distinguir o imaginário da percepção. Se uma imagem presente não faz pensar numa imagem ausente não há imaginação e sim: percepção, recordação de uma percepção, memória. Por isso a imaginação não se define pelo termo imagem, mas por imaginário, que implica - e é ainda Bachelard quem o afirma -, em abertura, novidade, evasão (não no senti

---

<sup>56</sup> Bachelard, Gaston - op.cit., p.16.

do de fuga da realidade mas sim de fuga de uma forma definida , de fuga à uma paralisação). Por isso ele escreve que quando uma imagem abandona seu princípio imaginário e se fixa numa forma definitiva torna-se percepção, imagem percebida, não imagem imaginada<sup>57</sup>.

Essa mesma distinção entre imaginação e percepção será ainda abordada à luz da diferenciação de imaginação reprodutora e imaginação criadora, pelo que se acentuará sua total independência recíproca: a primeira sendo da ordem da percepção e a segunda aquela que é propriamente imaginária.

Não é, afirma ele em *La Terre et les Rêveries de la Volonté*, como pensam os realistas, a percepção das imagens que determina os processos da imaginação. Isto é, pensam eles que primeiro nós vemos as coisas e em seguida as imaginamos. A imaginação, portanto, faria uma combinação apenas, entre os fragmentos do real percebido - isto é, os dados da percepção -, e as lembranças do real vivido - isto é, os dados da memória. Mas não poderíamos atingir o reino de uma imaginação completamente e por natureza criadora. A atividade imaginativa fica assim limitada a uma simples combinação dos dados de percepção e de memória. E o resultado dessa combinação seria tanto mais enriquecido quanto mais se tivesse visto.

Essa "doutrina realista" será por ele refutada a través da sustentação da tese da primitividade da imaginação criadora e de seu "caráter psiquicamente fundamental". Partindo da distinção entre imaginação reprodutora e imaginação criadora, para somente se deter nas funções psíquicas desta última, ele conclui que a imagem percebida e a imagem criada são "duas instâncias psíquicas" muito diferentes, sendo preciso adotar uma palavra especial para designar a "imagem imaginada". A percepção e a memória são funções da imaginação reprodutora. A imaginação criadora desempenha funções diferentes desta. A função do irreal pertence a ela e é tão útil quanto a função do real. Enquanto esta

---

57. Bachelard, Gaston - op.cit., pp.9-11.



remete a uma realidade marcada pelos valores sociais, a função do irreal remete aos valores da solidão. A imaginação criadora

"appartient cette fonction de l'irréel qui est psychiquement aussi utile que la fonction du réel si souvent évoquée par les psychologues pour caractériser l'adaptation d'un esprit à une réalité estampillé par les valeurs sociales. Précisément cette fonction de l'irréel retrouvera des valeurs de solitude"<sup>58</sup>.

Novamente, agora em *La Terre et les Rêveries du Repos* (1948), ele afirma que a imaginação vai além da percepção, ultrapassa a simples visão, na medida em que ela pode prever, ver além daquilo que nos dá a visão, antecipar, denominando-a "imaginação inventiva". Ele dirá que se a "imagem visual" nasce da visão, a "imagem imaginada" nasce numa instância inconsciente mais profunda.

E, finalmente, em *Poétique de la Rêverie* (1961) ele escreve:

"L'oeil que rêve ne voit pas ou du moins il voit dans une autre vision. Cette vision ne se constitue pas avec des 'restes'"<sup>59</sup>.

Essas imagens imaginadas que nascem numa instância inconsciente, não partem da realidade percebida nem da realidade vivida, esclarece ainda Bachelard: elas partem da intimidade do ser solitário. São, pois, transcendentais.

A imaginação criadora portanto, não "combina" dados de realidade - memória ou percepção - : ela transforma, pela

---

58. Bachelard, Gaston - *La Terre et les Rêveries de la Volonté* - Paris: Librairie José Corti - p.3.

59. Bachelard, Gaston - *La Poétique de la Rêverie* - Paris: Presses Universitaires de France - 1968 - p.149.

sublimação, imagens arquetípicas enraizadas no inconsciente - e não na realidade. Assim, essa "imaginação transcendental", ainda poderíamos dizê-la arquetípica, acompanhando o próprio Bachelard

Por conseguinte, quando Bachelard se refere à tese da primitividade da imaginação está ancorado em um conjunto articulado de noções. A "imaginação criadora" funda-se sobre a tese junguiana dos arquétipos, a tese psicanalítica da sublimação e ainda, a do inconsciente. E ainda, como já vimos, a imaginação transcendental kantiana. A sublimação é tida por Bachelard como um processo psíquico fundamental:

"Par la sublimation se développent les valeurs esthétiques qui nous apparaîtront comme des valeurs indispensables pour l'activité psychique normale"<sup>60</sup>.

Agora, devemos esclarecer o que de outro modo poderia parecer uma contradição ou seja, repetir-se incessantemente a novidade da imagem ao mesmo tempo em que se a vincula a esse imenso déjà-vu da humanidade que são os arquétipos: só uma "sublimação absoluta", a nosso ver, seria capaz de explicar essa que é a novidade absoluta da imagem, tal como a concebe Bachelard. De fato, essa "sublimação pura" ou "absoluta" a que Bachelard se refere em *A Psicanálise do Fogo* e em *A Poética do Espaço*, representaria uma ruptura com qualquer determinação e através dela emergiria um ser absolutamente novo, uma imagem cuja irredutibilidade a um passado ou a uma realidade percebida é total. Em *A Poética do Espaço* essa é

"uma sublimação que não sublima nada, que é desprovida da carga das paixões, liberada do ímpeto dos desejos"<sup>61</sup>.

---

<sup>60</sup>. Bachelard, Gaston - *La Terre et les Rêveries de la Volonté* - Paris: Librairie José Corti, p.5.

<sup>61</sup>. Bachelard, Gaston - *A Poética do Espaço* - R.J.: Livraria Eldorado, p.15.

Nessa mesma obra será recusado à imagem o caráter de "eco de um passado": a imagem poética

"Não é o eco de um passado. É antes o inverso: pela explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa em ecos e não se vê mais em que profundidade esses ecos vão repercutir e cessar. Por sua novidade, por sua atividade, a imagem poética tem um ser próprio, um dinamismo próprio"<sup>62</sup>.

A imagem poética, pois, não é determinada pelo arquétipo, quer dizer, o arquétipo não é a causa da imagem. Ao contrário, a explosão de uma imagem desperta um passado longínquo, provocando-o, fazendo-o ressoar. A questão da causalidade da imagem poética em Bachelard, não pode ser discutida à margem das noções por ele formuladas de "ressonância" e "repercussão".

Mas tais são questões levantadas pelo dinamismo da imaginação. É-nos suficiente, em primeiro lugar demarcá-las e, em seguida explicitar que o determinismo dos arquétipos de que aqui nos ocupamos - que pertence à sua tentativa de materializar o imaginário - sofrerá modificações na medida mesma em que ocorrerá uma mudança no método adotado por Bachelard no estudo do imaginário: da "psicanálise" à "fenomenologia".

Enquanto se trata da imaginação material, imagens e arquétipos permanecem estreitamente vinculados, pois as imagens imaginadas serão, como já vimos, sublimações dos arquétipos:

"Pour nous, le débat que nous voulons engager sur la primitivité de l'image est tout de suite décisif car nous attachons la vie propre des images aux archétypes dont la psychanalyse a montré l'activité. Les images imaginées sont des sublimations des archétypes plutôt que des reproductions de la réalité. Et comme la sublimation est le dynamisme le plus normale du psychisme, nous pourrions montrer que les images sortent du propre fonds humain."<sup>63</sup>.

Talvez pudéssemos resumir definindo que a relação da imaginação com o passado é de natureza dinâmica.

62. Bachelard, Gaston - op.cit., p.5.

63. Bachelard, Gaston - La Terre et les Rêveries de la Volonté - Paris: Librairie José Corti, p.4.

ção da imaginação com a percepção se esclarece, em Bachelard , pelas noções seguintes: "transcendente", porque as imagens, através da sublimação, transcendem os arquétipos. Quer dizer, porque as imagens serão produtos da sublimação dos elementos arquetípicos que são o ar, a água, a terra e o fogo. Mas, ainda "transcendental", porque a imaginação será anterior à e condição da percepção.

Que diferença dessa "imaginação material" com a aquela a que ele se referia em *Le Nouvel Esprit Scientifique* ( 1934), onde a imagem permanecia atrelada, identificada à percepção. Aí o estatuto do imaginário, bem poderíamos resumi-lo assim: o seu limite é nossa retina; quando ele escrevia:

"É preciso não esquecer que imaginamos com nossa retina e não com a ajuda de uma faculdade misteriosa e tod<sub>o</sub> poderosa"<sup>64</sup>.

Agarrada ao visível, ao empírico, essa imaginação nos situa a uma grande distância dessa que nos fala o Bachelard da "poética", quando confere esse máximo poder à imaginação. A propósito, quando ele escreve que

"para muitos espíritos o fogo reveste-se de tal valor que nada limita o seu império"<sup>65</sup>

talvez pudéssemos dizer o mesmo sobre ele em relação à imaginação criadora, apenas acrescentando que é a própria ciência que limita o seu império.

Voltando agora à imaginação definida como transcendental, vimos que as imagens materiais não são produzidas pela percepção; ao contrário, elas surgem desse "fundo humano comum" que é um "fundo imaginário natural"; elas são ainda, anteri-

---

<sup>64</sup>. Bachelard, Gaston - *O Novo Espírito Científico* - R.J.: Tempo Brasileiro - 1968 - p.116.

<sup>65</sup>. Bachelard, Gaston - *A Psicanálise do Fogo* - Lisboa: Editorial Estúdios Cor - p.112

ores à percepção e sua condição. Daí dizermos que essas imagens são transcendentais ou arquetípicas e que a imaginação é projeção; ela

"proyecta impresiones íntimas sobre el mundo exterior"

66

Uma imagem poética é pura especularidade, já que é produzida

"gracias a una proyección del ser que sueña"<sup>67</sup>.

A própria matéria de que nos fala Bachelard - arquetipo do inconsciente - é dita nosso "espelho energético":

"c'est un miroir qui focalise nos puissances en les illuminant de joies imaginaires"<sup>68</sup>.

Poderíamos chamar uma vez mais o testemunho de Bachelard para essa especularidade como característica maior desse imaginário material. Trata-se de *El Agua y los Sueños* (1942) quando ela está muito claramente presente através do "Complexo de Cultura", que aponta exatamente para essa especularidade que confraterniza os "dois irmãos hostis" que são o sonho e a teoria. Esse complexo aponta justamente para a mistura entre imagens e idéias, passando por cima daquela rivalidade que é uma exigência tanto de sua epistemologia quanto de sua poética. São atitudes irrefletidas

---

66. Bachelard, Gaston - *El aire y los sueños. Ensayo sobre la imaginación del movimiento* - México: Fondo de Cultura Económica, p.15.

67. Bachelard, Gaston - *El agua y los sueños. Ensayo sobre la imaginación de la materia* - México: Fondo de Cultura Económica, 1978 - p.138.

68. Bachelard, Gaston - *La Terre et les Rêveries de la Volonté*, Paris: Librairie José Corti - p.23.

"que dirigen el trabajo de la misma reflexión. Se trata, por ejemplo, en el dominio de la imaginación, de las imágenes favoritas, que se suponen tomadas de los espectáculos del mundo y que sólo son proyecciones de un alma oscura. Creyendo cultivarse objetivamente lo que se cultiva son los complejos de cultura. El realista elige así su realidad en la realidad. El historiador elige su historia en la historia"<sup>69</sup>.

A imaginação é distinguida da percepção ao mesmo tempo que nitidamente identificada à projeção: um único movimento cuja especificação da imaginação como uma faculdade transcendental parece dar conta. Quer dizer, um único movimento - a distinção da imaginação em relação à percepção - funda a imaginação transcendental: se a imaginação não trabalha sobre imagens fornecidas pela percepção é porque ela trabalha sobre imagens provenientes do fundo imaginário natural que são os arquétipos ou, melhor, os elementos arquetípicos: água, ar, terra e fogo. Imagens pois, que ao invés de serem recebidas através da percepção, serão projetadas sobre o mundo.

"Tales imágenes no pueden ser producidas por la vista sola; son proyecciones de la imaginación dinámica"<sup>70</sup>.

Para dizê-lo brevemente, descolar a imagem da percepção traz implicitamente a postulação da especularidade do imaginário já que, se não é um outro (um percebido) que é refletido pela imagem, então é sempre o si-mesmo que nela se refletirá: sempre uma subjetividade é que será veiculada pelo imaginário.

---

<sup>69</sup>. Bachelard, Gaston - El agua y los sueños. Ensayo sobre la imaginación de la materia - México: Fondo de Cultura Económico - 1978 - p.33.

<sup>70</sup>. Bachelard, Gaston - El aire y los sueños. Ensayo sobre la imaginación del movimiento - México: Fondo de Cultura Económico - 1972 - p.135.

2.4. - O ENGAJAMENTO NA IMAGEM: A IDENTIFICAÇÃO IMAGINÁRIA

"l'image littéraire est une dialectique si vive qu'elle dialectise le sujet qui en vit toutes les ardeurs" (Bachelard).

"Ha habido incluso mucha gente que se ha ahogado en un espejo" (Ramón Gómez de La Serna, Gustavo el incongruente. Citado por Bachelard

Quando sujeito e objeto estabelecem uma relação de conhecimento, uma relação mediada pela teoria, o devaneio deve ser detido, assim como sonho e pensamento devem ser separados em benefício do conhecimento. Do mesmo modo, quando estabelecem uma relação poética, sonho e pensamento devem continuar a ser separados, mas, agora, o devaneio deve ser prolongado: as valorizações obstaculizam a pesquisa objetiva, mas são verdadeiros fermentos do devaneio:

"...dessas formas misturadas de desejos que tanto podem produzir poemas como filosofias. Estas podem ser más, embora os poemas sejam belos"<sup>71</sup>.

Essa exigência de rivalidade entre o reino imaginário e a região do conceito, nós a denominamos uma exigência de dupla face, na medida em que funda tanto a epistemologia quanto a poética bachelardiana. Enquanto que a objetividade exige que se apague, que se desfaça toda referência ao sujeito, o reino imaginário vem exigir que o ser que imaginá se "engaje" cada vez mais. É essa exigência de dupla face que leva Bachelard a aconselhar que se sonhem os devaneios e que se pensem os pensamentos:

---

<sup>71</sup> Bachelard, Gaston - A Psicanálise do Fogo - Lisboa: Editorial Estúdios Cor - 1972 - p.85.

"Rêver les rêveries et penser les pensées, voilà sans doute deux disciplines difficiles à équilibrer... que ce sont là les disciplines de deux vies différentes. Le mieux me semble alors de les séparer et de rompre ainsi avec l'opinion<sup>72</sup> commune qui croit que la rêverie conduit à la pensée".

Dupla vida: do homem noturno e do homem diurno, que apenas reflete a "dupla situação" de todo psiquismo - tendência à imagem, tendência à idéia - e funda ao mesmo tempo seu também duplo materialismo:

"Así los problemas del materialismo se plantearán tanto más netamente cuanto que realicemos más francamente una total separación entre la vida racional y la vida onírica, aceptando una doble vida, aquella del hombre nocturno y del hombre diurno, doble base de una antropología completa. Una vez realizada la división entre imaginación y razón, se puede ver con mayor claridad establecerse en el psiquismo humano el problema de la doble situación"<sup>73</sup>

A rivalidade é uma exigência da epistemologia porque é ela que preserva a objetividade de projeções subjetivas, impedindo a imaginarização do objeto. Por outro lado, é uma exigência da poética, porque é ela que permite essa participação íntima nas imagens que é tão definidora do materialismo imaginário:

"Une oeuvre comme celle que nous essayons d'accomplir, oeuvre qui veut dégager et classer les images matérielles fondamentales, ne peut pas, comme on le souhaiterait, être entièrement objective. L'image matérielle, plus encore que l'image des formes et des couleurs, se refuse à une objectivité totale, car elle appelle de prime abord la participation intime du sujet. Quand quelqu'un vous parle de l'intérieur des choses, vous êtes sûrs d'entendre les confidences de sa propre intimité"<sup>74</sup>.

<sup>72</sup>. Bachelard, Gaston - La Poétique de la Rêverie - Paris: Presses Universitaires de France - 1968 - p.152.

<sup>73</sup>. Bachelard, Gaston - El Materialismo Racional - Buenos Aires: Editorial Paidós - 1976 - p.34.

<sup>74</sup>. Bachelard, Gaston - La terre et les rêveries de la volonté - Paris: Librairie José Corti, p.233.



Essa exigência de engajamento postulada por sua poética é afirmada inúmeras vezes. É ainda ela que encontramos na base de uma reivindicação de uma leitura que priorizasse as imagens :as idéias são para serem refletidas, enquanto que as imagens são para serem "oníricamente vividas". É o mesmo que ele afirma novamente aqui:

"Esse calor condensado, esse cálido bem-estar amado pelos homens, faz que a imagem passe do nível da imagem que se vê para o nível da imagem que se vive"<sup>75</sup>.

E que reencontramos aqui:

"L'imagination, dans une image sincèrement évoquée, entraîne la participation profonde de l'être"<sup>76</sup>.

Tal participação profunda na imagem, esse engajamento que é uma exigência primeira do reino onírico, foi formulado em *Le Droit de Rêver* em termos de "indução" a que nos devemos submeter: do autor ao leitor deveria haver uma "indução verbal" cujos caracteres seriam os mesmos da indução eletromagnética entre dois circuitos:

"Un livre serait alors un appareil d'induction psychique qui devrait provoquer chez le lecteur des tentations d'expression originale"<sup>77</sup>.

É ainda essa exigência de engajamento que funda a própria mudança de método adotado por Bachelard em sua poética :

---

<sup>75</sup>. Bachelard, Gaston - *A Poética do Espaço* - R.J.: Livraria Eldorado - p.118.

<sup>76</sup>. Bachelard, Gaston - *La Terre et les Rêveries de la Volonté* - Paris - Librairie José Corti - p.203.

<sup>77</sup>. Bachelard, Gaston - *Le Droit de Rêver* - Paris: Presses Universitaires de France - 1970 - p.181.

não se pode ser inteiramente objetivo quando se estuda a imaginação.

Em A Psicanálise do Fogo um matiz racionalista colore toda a sua abordagem do imaginário, levando-o, por exemplo, a se interrogar sobre o que pode existir de real que venha justificar o próprio símbolo: ele se pergunta sobre a base, o "alicerce sensível", "objetivo" do símbolo. Quer dizer, o que há na realidade do fogo enquanto tal, que o situa como símbolo de pureza. Por isso esse livro poderia ser tomado

"como esboço de uma determinação das condições objetivas do sonho"<sup>78</sup>.

Sua intenção pois, é determinar as condições objetivas - vale dizer, que existiriam no próprio objeto - que podem conduzir ao sonho. Para analisar como o fogo se tornou símbolo de pureza,

"temos que descer às suas propriedades nitidamente fenomenais. É este, com efeito, o prego do método escolhido nesta obra, na qual devemos alicerçar todas as idéias em fatos objetivos"<sup>79</sup>.

É preciso ainda acrescentar que ele se pergunta sobre a base objetiva do devaneio, mas a encontra subjetiva: as explicações pseudo-científicas sobre o fogo não se justificam pelo próprio fenómeno fogo, mas sim pela especularidade imaginária: é o sujeito quem se projeta no fenómeno fogo, daí por exemplo, "explicá-lo" por "teorias" em cujo inconsciente predomina uma sexualidade.

Contra esse tom racionalista predominante nesta obra, Bachelard se voltará mais tarde, quando passa a empregar, em

---

78. Bachelard, Gaston - A Psicanálise do Fogo - Lisboa: Editorial Estúdios Cor - 1972 - p.187.

79. Bachelard, Gaston - op.cit., p.176.

sua poética, o método fenomenológico, abandonando simultaneamente o método "psicanalítico" tido por fortemente determinista. Mudança de método que, como já o indicamos, se dá em função exatamente dessa exigência de engajamento na imagem quando se está em sua presença, pois

"Le trajet est le plus court de tous entre le sujet qui imagine et l'image imaginée"<sup>80</sup>,

escreveu ele em *La Poétique de la Rêverie*. Isto significa que trata-se esta de uma relação imediata, "dual" (Lacan) - nada da mediação de teorias. Relação que levará assim a marca da fusão, da indistinção entre sujeito e objeto, verdadeiramente indentificação especular:

"l'imagination n'est rien autre que le sujet transporté dans les choses. Les images portent alors la marque du sujet"<sup>81</sup>.

Essa relação imediata, dissemos que será marcada pela fusão, pela indistinção, pela reversibilidade contínua dos termos nela envolvidos, quer dizer,

"Ao nível da imagem poética, a dualidade do sujeito e do objeto é matizada, iluminada, incessantemente ativa em suas inversões"<sup>82</sup>.

Exigência de participação íntima na imagem postulada por sua poética, que lemos como identificação especular, fusão, confusão. E que novamente encontramos aqui:

---

<sup>80</sup>. Bachelard, Gaston - *La Poétique de la Rêverie* - Paris: Presses Universitaires de France - 1968 - p.131.

<sup>81</sup>. Bachelard, Gaston - *La Terre et Les Rêveries du Repos* - Paris: Librairie José Corti - p.3.

<sup>82</sup>. Bachelard, Gaston - *A Poética do Espaço* - RJ; Eldorado - p.7.

"hay imagen cuando hay transformación del imaginante. Al nivel de la imagen vivida, la relatividad del sujeto y del objeto es total. Distinguirlos sería desconocer la unidad de la imaginación"<sup>83</sup>.

Uma outra forma de dizer a mudança de método adotada por Bachelard na poética é colocar uma das questões que lhe deram origem. Quer dizer, ele considerava impossível explicar pelo "método psicanalítico" a adesão que suscita uma imagem numa alma estranha ao processo de sua criação:

"O poeta não me confia o passado de sua imagem e no entanto sua imagem se enraiza, do imediato, em mim. A comunicabilidade de uma imagem singular é um fato de grande significação ontológica"<sup>84</sup>.

Essa adesão será explicada através das noções por ele formuladas de "ressonância" e "repercussão":

"Na ressonância, ouvimos o poema, na repercussão, nós o falamos, pois é nosso. A repercussão opera uma revirada do ser. Parece que o ser do poeta é nosso ser"<sup>85</sup>.

Como não ver aí na repercussão esse efeito de identificação a que nos referimos? Porque uma imagem pode suscitar uma adesão numa alma estranha ao processo de sua criação se não por um efeito de identificação? Em outras palavras, essa "comunicabilidade" da imagem seria uma espécie de pergunta que endereçaríamos ao imaginário mesmo, encontrando a resposta em sua própria característica especular. Uma imagem pode reagir sobre várias almas pelo efeito de identificação que caracteriza a re-

---

<sup>83</sup>. Bachelard, Gaston - El Aire y los sueños. Ensayo sobre la imaginación del movimiento-México: Fondo de Cultura Económico - p. 154.

<sup>84</sup>. Bachelard, Gaston - A Poética do Espaço - RJ: Eldorado - p. 6

<sup>85</sup>. Bachelard, Gaston - op. cit., p. 9

lação imaginária. Identificação, como já o indicamos, que já estava postulada na própria exigência da vertente poética de engajamento na imagem. A "comunicabilidade" e a "repercussão", enfim, nos situam no seio da identificação especular.

A fenomenologia já começara a aparecer como substituta do método psicanalítico desde A Poética do Espaço (1952), declarado muito adequado ao seu racionalismo mas muito prejudicial para as imagens. Só a fenomenologia -,

"isto é, o levar em conta a partida da imagem numa consciência individual - pode ajudar-nos a restituir a subjetividade das imagens"<sup>86</sup>.

Em La Poétique de la Rêverie (1961) -, o penúltimo livro, escrito no mesmo ano que La Flamme d'une Chandelle -, Bachelard retoma esse tema da substituição do método psicanalítico pelo método fenomenológico, situando-a muito claramente em relação à rivalidade a que temos nos referido sempre. Ele declara sua esperança de ter podido

"refouler nos anciennes préoccupations de culture psychanalytique"<sup>87</sup>

e retoma a temática da rivalidade entre imagem e conceito, no interior da qual situará a sua mudança de método:

"Si je devais résumer une carrière irrégulière et laborieuse, marquée par des livres divers, le mieux serait de la mettre sous les signes contradictoires, masculin et féminin, du concept et de l'image. Entre le concept et l'image, pas de synthèse... Ainsi, images et concepts se forment à ces deux pôles opposés de l'activité psychique que sont l'imagination et la raison. Joue entre elles une polarité d'exclusion. Rien de commun avec les pôles du magnétisme. Ici les pôles opposés ne s'attirent pas; ils se repoussent"<sup>88</sup>.

<sup>86</sup>. Bachelard, G. - op.cit., p.7.

<sup>87</sup>. Bachelard, G. - La Poétique de la Rêverie - Paris: Presses Universitaires de France - 1968 - p.3.

<sup>88</sup>. Bachelard, G. - op.cit., p.p.45-47.

Finalmente gostaríamos de abordar ainda esta exigência de engajamento do imaginário material pelo que ela vem situar a função da imagem que é, pois, de ser imaginada e não, significada. Bachelard vê a imagem em sua função de induzir sonhos. Podemos mesmo dizer que a função nobre da imagem é fazer sonhar: mais do que significar, mais do que ser signo, a imagem deve ser indutora de sonhos. Dar às imagens um valor de signo e de significação é reduzi-las. Essa redução é fruto da função do real. Mas o valor próprio da imagem é de engajamento:

"Alors s'ouvre le jeu infini des images. Il semble que le lecteur soit appelé à continuer les images de l'escrivain; il se sent en état d'imagination ouverte, il reçoit de l'escrivain la pleine permission d'imaginer"  
89.

É desse ponto de vista da significação que os conceitos serão distinguidos das imagens em *La Terre et les Rêveries du Repos*. Ele afirma que enquanto os conceitos estão limitados a uma significação, as imagens tendem precisamente a ultrapassá-la. O problema que se coloca, pois, para um estudo da imaginação, não é o da significação das imagens, mas o da produção das imagens: é o ponto de vista de sua dinamogenia.

"Les images ne sont pas des concepts. Elles ne s'isolent pas dans leur signification. Précisément elles tendent à dépasser leur signification"<sup>90</sup>.

A imagem nos exige uma participação íntima e absoluta, ela é uma força de engajamento do ser. Exigência de engajamento e participação, exigência pois, inerte à imaginação de se referir a um sujeito, contrariamente à objetividade cuja situação é sempre social.

---

<sup>89</sup> Bachelard, Gaston - *La Terre et les Rêveries du Repos* - Paris: Librairie José Corti - 1969 - p.92.

<sup>90</sup> Bachelard, Gaston - *op.cit.*, pp.2-3.

Participação íntima do sujeito nas imagens na medida mesma em que ele aí está inteiramente refletido pela especularidade característica ao imaginário, pois, como já vimos, "as imagens levam a marca do sujeito". Ultrapassando sua significação, as imagens se expandem no devaneio expandindo o ser que nelas se engaja.

Mais uma vez, pois, relação imaginária, onde a função entre os dois únicos termos da relação - o sujeito e a imagem - é tão íntima; a identificação tão operante, a projeção tão maciça que

"la métamorphose devient ainsi la fonction spécifique de l'imagination"

como escrevia ele em Lautréamont <sup>91</sup>, cuja poesia não era para ser compreendida: ela nos exige deixar-nos envolver, penetrar por sua energia, por sua "indução ativa, nervosa" :

"Mais toujours l'être humain, par le poème véritable , doit subir une métamorphose. La fonction principale de la poésie, c'est de nous transformer"<sup>92</sup>.

---

<sup>91</sup> Bachelard, Gaston - Lautréamont - Paris: Librairie José Corti p.153.

<sup>92</sup> Bachelard, Gaston - op.cit. , p.105.

2.5. - A CONTINUIDADE INTER-SISTÊMICA X A DESCONTINUIDADE DO INSTANTE: O SISTEMA CONCEITUAL

"A imagem poética é essencialmente variacional. Ela não é, como o conceito, constitutiva. Sem dúvida, isolar a ação mutante da imaginação no detalhe das variações das imagens é tarefa dura, posto que monótona" (A Poética do Espaço).

Tratando-se *Le Rationalisme Appliqué* (1949) de obra de sua vertente científica, é aí que poderemos encontrar o caráter extremamente complexo do conceito característico da atividade científica contemporânea. Aqui ele se opõe à imagem pelo que tem de construído (enquanto que a imagem é dada); de mediação (enquanto a imagem é imediata); de revelador (enquanto que a imagem - obstáculo epistemológico - é encobridora). E, finalmente, enquanto a imagem é o fugaz produto de um instante, os conceitos integram uma complexa rede de relações.

Os conceitos científicos, escreve Bachelard, só tem sentido "no seio de um interconceitualismo"<sup>93</sup> que significa precisamente essa rede articulada de conceitos "que se definem correlativamente"<sup>94</sup>, Esses "inter-conceitos" são conceitos de "interconexões, de relações absolutamente recíprocas"<sup>95</sup>, ou ainda, como ele escrevia em *La Poétique de la Rêverie*, são conceitos que "não recebem seu sentido e seu rigor mais que em suas relações racionais". Enfim, esses conceitos, "longe de serem resumos de observações, são operadores de informações"<sup>96</sup>.

A instantaneidade da região imaginária nada tem a ver com esse caráter sistêmico da ciência contemporânea, que faz

---

93. Bachelard, Gaston - *O Racionalismo Aplicado* - Rio de Janeiro: Zahar editores - 1977 - p.244.

94. Bachelard, Gaston - op.cit., p.169.

95. Bachelard, Gaston - op.cit., p.169.

96. Bachelard, Gaston - op.cit., p.169.



referência exclusivamente à essas relações laterais de um interconceitualismo, bem ao contrário da participação íntima do sujeito exigida pela imagem.

Bachelard já havia marcado a região do conceito por esse caráter relacional, inter-sistêmico, estrutural quando se referia à des-substancialização do conceito e da própria palavra promovida pelo espírito científico contemporâneo, definindo-os precisamente por sua pertinência a um sistema, por sua integração numa rede de relações, com o que se expulsam as simples definições coisificadoras do campo científico:

"A palavra perdeu o seu ser; ela é o instante de um sistema semântico particular... Não tendo vivido a experiência da mobilidade essencial dos conceitos elementares, o espírito prē-científico afirmava simultaneamente a sua fixidez e a sua realidade"<sup>97</sup>.

Trata-se da sua inserção numa estrutura, num sistema particular onde cada elemento se define por relação ao conjunto dos elementos do sistema. Numa palavra, trata-se de sua contextualização.

O que nos remete de imediato para *Le Nouvel Esprit Scientifique* onde ele, demonstrando a insuficiência da epistemologia cartesiana para dar conta do espírito científico contemporâneo, sustenta serem as complexas noções de base relacionadas entre si aquilo que se opõe ao substancialismo das "idéias simples" cartesianas. O novo espírito científico se caracteriza pela negação da idéia simples. Critica-se desse modo o substancialismo dos conceitos, definidos isoladamente e aos quais, então, se atribuem propriedades. No novo espírito científico, passa-se das idéias simples às relações: os conceitos são tomados como simples "na medida em que se contenta com simplificações"<sup>98</sup>.

---

<sup>97</sup>. Bachelard, Gaston - *A Filosofia do Não* - S.P.: Abril Cultural, 1978 - p.81.

<sup>98</sup>. Bachelard, Gaston - *O Novo Espírito Científico* - RJ: Tempo Brasileiro - 1968 - p.48.

Assim se coloca a ciência atual frente a noção de coisa: é preciso falar de uma realidade coletiva. É preciso renunciar à noção de coisa, de objeto, pois toda qualidade é solidária de uma relação, escreverá ele <sup>99</sup>.

Não há idéias simples, porque uma idéia simples deve ser inserida, para ser compreendida, num sistema complexo de pensamentos e experiências <sup>100</sup>. Contra as cartesianas "idéias simples" - base definitiva do conhecimento em Descartes - Bachelard propõe as "noções de base" que devem ser apreendidas em suas relações <sup>101</sup>. Enquanto que as primeiras tem qualidades e propriedades por si mesmas, independente de suas interações e, por isso mesmo são ditas substanciais, as segundas são solidarizadas numa definição orgânica, ligadas a casos complexos <sup>102</sup> e tem como pressuposto que as propriedades são suscitadas pelo composto e pela relação <sup>103</sup>; ou seja, seu pressuposto maior é que a relação é que determina a estrutura <sup>104</sup>.

Como se vê, a região do conceito é fortemente marcada em Bachelard por essa noção de sistema ou estrutura: um conceito só se define e só se esclarece por sua relação a outro conceito. A inter-relação é fundamental e, mais do que isso, é definidora; na região do conceito é sempre a relação ao outro que o define como conceito.

Ainda, vemos implícita nesse inteconceitualismo tão definidor da ciência contemporânea a demarcação mesmo de uma região do conceito, descolada tanto do "real" sensível e imediato, quanto de um sujeito ordenador do mundo do conhecimento: região do conceito porque é sempre nesse nível puramente conceitual que se situa a referência conceitual. Talvez então, pudéssemos dizer que era já a essa região do conceito marcada pelo interconceitualismo que fazia alusão a tese da divisão em dois mundos a que já nos referimos: mundo vivido e mundo representado.

---

<sup>99</sup> Bachelard, Gaston - op. cit., pp. 112-114

<sup>100</sup> Bachelard, Gaston - op. cit., p. 130

<sup>101</sup> Bachelard, Gaston - op. cit., p. 124

<sup>102</sup> Bachelard, Gaston - op. cit., p. 139

<sup>103</sup> Bachelard, Gaston - op. cit., p. 139

<sup>104</sup> Bachelard, Gaston - op. cit., p. 145.

2.6. - GASTON BACHELARD E O RÊVE ÉVEILLÉ DIRIGÉ DE ROBERT DESOILLE

"Entonces hallar el objeto es verdaderamente hallar el sujeto" (Bachelard).

"De qualquer maneira, todo leitor que relê uma obra que ama sabe que as páginas amadas lhe dizem respeito" (Bachelard)

"Por medio del ensueño ascensional (Desoille) trata de dar una salida a psiquismos bloqueados, de dar un destino feliz a sentimientos confusos e ineficaces... Desearíamos subrayar las tesis importantes de ese libro aprovechando además todas las ocasiones para relacionar con las observaciones de Robert Desoille nuestras tesis personales sobre la metafísica de la imaginación" (El aire y los sueños).

Bachelard dedicou várias páginas de sua poética à análise do método de Robert Desoille, que relacionava com suas teses sobre a "metafísica da imaginação". A essência do método de Desoille - escreverá Bachelard - "consiste em determinar no sujeito que sonha um hábito do onirismo de ascensão"<sup>105</sup>.

De fato, não era Bachelard quem assim vinha arbitrariamente especificar o RED pela "educação à ascensão", caracterizando-o precisamente por promover o hábito da sublimação. Desoille mesmo hipertrofiou essa noção de movimento, de deslocamento vertical no espaço imaginário objetivando a sublimação ascensional na qual chegou a fundar a eficácia de seu método.

---

<sup>105</sup>. Bachelard, Gaston - El aire y los sueños. Ensayo sobre la imaginación del movimiento - México: Fondo de Cultura Económico - 1972 - p.140.

Vertical da imaginação dita por Bachelard uma metáfora, que não é explicada por nada mas que tudo pode explicar. Vertical que referencia inequivocamente o reino da moral:

"No se puede prescindir del eje vertical para expresar los valores morales...: toda valoración es una verticalización"<sup>106</sup>.

Verticalidade que significa ainda transcendência; porque através dela somos transportados a um mundo novo: transcender é sublimar. Através da vertical e da sublimação para a qual ela se dirige, o Rêve Éveillé Dirigé (RED) em especial e a imaginação em geral, adquirem uma dimensão moral.

Bachelard tem a sublimação por um "processo psíquico fundamental": através dela se desenvolvem os "valores estéticos" que são "valores indispensáveis para a atividade psíquica normal"<sup>107</sup>.

Mesmo quando Desoille vem somar à essa ascensão que propõe uma "unidade de futuro", um descenso que libera um "passado doloroso", Bachelard segue fundamentando a eficácia do método na sublimação ascensional, tendo o descenso por algo que prepararia uma sublimação radical:

"Il faut aider le sujet à découvrir, par les images, le noeud secret qui entrave son essor"<sup>108</sup>.

A psicanálise se resumiria em desembaraçar o passado enquanto que a sublimação mais radical promovida pelo RED oferece um futuro ao promover um ideal, um exemplo, um mode-

---

106. Bachelard, Gaston - El aire y los sueños. Ensayo sobre la imaginación del movimiento - México: Fondo de Cultura Económico - 1972 - p.21.

107. Bachelard, Gaston - La terre et les rêveries de la volonté - Paris: Librairie José Corti, p.5.

108. Bachelard, Gaston - op.cit., p.394.

lo a ser seguido pelo sonhante ao despertar. Esse modelo desperta no sonhante uma vontade de seguir em sua vida de vigília o modelo imaginário proposto pela sublimação do RED:

"Imaginación y Voluntad son dos aspectos de una misma fuerza profunda. El que sabe imaginar sabe querer. A la imaginación que ilumina el querer se une una voluntad de imaginar, de vivir lo que se imagina... El sueño despierto, así guiado, llega a utilizar fuerzas oníricas en agitaciones desordenadas y a veces neurotizantes, en provecho de una vida consciente que sabe al fin perseverar en sus actos y en sus sentimientos - porque persevera en sus imágenes"<sup>109</sup>.

Vontade e Imaginação aliadas fundam a eficácia terapêutica do método: o RED serve como exemplo para a vida de vigília do sujeito levando-o a querer igualar ambas vidas: a sonhada e a vivida. É preciso aprender a "igualar sua vida com sua imaginação", afirma Bachelard. A sublimação é, pois, um modelo a ser seguido, um ideal a ser perseguido.

Ao ligar imaginação e vontade, Bachelard desemboca na auto-determinação da consciência: é suficiente querer igualar-se a esse cenário imaginário para que tudo se resolva bem. Não se vê que esse próprio querer vaga em meio ao conflito, quer dizer, não se vê um querer contraditório, não se vê um desejo em conflito. Permanece fora de questão que esse ideal a ser perseguido se transforme na perseguição de um ideal, se mude num ideal perseguidor. Não se vê, nessa subjugação desse eu mais perfeito que é o ideal que se origina na sublimação do RED o anúncio da luta de morte travada entre o Amo e o Escravo que Lacan nos revela com o Estádio do Espelho.

Trata-se pois, essa leitura que faz Bachelard do RED como método reeducativo porque promove um modelo, um exemplo de vida a ser seguido desde que se tenha vontade, de uma leitura que apaga por completo o conflito do desejo, que unifica o sujeito cindido em torno de uma consciência que se auto-determina. Leitura que, é preciso que seja dito desde já, não é estranha ao texto de Descille.

---

<sup>109</sup> Bachelard, G. - El aire y los sueños. Ensayo sobre la imaginación del movimiento-México: Fondo de Cultura Económica, p. 141.

É exatamente em função desse ideal, é exatamente porque o RED fornece um ideal de futuro, uma antecipação do possível, que Bachelard vai distingui-lo da psicanálise: enquanto a psicanálise analisa o passado, a psicossíntese que seria o RED propõe um futuro, oferece uma "puesta en marcha", para retomarmos a expressão bachelardiana:

"El psicoanálisis de Desoille, - que se llamaría con más exactitud psicossíntesis - trata sobre todo de determinar las condiciones de síntesis para una nueva formación de la personalidad"<sup>110</sup>.

Segundo Bachelard, é precisamente essa função re-educativa do RED que explicaria a opção de Desoille pelo sonho em vigília, pelo sonho acordado, em detrimento da hipnose, já que esta, por se fazer acompanhar de amnésia, não poderia ser educativa<sup>111</sup>.

Já se pôde notar que essa noção de deslocamento a través de um eixo vertical imaginário - que se expressa na sigla por DIRIGÉ -, articula-se intimamente com a história do método de Desoille que dela fazia a chave da "cura". Bachelard, assim autorizado pelo próprio texto do criador do Rêve Éveillé Dirigé, funda na sublimação - que se realiza "numa ascensão que abandona a terra" - o poder terapêutico do método. Desoille cura - escrevia Bachelard -, simplesmente restabelecendo a função da sublimação<sup>112</sup>, definida por ele como tarefa da imaginação<sup>113</sup>. O RED seria a integração da sublimação na vida psíquica normal<sup>114</sup>.

Ou seja, conforme Bachelard, o poder terapêutico do RED não se funda na análise ou melhor, ele não faz apelo à uma "psicanálise", a uma leitura do imaginário "puesto en marcha"

---

110. Bachelard, Gaston - op.cit., p.142.

111. Bachelard, Gaston - op.cit., p.146

112. Bachelard, Gaston - op.cit., p.142.

113. Bachelard, Gaston - op.cit., p.143.

114. Bachelard, Gaston - op.cit., p.155.

pela intervenção que o terapeuta faz nesse espaço imaginário. Ao contrário, o método de Desoille ainda vai se caracterizar por prescindir inteiramente dessa "psicanálise".

Para Bachelard o método de Desoille opõe "imagens a imagens" e não, como a "psicanálise clássica" que opõe às imagens "súbitos conceitos", que vai correndo em busca da "significação clara do símbolo, e que assim se apressa em desmascarar as formas simbólicas". Daí ele escrever que o método de Desoille se beneficia de "uma verdadeira homogeneidade simbólica"<sup>115</sup>. Pois, como já vimos, Bachelard se opõe a que se dê às imagens um valor de signo, de significação.

Trata-se - o RED - de uma psicoterapia pelo imaginário em movimento, que abandona as palavras em benefício do reinado absoluto da imagem. Tudo se passa no RED através de imagens. No método de Desoille, segundo Bachelard, a sugestão pela palavra é substituída pela sugestão pela imagem, pela vivência imaginária:

"no permanezca bajo el imperio de las palabras, viva los gestos, vea las imágenes, pero siga la vida de la imagen... Participará usted poco a poco, de sus sueños"  
116.

Enfim

"la imagen cura a la imagen, la ensoñación cura el recuerdo"<sup>117</sup>.

Nesse sentido Bachelard escreve que a função própria da imaginação são os novos sentimentos experimentados quan

---

115. Bachelard, Gaston - La Terre et les Rêveries de la Volonté - Paris: Librairie José Corti, p. 393.

116. Bachelard, Gaston - El Aire y los sueños. Ensayo sobre la imaginación del movimiento - México: Fondo de Cultura Económica 1972 - p. 144.

117. Bachelard, Gaston - op. cit., p. 144.

do se imagina. E é já essa novidade que retifica o passado, não a análise dela:

"La novedad sentimental que viene a añadirse a la personalidad, novedad que es, a nuestros ojos, la función propia de la imaginación, rectificará a menudo por sí misma un pasado mal hecho"<sup>118</sup>.

Já nos referimos à introdução que faz Desoille da polaridade bachelardiana de conceito e imagem no campo psicoterápico, adotando-a como parâmetro para a distinção do seu método em relação à psicanálise. É exatamente essa mesma distinção que viemos encontrar em Bachelard, para quem o RED opõe "imagens a imagens" enquanto que a psicanálise vem violar as fronteiras entre o reino imaginário e a região do conceito, opondo precisamente conceitos às imagens, buscando significar as imagens ao invés de apenas prolongá-las pelo devaneio. Para Bachelard, dar às imagens um valor de signo é reduzi-las.

Já o afirmamos em outra parte: a rivalidade entre conceito e imagem que Bachelard nos apresenta através de pares opositivos que alinham de um lado, materialismo imaginário e, de outro, materialismo racional, é uma exigência de sua obra e, como tal, dela nunca esteve ausente.

Mais do que isso, nós a encontramos mesmo como uma exigência que funda a sua dupla vertente: científica e poética, pelo que a denominamos uma exigência de dupla face.

A rivalidade entre conceito e imagem funda a poética porque é só através dessa oposição radical que pode haver uma participação íntima na imagem por parte do ser imaginante. Essa participação íntima é definidora do reino da imaginação.

Por um lado, ela significa que a relação entre o sonhante e a imagem é imediata: a mediação do conceito nessa que deve ser uma relação direta, impede que se cumpra essa exigência primeira do reino onírico que é o engajamento na imagem. Engaja-

---

<sup>118</sup>. Bachelard, Gaston - op.cit., p.142.



mento que se dá, exatamente, por causa do caráter imediato e "dual" dessa relação. A imagem, não se trata de compreendê-la, de significá-la, mas apenas de sonhá-la, de imaginá-la.

Por outro lado, o engajamento significa ainda que Bachelard estabelece como inerente à imaginação o referir-se a um sujeito, contrariamente à objetividade, cuja situação é sempre social.

Daí dizermos que aquela rivalidade funda também a epistemologia. Quer dizer, a região imaginária - a imagem, portanto -, exige um sujeito que se engaje cada vez mais no seu devaneio, nas suas imagens: eis aqui o engajamento que já dissemos ser definidor do reino imaginário, na obra de Bachelard.

Ora, a epistemologia bachelardiana deixa muito claro que o conhecimento objetivo exige que se apague toda referência ao sujeito. Em sua epistemologia, o sujeito está fora da ciência, nela não permanecendo mais que a objetividade.

Se o sujeito está fora da ciência, como situar a imagem no interior da região do conceito, já que a imagem é o reflexo de uma subjetividade, já que ela não representa outra coisa que o lago em que Narciso se contempla?

Se a rivalidade for desfeita aqui na região do conceito, é a subjetividade que estará penetrando - através da imagem - no domínio objetivo. Rivalizar imagem e conceito, pois, é condição da emergência da objetividade.

Em resumo, na obra de Bachelard a imagem nos revela a presença do sujeito em sua relação com o objeto: o objeto torna-se espelho. Diante da imagem, estamos em presença de um verdadeiro espelho e, quando o objeto é imaginarizado, já não o temos enquanto tal, enquanto objeto, mas sim enquanto sujeito aí refletido.

Daí dizermos que é essa especularidade imaginária que é denunciada pela noção de "obstáculo epistemológico": ela caracterizaria o período pré-científico, período que é puro reflexo das subjetividades que nele se miram. Isto é, a mentalidade pré-científica - descrita por Bachelard (La Formation de l'esprit Scientifique) como muito concreta, intuitiva e pessoal - imaginaria o objeto:

"A fenomenologia primitiva é de natureza afectiva; fabrica seres objectivos con fantasmas projectados pelos sonhos, imagens com desejos, experiências materiais com experiências somáticas, fogo com amor" ,

escrevia ele em A Psicanálise do Fogo<sup>119</sup>. E dizemos que o imaginariza porque o transforma em espelho das subjetividades que nele se miram;

"lo que hay de más inmediato en la experiencia básica, es siempre nosotros mismos, nuestras sordas pasiones, nuestros inconscientes deseos"<sup>120</sup>.

A imagem tornada um obstáculo epistemológico em Bachelard, tal como a experiência básica a que ele acaba de se referir, e tal como qualquer outro obstáculo epistemológico, manifesta exatamente a presença do sujeito, reflete o sujeito.

Então, imaginar é "procurar o outro no seio do mesmo", como escrevia ele em La Terre et les Rêveries du Repos (p. 83).

Muito diferente de racionalizar a experiência: o espírito verdadeiramente científico busca sair da contemplação do mesmo que se impõe nessa região imaginária puramente narcísica, e vai buscar o outro, a diferença:

"el espíritu científico jamás se siente impedido de variar las condiciones, en una palabra de salir de la contemplación de lo mismo y buscar lo otro, de dialectizar la experiencia"<sup>121</sup>.

---

119. Bachelard, Gaston - A Psicanálise do Fogo - Lisboa: Editorial Estúdios Cor - 1972 - p.72.

120. Bachelard, Gaston - La formación del espíritu científico - México: siglo veintiuno editores - 1976 - p.55.

121. Bachelard, Gaston - op.cit., p.19.

Acreditamos não trair a poética bachelardiana ao encontrar assim, como característica maior do imaginário, essa especularidade correlativa ao imediate da relação do sujeito com sua imagem; ilusão do reflexo que vem situar a imagem como obstáculo epistemológico; o narcisismo que situa o nós-mesmos num pretense outro (ainda o reflexo); enfim, à fusão, à confusão, à indistinção, à identificação: todos traços dessa região imaginária sobre a qual se inscreve o espírito pré-científico com o qual posicionou-se em franca ruptura a atividade científica contemporânea.

"Al espectáculo de los fenómenos más interesantes, más chocantes, el hombre va naturalmente con todos sus deseos, con todas sus pasiones, con toda su alma. No debe pues asombrar que el primer conocimiento objetivo sea un primer error"<sup>122</sup>.

Então ainda poderíamos dizer que a noção de obstáculo epistemológico vem, precisamente, definir os limites dos dois elementos envolvidos na relação, na medida em que devolve ao sujeito aquilo que ele havia colocado sobre o objeto. O imaginário, interpondo-se entre ambos, rompe com a dualidade sujeito-objeto, já que os confunde por sua própria especularidade.

A Psicanálise do Fogo - livro que "representa uma ilustração das teses gerais defendidas em La Formación del Espíritu Científico" - vem reafirmar, do princípio ao fim, a tese da subjetividade veiculada pelo imaginário como um obstáculo epistemológico. Já o próprio título que significa, segundo o autor,

"uma psicanálise das convicções subjetivas relacionadas com o conhecimento dos fenómenos do fogo"<sup>123</sup>,

---

<sup>122</sup>. Bachelard, Gaston - op.cit., p.65.

<sup>123</sup>. Bachelard, Gaston - A Psicanálise do Fogo - Lisboa: Editorial Estúdios Cor - 1972 - p.15.

vem situar a subjetividade como obstáculo à objetividade, vale dizer, como aquilo que impede uma aproximação em relação ao objeto.

"Repetimos: neste livro, a par das confidências que fazemos, inumeramos certos erros. A nossa obra apresenta-se, portanto, como exemplo desta psicanálise especial que julgamos útil como ponto de partida de qualquer estudo objetivo. Ela representa uma ilustração das teses gerais defendidas num livro recente, Formação do espírito científico... A pedagogia do espírito científico ganharia em explicitar assim as seduções que falsciam as induções"<sup>124</sup>.

Essa "psicanálise do conhecimento objetivo" vem promover uma catarse de tudo aquilo que existe de sujeito na sua relação com o objeto. Ela deve

"despojar o sujeito de seus prazeres, curá-lo do narcisismo fruto de uma primeira evidência, fornecer-lhe a tras certezas além da posse"<sup>125</sup>.

Quer dizer, essa "psicanálise do conhecimento objetivo" surge exatamente com a função de manter aquela rivalidade sempre ativa. Ela

"devrait effacer les images et maintenir une organisation des idées"<sup>126</sup>.

Assim ,

"a Psicanálise generaliz... estabelecer uma  
prevalência da demonstr... sobre as conv.  
ções puramente individu...

124. Bachelard, Gaston - op. cit., p

125. Bachelard, Gaston - op. cit., p

126. Bachelard, Gaston - La Flamme - Paris: Pre  
Universitaires de France - 1

127. Bachelard, Gaston - A Psicaná  
Estúdios Cor - 1972 - p.120 Lisboa: Editor

A tese central que Bachelard quer defender em toda a sua "psicanálise do conhecimento objetivo", é a tese da ambiguidade do objeto de conhecimento, a sua dupla rede de determinações - subjetiva e objetiva. Daí a necessidade da psicanálise: psicanalisar o sujeito para que o objeto surja em sua objetividade. Isto é, ele defende a tese da "real implicação do sujeito e do objeto" e quer mostrar

"as duplas perspectivas que poderíamos ligar a todos os problemas postos pelo conhecimento de uma realidade particular, mesmo bem definida"<sup>128</sup>.

A tese da "rivalidade" entre o materialismo imaginário e o materialismo racional várias vezes repetida - que aqui colocamos como exigência de dupla face - reclama então uma espécie de "bi-psicanálise", cuja função seria preservar tanto a atividade conceitual das incursões subjetivas, quanto a atividade imaginária de incursões conceituais racionalizantes que, no final das contas, só podem mesmo assassinar a imagem:

"Parece, en efecto, que la oposición entre el materialismo imaginario y el materialismo instruido, sordamente activa en el nivel de los temas más diversos, no puede ser reducida, o más precisamente esclarecida sino por una especie de bi-psicoanálisis que da, por una parte, a la imaginación sus propios valores de impresión sin la menor exigencia acerca de la realidad objetiva de las imágenes y, por la otra, a la experiencia interpretada discursivamente, sus propios valores de instrucción, valores minuciosamente verificados en una observación no solamente de la realidad material, sino también en una abundante experiencia inter-material"<sup>129</sup>.

Psicanálise, enfim, a que o próprio Bachelard teria se submetido através de sua poética, pelo que podemos esclarecer a relação interna entre sua dupla vertente: a poética seria a catarse necessária à constituição da científica.

<sup>128</sup>. Bachelard, Gaston - op. cit., p. 12.

<sup>129</sup>. Bachelard, Gaston - El Materialismo Racional - Buenos Aires: Editorial Paidós - 1976 - pp. 36-37.

3 - A IMAGINAÇÃO TRANSCENDENTAL KANTIANA

3.1.- SOBRE A IMAGINAÇÃO NA "CRÍTICA DA RAZÃO PURA: A SÍNTESE E O ESQUEMATISMO DA IMAGINAÇÃO TRANSCENDENTAL.

A questão fundamental que Kant tenta responder com a sua filosofia circunscreve-se aos limites da razão e do nosso conhecimento. Esse exame da razão é feito pela "Crítica da Razão Pura" através do método conhecido como "crítica" ou "análise reflexiva".

Não seguiremos Kant em todos os momentos desse exame. Por um atalho nos situaremos, de imediato, na irreduzível dualidade por ele estabelecida entre as duas vias de acesso ao conhecimento, por ser exatamente tal abismo cavado entre elas aquilo que vem exigir o estabelecimento de uma ponte - esta será precisamente a função da imaginação - que as possa reunir: o kantismo terá nas intuições da Sensibilidade de um lado e, de outro, nos conceitos (categorias) do Entendimento, as duas fontes originárias do conhecimento objetivo. Pela primeira o objeto nos é dado, pela segunda ele é pensado.

Como já se vê, ao conhecimento é imprescindível tanto a participação de conceitos quanto de intuições: pensamentos sem intuições são vazios; intuições sem conceitos são cegas, escreve Kant. É preciso "sensibilizar os conceitos" - dar-lhes um objeto na intuição -, bem como "tornar inteligíveis as intuições" - submetê-las a conceitos. Somente quando se unem Sensibilidade e Entendimento, resulta o conhecimento<sup>1</sup>.

Tanto a intuição como o conceito podem ser empíricos ou puros. Empíricos quando contêm uma sensação - matéria do conhecimento, ela supõe a presença real do objeto -, e puros quando nenhuma sensação se mistura à representação, sendo possíveis,

---

<sup>1</sup> Kant, I. - Crítica de la Razón Pura. Estética Trascendental y Analítica Trascendental - Buenos Aires: Editorial Losada - vol. I. - 1979 - pp.201-202.

portanto, a priori, enquanto que os empíricos só o são a posteriori<sup>2</sup>.

É pois, a subjetividade que está presente no conhecimento através das intuições a priori e das categorias, pelas quais ultrapassamos o dado da experiência.

As formas puras da Sensibilidade são o Espaço e o Tempo. Isso significa que Tempo e Espaço não existem em si ou nas coisas; ao contrário, são estruturas subjetivas que se imprimem sobre as coisas na relação de conhecimento. Intuições a priori quer dizer, necessárias, universais e não derivadas da experiência ao mesmo tempo em que são condições da experiência, já que um objeto só pode nos aparecer através dessas formas puras da sensibilidade:

"Hemos querido probar que todas nuestras intuiciones son sólo representaciones de fenómenos, que no percibimos las cosas como son en sí mismas, ni son sus relaciones tal como se nos presentan, y que si suprimiéramos nuestro sujeto, o simplemente la constitución subjetiva de nuestros sentidos en general, desaparecerían también toda propiedad, toda relación de los objetos en Espacio y Tiempo, y aun también el Espacio y el Tiempo, porque todo esto, como fenómeno no puede existir en sí, sino solamente en nosotros. Es para nosotros absolutamente desconocido cuál pueda ser la naturaleza de las cosas en sí, independientes de toda receptividad de nuestra sensibilidad"<sup>3</sup>.

Tal como o Espaço e o Tempo, as categorias, que são os conceitos puros, a priori do Entendimento, não procedem das coisas ou da experiência, mas de nós: condições indispensáveis para que pensemos o dado da experiência e pelas quais unificamos os fenômenos entre si.

Defrontamo-nos pois, aqui com o problema que Kant se pôs: como unir duas fontes assim tão heterogêneas como a matéria e a forma do conhecimento, senão apelando a um terceiro termo que seja homogêneo a ambos? Então ele estabelecerá, como atividade particular da imaginação na elaboração do conhecimento, a mediação através do seu esquematismo.

<sup>2</sup> Kant, I. - op.cit., pp.201-202.

<sup>3</sup> Kant, I. - op.cit., p.192.

A imaginação fará, portanto, a mediação necessária ao conhecimento, entre a sua matéria que são as intuições e a sua forma que são os conceitos. Necessária porque - como vimos - o uso legítimo dos conceitos implica em sua aplicação às intuições sensíveis, isto é, estas devem ser submetidas aos conceitos pois é somente de sua união que pode resultar o conhecimento, já que pensamentos sem conteúdo são vazios e intuições sem conceito são cegas.

A imaginação é chamada a fazer essa mediação porque é homogênea a um e a outro. Ela é ao mesmo tempo diversidade - porque reproduz os aspectos qualitativos das sensações e ordem na diversidade - porque as organiza nos esquemas. O conceito vai ser aplicado não imediatamente sobre a sensação, mas sobre os esquemas. É assim que a diversidade qualitativa das sensações poderá ser pensada<sup>4</sup>.

Na receptividade-reprodutiva do diverso sensível, a imaginação assemelha-se à sensibilidade. Na espontaneidade-organizadora, ao entendimento. A esquematização dessa diversidade obedecerá às determinações do Tempo: antes, depois, simultaneamente. Assim, Kant apela ao "esquema transcendental" para explicar a aplicação necessária do conceito à intuição:

"Es, pues, evidente que debe existir un tercer término que sea semejante por una parte a la categoría, u por otra al fenómeno, y que haga posible la aplicación de la categoría al fenómeno. Esta representación intermedia será asimismo pura (sin nada empírico), y es menester, sin embargo, que sea por una parte intelectual, y por otra sensible. Ese es el esquema trascendental"<sup>5</sup>.

O esquema pressupõe a síntese porque os conceitos vão conferir unidade à uma síntese das diversas sensações e não à própria diversidade. Para dizer-lo de outro modo, é a síntese da diversidade que será levada aos conceitos e não a própria diver

---

<sup>4</sup> Cf.: Bernis, J. - L'Imagination - Paris: Presses Universitaires de France - 1954 - pp. 13-14.

<sup>5</sup> Kant, I. - op. cit., p. 288.



sidade. Antes de Kant admitia-se que os sentidos não somente nos causavam impressões, mas que ainda seriam eles mesmos que as ligariam e formariam imagens dos objetos, escreve Lacroix. A introdução de uma ligação nessa diversidade que recebemos pelos sentidos vai ser definida por Kant, não como uma função a ser exercida pelos próprios sentidos, mas como função própria da imaginação: é a síntese<sup>6</sup>.

O esquema pressupõe a síntese - função integrante do conhecimento e, mais do que isso, indispensável - "sem ela não teríamos conhecimento de nada", adverte Kant - que vai ser definida por Kant como obra da imaginação. O conhecimento será então essa síntese levada aos conceitos. As diversas impressões são recebidas e ligadas de algum modo: essa operação é a síntese. O entendimento deve fazer dessa diversidade um conhecimento e para isso ele se utiliza da imaginação, pois esta é a faculdade que liga os diversos elementos da intuição sensível. Kant escreve:

"La imaginación es la facultad que enlaza los elementos diversos de la intuición sensible, la cual depende del entendimiento por la unidad de su síntesis intelectual, y de la sensibilidad por la diversidad de la aprehensión"<sup>7</sup>.

A síntese ainda não dá qualquer conhecimento. Este se define como a conceituação da síntese, quer dizer, o levá-la aos conceitos, que vão lhe conferir uma unidade<sup>8</sup>.

Kant dirá o mesmo na Crítica do Juízo quando escreve que o objeto é dado por meio dos sentidos e põe em atividade a imaginação para juntar o diverso; e esta põe em atividade o entendimento para unificá-lo em conceitos<sup>9</sup>.

---

6. Lacroix, J. - Kant e o Kantismo - Porto: Rés Editora, 1979, pp32/3

7. Kant, I. - op.cit., p.278

8. Kant, I. - op.cit., p.222

9. Kant, I. - Crítica del Juicio - México: Editorial Porrúa - 1978 - p.233 -

Como se vê, é fundamental o papel que a imaginação - através do esquema que pressupõe a síntese -, é chamada a desempenhar no conhecimento objetivo visto por Kant. Ela faz a mediação que liga os fenômenos ao entendimento e este, por meio de suas categorias, confere unidade à síntese da imaginação.

Essa síntese das intuições determinada pelas categorias será definida como "transcendental" porque procede a priori e funda a possibilidade de outros conhecimentos a priori<sup>10</sup>. Kant define a imaginação como a faculdade de representar um objeto, mesmo que esteja ausente e sua síntese das intuições conforme com as categorias é a síntese transcendental da imaginação, síntese que é um efeito do entendimento sobre a sensibilidade<sup>11</sup>.

Trata-se aí da imaginação produtora, que precede a experiência, é a priori e que, portanto, tem como seus únicos produtos, as intuições puras do espaço e do tempo. Diferentemente da imaginação reprodutora, que não é nunca criadora e,

"cuya síntesis se somete exclusivamente a leyes empíricas, es decir, a las leyes de la asociación, y la cual, por consiguiente, no auxilia en nada para la explicación de la posibilidad del conocimiento a priori. Por tal razón no pertenece a la Filosofía trascendental, sino a la Psicología"<sup>12</sup>.

Finalmente, Kant adverte que não se deve confundir o esquema com a imagem: são os esquemas que estão submetidos aos conceitos e não a imagem. Ou, o que é dizer o mesmo, os conceitos se referem imediatamente ao esquema e, só através da mediação des

---

<sup>10</sup>. Kant, I. - Crítica de la Razón Pura - Estética Trascendental y Analítica Trascendental - Buenos Aires: Editorial Losada - vol. I - 1979 - p.270.

<sup>11</sup>. Kant, I. - op.cit., p.271.

<sup>12</sup>. Kant, I. - op.cit., p.271.

te, à imagem. O esquema é uma regra da imaginação que serve para dar uma imagem ao conceito.

A imagem não atinge a generalidade do conceito, ao passo que o esquema é capaz de representar todas as propriedades de um determinado conceito, e é isso que Kant demonstra através do exemplo do triângulo: não há nenhuma imagem de triângulo que poderia alcançar a generalidade do conceito que se aplica a todos os triângulos retângulos, isósceles, etc. E, ainda, o esquema do triângulo, enquanto se define como uma regra da imaginação, só pode existir no pensamento<sup>13</sup>.

Este esquematismo do Entendimento refere-se simplesmente à forma dos fenômenos e

"es un arte escondido en las profundidades del alma humana... es un producto trascendental de la imaginación"<sup>14</sup>.

Bem se vê a condição essencial atribuída à "imaginação transcendental" na Crítica da Razão Pura. Longe de ser exilada do domínio objetivo, a imaginação é chamada por Kant a desempenhar um papel de máxima importância, mesmo indispensável, no qual encontra-se submetida ao conceito. A imaginação participa ativamente, em Kant, da elaboração racional e sob a determinação do conceito.

É pois, a própria subjetividade, através das formas puras e das categorias, que vem determinar a objetividade do conhecimento, quer dizer, que vem determiná-lo enquanto objeto, enquanto fenômeno e não enquanto nômeno, quer dizer, coisa em si.

---

<sup>13</sup>. Kant, I. - op.cit., p.289.

<sup>14</sup>. Kant, I. - op.cit., p.290.

### 3.2. - O LIVRE-JOGO DA IMAGINAÇÃO ( NO JUÍZO DO BELO )

Em Kant é específico o papel que a imaginação é chamada a desempenhar tanto na estética quanto na ciência; mais precisamente, funções que só ela é chamada a desempenhar.

Nesse terceiro momento da "crítica" que é a estética sobre a qual Kant reflete na "Crítica do Juízo" -, a imaginação será considerada em sua capacidade de apreender a forma do objeto, liberando-se totalmente da legislação do entendimento pelo que perde em valor objetivo.

A Crítica do Juízo seria a demonstração de que na arte - do mesmo modo que na ciência e na moralidade - existem princípios a priori<sup>15</sup>. Ou ainda, como escreveu Kant na Introdução ao tratar da divisão da filosofia, a Crítica do Juízo seria o elo entre o mundo da natureza - submetido à necessidade - e o mundo da moral - submetido à liberdade.

Trataremos aqui da imaginação tal como Kant a formulou no juízo estético do belo, onde há uma unanimidade de imaginação e entendimento, lembrando que no outro tipo de juízo estético que é o sublime - que é um sentimento de dor que nasce da inadequação entre imaginação e razão -, a imaginação não terá como atividade o refletir a forma do objeto, pois o sentimento do sublime é provocado pelo informe, pela imensidão.

São outras as funções que a imaginação desempenhará no juízo estético porque, ela participa da síntese conceitual quando se trata de conhecimento, mas liberta-se do entendimento quando se trata de fins estéticos. Aliás, melhor seria dizer que a função é a mesma já que ela permanecerá esquematizando, só que o fará sem submeter-se ao entendimento. Ela se torna livre: é a - através dessa imaginação livre que encontramos o belo. Daí Kant

---

15. Larroyo, F. - "Análisis" que precede ao texto da Crítica do Juízo - México - Editorial Porrúa - 1978 -, p.171.

dizer que a liberdade da imaginação consiste precisamente em que esquematiza sem conceito<sup>16</sup>. Quer dizer,

"Le domaine de la création libre, sans valeur de connaissance objective, s'ouvre à l'imagination"<sup>17</sup>.

A imaginação - "como faculdade das intuições a priori"<sup>18</sup> -, quer dizer, como faculdade das formas a priori que são o Espaço e o Tempo, é considerada no juízo estético em sua capacidade de apreender a forma de um objeto e não a sua matéria que são as sensações. Essa representação da forma de um objeto se constitui numa fonte de prazer para o sujeito.

Por conseguinte, o juízo estético não dá qualquer conhecimento sobre o objeto - já que ele refere a representação do objeto somente ao sujeito: esta será apenas uma fonte de prazer para o sujeito, nunca uma fonte de conhecimento. A representação do objeto mantém com o sujeito uma relação estética - relação subjetiva. Daí Kant dizer que a qualidade estética da representação de um objeto é o que ela tem de meramente subjetiva, isto é, o que constitui sua relação não com o objeto, mas com o sujeito.

O Belo será definido como a representação da forma de um objeto unida necessariamente a um prazer, não somente para o sujeito que apreende aquela forma, mas para todos que julgam. Esse objeto se chama, então, belo

"y la facultad de emitir juicios según un placer semejante (consiguientemente, también con valor universal) llámase el gusto"<sup>19</sup>.

---

16. Kant, I. - Critica del Juicio - México: Porrúa-1978-p.265.

17. Bernis, J.-op.cit., p.14

18. Kant, I. - Critica del Juicio - México: Editorial Porrúa - 1978 p.202.

19. Kant, I. - op.cit., p.202.

Como se vê, no juízo do gosto que é o belo, o papel fundamental cabe à imaginação: ela corresponde às formas puras da intuição que são o Espaço e o Tempo e o belo diz respeito precisamente à apreensão formal, à apreensão da forma do objeto. E, ainda, a imaginação tem papel determinante para julgarmos se algo é belo, porque é ela que estabelecerá a ligação do objeto (a sua representação) com o sujeito e o sentimento de prazer e dor do mesmo. Isto é, para decidir se algo é belo nós referimos a representação ao sujeito, através da imaginação.

"El juicio de gusto no es, pues, un juicio de conocimiento; por lo tanto, no es lógico, sino estético, entendiendo por esto aquel cuya base determinante no puede ser más que subjetiva"<sup>20</sup>.

Kant distingue ainda o Belo do Bom e do Agradável, pois o juízo estético não decide por concordância com conceitos, mas sim pelo sentimento. Por outro lado, o Bom descansa sobre um conceito - na medida em que para saber se algo é bom, deve-se ter dele um conceito - e o Agradável descansa sobre a sensação - que é diferente do sentimento. Mas o belo nada significa, não depende de nenhum conceito e, entretanto, dá prazer.

O belo o é para todo mundo: desperta universalmente o mesmo sentimento de prazer e o faz sem apelar a nenhum conceito pois ele é da ordem subjetiva, da ordem da imagem. Essa universalidade não é lógica, mas estética, já que não descansa sobre um conceito do objeto:

"Lo bello es lo que, sin concepto, es representado como objeto de una satisfacción 'universal'"<sup>21</sup>.

Essa comunicabilidade universal é o estado de espírito no livre-jogo-isto é, sem a restrição de algum conceito determinado - da imaginação e do entendimento.

Tal como em Bachelard, a atividade da imaginação vai ser definida por Kant no domínio estético pela subjetividade e, ao mesmo tempo, como uma atividade que não busca qualquer conhecimento. É a imagem - não o conceito - que pertence ao domínio da cria-

---

20. Kant, I. - op.cit., p.209.

21. Kant, I. - op.cit., p.214.

ção.

Bachelard desfruta da imagem poética exatamente como Kant desfruta do Belo: completamente independente de qualquer significação ou conceito, ele dá prazer em si.

É essa imaginação transcendental em seus fins estéticos que Bachelard trata de desenvolver, a imaginação criadora e totalmente liberada da atividade conceitual. Porque em Kant, quando a finalidade perseguida pela relação sujeito-objeto é o conhecimento, a atividade particular da imaginação é a mediação pela via do esquematismo. Mas quando se trata do juízo estético, da apreciação do Belo, a imaginação liberta-se da legalidade do entendimento porque a forma do objeto será relacionada ao sujeito especificamente como sua fonte de prazer. Aqui, entre a imaginação e o entendimento estabelece-se uma relação definida por Kant como de um "livre-jogo".

Imaginação transcendental porque - tal como os "elementos materiais" do imaginário bachelardiano - anterior à experiência ao mesmo tempo em que condição do objeto.

É preciso enfatizar que a imaginação transcendental não está limitada a seus fins estéticos, já que ela participa necessariamente da síntese conceitual. Se, para Bachelard, a imaginação é obstáculo a superar, em Kant ao contrário, ela será imprescindível ao conhecimento por ser exatamente aquela faculdade que vem fornecer uma solução para a dualidade irreduzível em que consiste a Sensibilidade e o Entendimento. Dado que estas são faculdades separadas por um abismo e para que seja possível o conhecimento - definido por Kant como uma união do conceito e da intuição -, é preciso chamar a imaginação a intervir. Sua função será mediar - através do esquema - ordenando-se pelos conceitos do entendimento. Há, pois, na Crítica da Razão Pura - vale dizer, no juízo lógico - uma relação entre imagem e conceito, relação que é mediada pelo esquema transcendental.

Ainda em Kant é a subjetividade - a priori e transcendental -, que vem determinar a objetividade do conhecimento, porque sem ela - isto é, sem a impressão dessas estruturas subjetivas que são as formas puras da intuição e as categorias, sem a sua impressão nas percepções - , não há objetos mas simplesmente coisas em si.

4 - "O OBJETIVO-NÃO-REAL" DE GOTTLÖB FREGE

4.1.- SENTIDO E REFERÊNCIA

O ponto de partida de Frege no artigo "Sobre o Sentido e a Referência" é a análise da igualdade matemática - que ele sustenta dever ser interpretada como identidade -, pela qual ele distingue, de um lado os objetos e de outro, os nomes ou sinais de objetos.

Ali Frege analisa o Significado de uma expressão linguística em dois componentes: 1. o que a expressão designa: a Referência e, 2. o que a expressão expressa: o Sentido.

Nos nomes próprios - expressões, palavras ou sinais -, a Referência é o objeto designado e o Sentido é o modo pelo qual a expressão designa ou descreve o objeto. Nas proposições independentes a Referência é o valor de verdade da proposição ou seja, "o verdadeiro" ou "o falso" e o Sentido é o pensamento que se expressa.

Como veremos a seguir, Frege considera fundamental - em sua perspectiva antipsicologista - distinguir ainda Sentido e Referência de imagem, representação.

A um "nome próprio" une-se um sentido, uma referência e uma representação, distinção que Frege estabelece, como dissemos, partindo da igualdade matemática, sublinhando:

"uso esta palavra" - isto é, igualdade -, "no sentido de identidade e entendo 'a=b' no sentido de 'a é o mesmo que b' ou 'a e b coincidem'"<sup>1</sup>.

Desse modo, em "a=a" e "a=b", "a" e "b" seriam dois modos diferentes de apresentação para um mesmo objeto; daí a sua identidade, mesmo sendo representados por diferentes nomes. Assim,

---

<sup>1</sup>. Frege, Gottlob - Sobre o Sentido e a Referência - in Lógica e Filosofia da Linguagem - SP: Cultrix-1978 - p.61.



a referência de um nome próprio é o objeto designado e o sentido é o modo de apresentação do objeto. Num outro exemplo analisado por ele, onde a igualdade é possível - "Estrela da Tarde=Estrela da Manhã", apesar de referidas ao mesmo objeto, cada uma dessas expressões o faz de um modo diferente da outra.

É muito importante observar que imagens e representações mentais não se confundem nem com o sentido nem com a referência que vão associados a um nome próprio. A representação, inteiramente subjetiva, é uma imagem impregnada de emoções, ao contrário do sentido que pode ser a propriedade comum de muitos: a humanidade possui um "tesouro comum de pensamentos que é transmitido de uma geração para outra"<sup>2</sup>.

Portanto, a imagem não é nem a referência nem o sentido: a subjetividade, no sentido de pertinência a uma consciência individual, é muito característico da imagem. Vários indivíduos podem apreender o mesmo sentido mas nunca podem ter a mesma representação. Daí que, para ser preciso quando se fala de uma representação, "deve-se vinculá-la a quem e a que época pertence", escreve Frege.

"A referência de um nome próprio é o próprio objeto que por seu intermédio designamos; a representação que dele temos é inteiramente subjetiva; entre uma e outra está o sentido que, na verdade, não é tão subjetivo quanto a representação, mas que também não é o próprio objeto"<sup>3</sup>.

Frege procura demonstrar essa distinção entre representação, sentido e referência através de um observador com um telescópio voltado para a lua, onde a lua seria a referência, a imagem no telescópio o sentido e a imagem retiniana, a imagem. Através desse exemplo, bem se pode ver toda a subjetividade veiculada pela imagem em Frege, pelo que esta se opõe tanto ao sentido quanto à referência.

Se a imagem retiniana de A pudesse tornar-se visível para B, isso serviria - segundo Frege<sup>4</sup> -, para demonstrar que

---

<sup>2</sup>. Frege, Gottlob - op.cit., p.p. 64-65

<sup>3</sup>. Frege, Gottlob - op.cit., p. 65.

<sup>4</sup>. Frege, Gottlob - op.cit., pp. 65-66.

uma representação é sempre subjetiva. Desse modo, mesmo que B pudesse ver a imagem retiniana de A, ainda assim não a veria como o próprio A a vê: seria apenas a visão de B sobre a imagem retiniana de A. Assim B, ao olhar para a imagem retiniana de A procurando observá-la, na realidade não a veria: veria ali apenas a sua própria imagem. Para dizê-lo de outro modo: a retina do outro é um espelho pois nela eu apenas veria a minha própria imagem.

Apesar da subjetividade das representações, Frege considera que a arte é possível, porque pressupõe que exista alguma afinidade entre elas. Mas nunca se poderia precisar exatamente até onde nossas próprias representações corresponderiam às intenções do poeta, escreve ele<sup>5</sup>.

É através da referência - isto é, da questão da verdade -, que Frege vai estabelecer a distinção de arte e ciência. Depois de se perguntar porque não é suficiente que um nome próprio tenha um pensamento, pois que lhe exigimos que tenha também uma referência, ele responde que é porque estamos preocupados com seu valor de verdade. Assim, quando ouvimos um "poema épico" interessamo-nos apenas pelo sentido e pelas representações que evoca. A questão da verdade, escreve ainda Frege, nos faria abandonar o "encanto estético" por uma atitude de "investigação científica".

A questão da verdade é totalmente exterior à obra de arte. É pois escreve ele, a busca da verdade, onde quer que seja, que nos dirige do sentido para a referência<sup>6</sup>.

A imagem se define como um sinal que só tem sentido, nunca referência<sup>7</sup>.

A refutação ao idealismo através dessa nítida distinção de representação e referência está presente na crítica que Frege endereça à Husserl, quando lhe diz que a diluição da referência na representação torna, de fato impossível, qualquer relação de identidade, motivo pelo qual os lógicos psicologistas não

---

<sup>5</sup> Frege, Gottlob - op.cit., p.66

<sup>6</sup> Frege, Gottlob - op.cit., pp.68-69

<sup>7</sup> Frege, Gottlob - op.cit., p.69

conseguem compreender tal relação. Pois, como é possível encontrar como idênticas duas representações? Além do que, Frege o dissera há pouco, a representação é inteiramente subjetiva e a representação de um homem não é a mesma de outro. Repetimos: como o sentido, a referência também não é uma imagem ou representação mental. A relação de identidade não pode mais que colocar um enigma aos lógicos psicológicos, pois

"Si les mots désignaient constamment des représentations, on ne pourrait jamais dire 'A est la même chose que B' car il faudrait déjà distinguer A de B, et on aurait des représentations différentes"<sup>8</sup>.

O objeto próprio da Psicologia - e não da Lógica ou da Matemática - são as representações e deve-se pois demonstrar que a Psicologia é apenas uma dentre as possíveis ciências: nem tudo é representação. Nada implica um maior desconhecimento das matemáticas, escreverá ele em *El Pensamiento. Una Investigación Lógica*, que o subordiná-las à psicologia.

Temos apenas acompanhado Frege em sua análise do sentido e referência daqueles casos por ele denominados de "nomes próprios". Transportando-nos agora para a análise das proposições afirmativas, vemos que o domínio da referência foi ampliado por Frege para além dos objetos sensorialmente perceptíveis, de modo a conter também o que ele considera como objetos lógicos - números, conceitos, funções e valores.

Valores de Verdade são os dois objetos que constituem a referência das proposições afirmativas. Quer dizer, as sentenças assertivas devem ser consideradas também, segundo Frege, como nomes próprios - como nomes de objetos: esse objetos são o verdadeiro e o falso. Em síntese, a referência de uma proposição é seu valor de verdade, ou seja, a circunstância de ser ela verdadeira ou falsa: não há outros valores de verdade.

---

<sup>8</sup>. Frege, Gottlob - *Compte Rendu de Philosophie der Arithmetik I* de E.G. Husserl - in Gottlob Frege. *Écrits Logiques et philosophiques* - Paris: Éditions du Seuil - p.148.

A proposição deve, pois, ser tratada como um "nome próprio": como nome de um objeto - isto é, como nome de "o verdadeiro" ou de "o falso". Quando temos a verdade como objetivo, o Pensamento - isto é, o Sentido -, de uma proposição não é suficiente, pois além disso buscamos o seu valor de verdade.

É a referência que permite estabelecer a verdade ou a falsidade de um pensamento: o que é falso é aquilo que tem como referência o falso e não o que não tem sentido. Quando o pensamento não tem referência ele não é nem verdadeiro nem falso.

Uma proposição afirmativa encerra um Pensamento: este é o Sentido da proposição. Um pensamento, no sentido fregeiano, é, não uma imagem ou um ato psíquico, mas seu conteúdo objetivo, que pode ser a "propriedade comum de muitos"<sup>9</sup>.

Devemos agora, para concluir, retornar ao nosso ponto de partida quando dizíamos que Frege analisa o significado de uma expressão linguística nesses seus dois componentes que são o Sentido e a Referência.

A determinação do significado de uma expressão implica basicamente em dois princípios fundamentais: 1. "Deve-se separar rigorosamente o lógico do psicológico, o subjetivo do objetivo". 2. "Deve-se perguntar pelo significado das palavras no contexto da proposição, e não isoladamente".

Se impedir a transgressão do primeiro princípio não foi o único, certamente terá sido dos principais motivos que levaram Frege a introduzir o segundo princípio, apesar da articulação deste com aquele não se evidenciar à primeira vista. Mas é que se na busca do significado as palavras forem isoladas do contexto proposicional - desrespeitando-se, portanto, o segundo princípio -, ficar-se-á quase que obrigado a transgredir também o primeiro princípio, situando o significado das palavras em torno à imagem. A subjetividade da imagem não explica a objetividade do significado. Objetividade que só é possível quando descrevemos o objeto através de uma sentença, já que para o significado de uma palavra isolada corre-se o risco do erro tradicional de aceitá -

---

<sup>9</sup> Frege, Gottlob - Sobre o Sentido e a Referência - in Lógica e Filosofia da Linguagem - SP: Cultrix - 1978 - p.67.

lo como uma imagem. Mas uma figura de 1000 lados (quiliãgono) , por exemplo, para a qual não podemos evocar nenhuma imagem mental, ainda assim tem um significado. O que significa que a impossibilidade de atribuir uma imagem a uma palavra não é motivo para negar-lhe um significado.

"La ilusión de lo contrario nace del hecho de observar las palabras aisladas y preguntar por su Significado, para el que aceptamos entonces una imagen. Parece así que una palabra que carezca de imagen interna que le corresponda, no tiene contenido. Pero debe siempre tomarse en cuenta una proposición completa. Sólo en ella las palabras tienen propiamente un Significado"<sup>10</sup>.

Através desses dois princípios estreitamente vinculados entre si, Frege quer mostrar que o significado de uma expressão não pode ser de natureza subjetiva ou individual, como é o caso da imagem.

Mas é preciso enfatizar ainda que o segundo princípio de Frege vem situar o significado enquanto dependente do contexto proposicional. Assim contextualizado o significado vem se opor à uma concepção pela qual ele pré-existiria ao arranjo proposicional do qual surgirá, precisamente, como efeito.

Mas, como Frege mesmo se referiu aos conceitos e objetos como "imagens objetivas", unindo assim o que vem considerando em oposição - pois tem dito que a imagem é subjetiva, enquanto "conteúdo de uma consciência individual" -, é preciso esclarecer com Thiel que uma delimitação do objetivo só se efetua por contraposição ao individual subjetivo e não ao "sujeito em geral" ou "à razão"<sup>11</sup>. Frege escreve que entende por objetividade não uma independência da razão, mas uma "independência de nosso sentir, intuir e imaginar, do formar imagens internas a partir de recordações de sensações passadas"<sup>12</sup>. A subjetividade veiculada pela imagem está ausente da lógica freguiana através do objetivo-não-real.

10. Frege, Gottlob - citado por Thiel, Christian - Sentido y Referencia en la lógica de Gottlob Frege - Madrid: Editorial Tecnos - 1972 - p.132.

11. Thiel, Christian - op.cit. , p.154.

12. Frege, Gottlob - citado por Thiel, C. - op.cit., p.154.

#### 4.2. - SOBRE O NÚMERO: O CONCEITO E O OBJETO

Em "Os Fundamentos da Aritmética: Uma Investigação lógico-matemática sobre o conceito de número", publicado em 1884, Frege se propõe a criticar as soluções apresentadas para explicar a natureza do número, e a desenvolver uma solução própria fundamentada apenas nas noções da Lógica.

Critica a infiltração da psicologia na filosofia e na lógica declarando expressamente que se a cooperação entre a matemática e a filosofia não é tão estreita quanto seria desejável na investigação do conceito de número, deve-se a que o matemático se "escandaliza" com a psicologização ali atuante<sup>13</sup>.

A crítica de Frege é endereçada fundamentalmente às teses formalista, empirista e psicologista do número, crítica que uma vez realizada permite à Frege desenvolver a sua própria concepção, chegando ao domínio do objetivo-não-real: o número é algo objetivo, mas não real, e não pode ter seu fundamento no sujeito; não é uma operação ou realidade psicológica e nem resulta de processos psíquicos.

Opondo-se radicalmente à uma origem psicológica do número e a qualquer análise de conceitos e leis aritméticas sobre bases psicologistas, onde tudo é uma imagem, classificou de "ingenua" a concepção husserliana do número. Neste "os conceitos são imagens obtidas por abstração" que "pertencem primeiro ao sujeito" para em seguida serem "consideradas como objetivas, à semelhança do Pensamento (no sentido freguiano)"<sup>14</sup>. Ao desfazer a diferença entre conceito e imagem, entre pensar e imaginar, Husserl acaba por subjetivizar o objetivo e tornar incompreensível a relação de identidade. Se a representação é inteiramente subjetiva, um pensamento, ao contrário, pode ser compartilhado por vários homens.

---

<sup>13</sup>. Frege, Gottlob - citado por Thiel, Christian: op. cit., p. 35.

<sup>14</sup>. Thiel, Christian - op. cit., p. 38.

"Mais si l'on réunit le subjectif et l'objectif sous le terme de 'représentation', on efface les frontières entre l'un et l'autre; et on ne tarde pas à traiter une représentation au sens propre como objective et une réalité objective comme une représentation"<sup>15</sup>.

Enquanto que para o empirista S. Mill o número é sempre número de algo, para Frege o número faz parte da esfera do "objetivo-não-real" - quer dizer, o número é objetivo - e objetivo não significa espacial ou real -

"Eu faço uma distinção nítida entre aquilo que é objetivo e aquilo que é palpável, real e ocupa um espaço. Por exemplo, o eixo terrestre e o baricentro do sistema solar são objetivos. No entanto, não diria que sejam reais como o é a terra"<sup>16</sup>

e não pode ser considerado como uma propriedade ou atributo das próprias coisas, como o são por exemplo, a forma e a cor: pela Lógica, os números devem ser atribuídos aos conceitos.

Logo no princípio do artigo "Sobre o Conceito e o Objeto" Frege esclarece que

"A palavra 'conceito' é empregada de diversos modos; em parte, em sentido psicológico, em parte em sentido lógico e, em parte, talvez numa confusa mistura de ambos... o que decidi foi ater-me a um uso puramente lógico"<sup>17</sup>.

Tal como Frege o concebe, a essência do conceito é sua "natureza predicativa", quer dizer, sua necessidade de complementação ou insaturação: o conceito é, por definição insatu

15. Frege, Gottlob - Compte Rendu de Philosophie der Arithmetik I de E.G. Husserl - in Gottlob Frege. Écrits Logiques et philosophiques - Paris: Éditions du Seuil - p.146.

16. Frege, Gottlob - citado por Abbagnano, N.: Dicionário de Filosofia - SP: Mestre Jou - 1970 - p.688.

17. Frege, Gottlob - Sobre o Conceito e o Objeto - in Lógica e Filosofia da Linguagem - SP: Cutrix - Editora da Universidade de São Paulo - 1978 - p.89.

rado, pelo que se distingue muito nitidamente do objeto. Conceitos e objetos não podem, pois, substituir uns aos outros.

Ora, tal como o conceito, o essencial à função é também a insaturação, é sua necessidade de complementação pelo argumento, pelo que a função difere fundamentalmente do número: o argumento é um número, um todo completo em si mesmo, o que precisamente a função não é.

Frege dá o exemplo da função  $2 \cdot x^3 + x$ , onde  $x$  é o argumento da função. Em  $2 \cdot 1^3 + 1$ ;  $2 \cdot 4^3 + 4$  e  $2 \cdot 5^3 + 5$ , reconhecemos sempre a mesma função, apenas com diferentes argumentos, respectivamente 1, 4 e 5<sup>18</sup>.

Por conseguinte, argumento e função são tão opostos quanto conceito e objeto. Por outro lado, se a função se caracteriza essencialmente pela insaturação, já se pode ver o quanto ela está estreitamente ligada ao conceito, onde esta insaturação vem a ser designada como sua natureza predicativa:

"Vemos assim quão estreitamente ligado está o que se chama de conceito em Lógica com o que chamamos de função cujo valor é sempre um valor de verdade"<sup>19</sup>.

Mais precisamente, o conceito vai ser definido como uma função de um argumento, cujo valor é sempre um valor de verdade<sup>20</sup>.

Enquanto a referência de um nome próprio é, como vimos, o objeto, a referência de um termo conceitual é o conceito: como se vê, não somente os objetos, mas também o conceito podem vir a ser referência.

É o próprio Frege quem nos adverte quanto a uma confusão entre aquela distinção de sentido e referência com a classificação em conceitos e objetos: não se pode associar de um

---

18. Frege, G. - Função e Conceito - in Lógica e Filosofia da Linguagem - SP: Cultrix - 1978 - p.38.

19. Frege, G. - op.cit., p.45.

20. Frege, G. - Digressões sobre o Sentido e a Referência - in Lógica e Filosofia da Linguagem - SP: Ed. Cultrix - 1978 - p.108.



lado, sentido e conceito e, de outro, referência e objeto, por que assim como ocorre a um nome próprio, o termo conceitual também tem um sentido e uma referência. Um nome de objeto é o mesmo que um nome próprio e diferente de um termo conceitual cuja referência é um conceito, "se o termo for usado como é apropriado em lógica"<sup>21</sup>.

Se identificamos conceitos e sentido, estaremos reduzindo a referência aos objetos, pelo que seremos obrigados a colocar como a referência de um termo conceitual o objeto e não o conceito, como legitimamente é o caso. Isto significa que, tanto os nomes próprios tem um sentido e uma referência, quanto os termos conceituais tem um sentido e uma referência. Os conceitos são a referência dos termos conceituais do mesmo modo que os objetos são a referência dos nomes próprios.

Já dissemos que Frege alinhava-se numa antiga polémica que vinha sendo travada pela Lógica, que já se impunha a aquela discussão sobre seu "objeto" nos limites da psicologia. Caminhava ele por solo kantiano, para quem a distinção do lógico e do psicológico toma sua expressão máxima no "transcendental". A questão não se circunscreve aos aparecimentos e desaparecimentos de representações na consciência, mas ao valor que se lhes pode atribuir do ponto de vista da verdade. Como escreve Lacroix, o problema não é o da causa, mas o do fundamento dos juízos<sup>22</sup>.

Defendendo-se da "infiltração psicologista", Frege se vê obrigado a uma primeira separação: lógica e psicologia são radicalmente separadas. Isso significa afirmar a autonomia absoluta da lógica. Para romper com o idealismo, que assume muitas vezes a forma psicologista, deve-se provar que existe um domínio que é próprio exclusivamente à lógica, onde a psicologia não tem lugar na explicação desses que são fatos puramente lógicos.

O objeto próprio da psicologia são as representações e deve-se demonstrar que a psicologia é apenas uma entre as possíveis ciências porque nem tudo é representação.

---

21. Frege, Gottlob - op.cit., p.107.

22. Lacroix, J. - Kant e o Kantismo - Porto: Rés - 1979 - p.16.

Demonstra-se que nem tudo é representação partindo da tese da divisão em dois mundos - divisão em que a representação estaria limitada a apenas um dos mundos existentes: pois existe um "mundo externo das coisas sensíveis" e "um mundo interno das representações". Mas então, onde situar o domínio próprio à lógica? A qual desses dois mundos pertence o Pensamento?

Frege chama "representações" às "impressões sensíveis, criações de nossa imaginação, sensações e estados de ânimo, sentimentos, tendências e desejos". Esse mundo interno se caracteriza por não ser perceptível pelos sentidos, por depender de uma consciência individual e por não poder ser compartilhado por outras consciências: daí ser definido como subjetivo.

Por outro lado, o que caracteriza o mundo externo é ser ele perceptível pelos sentidos, independe de uma consciência individual e poder ser compartilhado por muitos: daí sua objetividade. A qual desses dois mundos pertence o Pensamento?

Quer dizer, o Pensamento, tal como a representação, não pode ser percebido pelos sentidos mas, ao contrário desta que é inteiramente subjetiva, aquela é compartilhado por várias pessoas. Por outro lado, o Pensamento, do mesmo modo que o mundo externo das coisas sensíveis, independe de um sujeito, não necessita de um "portador" a cujos conteúdos de consciência pertença, mas não pode ser situado nesse mundo porque ninguém vê um pensamento como se vê tais coisas. Há que encontrar um terceiro mundo a que possa pertencer o Pensamento: esse terceiro domínio é o objetivo - não-real que vem mediar o subjetivo e o objetivo e que deve ser reconhecido como o domínio próprio à Lógica:

"El pensamiento no pertenece a mi mundo interior como una representación, ni tampoco al mundo externo, al mundo de las cosas sensibles... los pensamientos no son ni cosas del mundo exterior ni representaciones. Hay que reconocer un tercer dominio"<sup>23</sup>.

O domínio do objetivo-não-real é o domínio próprio à lógica. Traça a demarcação do lógico em suas fronteiras

---

<sup>23</sup>. Frege, G. - El Pensamiento. Una Investigación lógica - pp.130-132

com a psicologia, constituindo-se numa esfera com características próprias que delimitam sua especificidade frente ao "mundo interno das representações" e ao "mundo externo das coisas sensíveis".

Um pensamento, no sentido fregeiano, é intemporal - mente verdadeiro, verdadeiro independentemente de que alguém o julgue verdadeiro ou não. E caberá à lógica descobrir as leis desse ser verdadeiro:

Assim delimitada a especificidade da lógica como ciência do ser verdadeiro, das leis do ser verdadeiro, Frege conclui que o modo de existência desse ser é diferente do modo de existência do subjetivo (representação) e do objetivo real. Vê-se assim obrigado a introduzir um terceiro "reino" para situar esse ser verdadeiro: o objetivo - não-real, tratado pelos lógicos psicólogos como subjetivo:

"O desconhecimento do objetivo não-real... leva os lógicos psicólogos a tratar os conceitos como imagens e a remete-los, enquanto tais, à Psicologia"<sup>24</sup>.

Mas Thiel, em *Sentido y Referencia en la Logica de Gottlob Frege*, não concordará com essa solução de Frege para os limites da lógica em suas fronteiras com o psicológico. Considera ele que essa introdução do objetivo - não-real anuncia uma ontologização crescente da lógica fregeiana. Mais que isso, ele vê aí uma contaminação ontológica da semântica de Frege que deveria apenas ser abandonada, já que a divisão semântica é capaz de se sustentar por si mesma. Além disso, o domínio do objetivo - não-real e o do Sentido não coincidem porque o primeiro inclui tanto os Pensamentos (isto é, os Sentidos), como também os objetos lógicos, que são sempre, em toda lógica de Frege, Referência, nunca Sentido:

<u>Divisão Ontológica</u>	<u>Divisão Semântica</u>
subjetivo-real (psíquico).....	signo
objetivo-não-real (Pensamentos e objetos lógicos).....	Sentido
objetivo-real (físico).....	Referência

---

<sup>24</sup>. Thiel, C. - op.cit., p.37.

Como se vê, o objetivo - não-real abarca o Sentido sim, mas vai ainda além dele, incluindo os objetos lógicos que são referência, nunca sentido. Logo, estaríamos diante de duas classificações distintas que não se superpõem, embora Frege utilize ambas. Trata-se - ainda conforme Thiel -, de uma ontologização - desnecessária e dispensável - da lógica fregeiana. Contaminação ilícita porque as Referências pertence aos três domínios ônticos.

Se as referências pertencem não somente ao reino do objetivo - não-real, mas também aos outros dois domínios ônticos, Thiel, retificando Frege, conclui que o reino do objetivo-não-real não coincide nem com a esfera do Pensamento nem com o domínio do lógico; pelo que deve ser abandonado<sup>25</sup>.

Vimos em que medida esta distinção de objetivo (conceito) e subjetivo (imagem) está presente na obra de Bachelard, levando-o até o seu duplo materialismo: racional e onírico, isto é, vertente científica e vertente poética, a cada uma delas correspondendo respectivamente o estudo do conceito e o estudo - ou, melhor seria dizer -, o amor pela imagem.

Tal como Frege que, querendo fundar uma lógica radicalmente separada da psicologia, começa por opor a objetividade do Sentido à subjetividade da imagem (representação). O objeto próprio à psicologia são as representações, essas criações de nossa imaginação que estão, como em Bachelard, impregnadas de valores afetivos. Feita essa distinção de base, o Sentido passa a ser fundamentalmente problematizado em relação à Referência já que, permanecendo a representação como puramente subjetiva, em nada pode auxiliar no desvelamento do significado enquanto pré-fixado coletivamente.

Mas é preciso lembrar que, enquanto Frege se coloca do ponto de vista lógico-matemático, mencionando as imagens apenas para esclarecer sua distinção radical em relação ao sentido e à referência, Bachelard incluirá essa polaridade em sua obra - e até mesmo em sua vida -, desenvolvendo paralelamente à sua obra científico filosófica, uma obra dedicada à imaginação criadora e vivendo a dupla vida do homem diurno da ciência e do homem noturno da poesia.

---

<sup>25</sup> Thiel, C. - op. cit. - pp. 164 - 170

5. O ALGORITMO DE LACAN E OS DESAFIOS DE ROBERT DESOILLE

5.1. - LACAN: DO ESPEDAÇAMENTO PRÉ-ESPECULAR À CONQUISTA DA IMAGEM DE SI.

É o exame do estágio do espelho - que tem sua formulação definitiva em 1949 com o texto O Estádio do Espelho como formador da função do eu. Tal como nos é revelada na experiência psicanalítica - que nos conduzirá a compreender o que Lacan descreve como relação imaginária.

Modelo das relações iniciais da criança e sua mãe, bem como de todas as relações "duais" isto é, relações reduzidas a dois termos -, o estágio especular é promessa de unificação de um corpo experimentado - anteriormente a qualquer identificação-, como "corps morcelé", como corpo fragmentado. Corpo espedaçado, corpo disperso por um mundo em relação ao qual a criança está situada como sua continuidade e prolongamento: a vivência pré-especular se define por uma ausência de limites, por uma indistinção da criança e sua mãe, interior-exterior, enfim, eu-não eu. Vivência de estilhaçamento de um corpo sentido mas não representado: a criança vive sensações dispersas, espalhadas caoticamente pelo corpo ao mesmo tempo em que é quase ausente a visão unificadora. Já se vê que na unificação desse corpo espedaçado jogará um papel fundamental a imagem através do desenvolvimento progressivo da visão.

O estágio do espelho pode ser definido essencialmente como um processo de identificação através do qual o infans - esse ser incompleto que ainda não fala - chega a antecipar a unidade de seu corpo fragmentado, sob a forma de uma imagem que lhe é exterior, conquistando para si uma representação do corpo próprio ("corps propre").

O próprio Lacan já o dissera: a relação narcísica é decisiva na constituição do sujeito. A relação especular articula-se com a constituição do sujeito tal como a entende Lacan e, mais especificamente, vem exemplificar a função estruturante da

imagem do outro para o futuro sujeito. Porque Lacan define a identificação como uma transformação que se produz no sujeito quando ele assume uma imagem:

"Basta aí compreender o estágio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise dá a esse termo: a saber, a transformação produzida no sujeito quando este assume uma imagem -..."<sup>1</sup>

Se essa apreensão da forma global de seu próprio corpo - da gestalt - antecipa na criança a sua própria maturação é porque, é preciso bem enfatizar com Lacan, uma gestalt é "capaz de efeitos normativos sobre o organismo"<sup>2</sup>.

É essa importância da imagem do outro na constituição do futuro sujeito, a saber, a sua ação real sobre a maturação, que vem se revelar no estágio do espelho. É que em Lacan o desenvolvimento do ser humano, para falarmos com J.-A. Miller, não é um puro e simples desenvolvimento fisiológico, mas um desenvolvimento onde o imaginário está inscrito<sup>3</sup>.

Essa primeira percepção da imagem torna-se um fenômeno fundamental na constituição do sujeito porque o humano é o único ser fisiologicamente incompleto ao nascer. Ao se reconhecer nessa gestalt - que é assim uma unidade ideal -, ele antecipa a sua própria maturação:

"Lo que he llamado el estadio del espejo tiene el interés de manifestar el dinamismo afectivo por el que el sujeto se identifica primordialmente con la Gestalt visual de su propio cuerpo: es, con relación a la incoordi

- 
1. Lacan, Jacques - O Estádio do Espelho como formador da função do eu. Tal como nos é revelada na experiência psicanalítica - in O sujeito, o corpo e a letra: termos da análise. Ensaios da Escrita psicanalítica - Lisboa: Ed. Arcádia - 1977 - p.22
  2. Lacan, Jacques - op.cit., p.22.
  3. Miller, J.-A. - Cinco conferencias caraqueñas sobre Lacan - Caracas: Editorial Ateneo de Caracas - p.16.
  4. Lacan, Jacques - La Agresividad en Psicoanálisis - in Escritos México: siglo veintiuno editores - vol.II - p.76.

nación todavía muy profunda de su propia motricidad, unidad ideal, imago salvadora"<sup>4</sup>.

Daí a fascinação do infans pela sua imagem: ainda incompleto se vê completo. O pequeno homem impotente, ainda sem co ordenação motora, antecipa imaginariamente o domínio sobre sua u nidade corporal. O júbilo que experimenta diante de sua imagem de monstra ter havido o reconhecimento, demonstra que se produziu a identificação "no sentido pleno": produziu-se uma transformação no sujeito pela assunção de uma imagem. Essa "assunção jubilatóri a" que testemunha o reconhecimento dá ao pequeno um sentimento de onipotência.

"Pero lo que demuestra el fenómeno de reconocimiento, im plicando la subjetividad, son los signos de júbilo tri- unfante y el ludismo de detectación que caracterizan desde el sexto mes el encuentro por el niño de su ima- gen en el espejo"<sup>5</sup>.

É pois, a prematuração do nascimento do homem que o situa no mundo como um quase feto, é esse seu estado inacabado ao nascer o que funda o estágio do espelho e que é, afirma Cathé- rine Clement, para Lacan,

"la causa latente de la cultura, que el lenguaje desarro llará y que la fase del espejo inaugura"<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> Lacan, Jacques - La Agresividad en Psicoanálisis - Escritos - México: siglo veintiuno editores - vol. II - p. 76

<sup>5</sup> Lacan, Jacques - op. cit., p. 76

<sup>6</sup> Clément, Cathérine - Para una Crítica Marxista de la teoría psicoanalítica - (Cathérine C., Pierre Bruno, Lucien Sève) - Argentina: Granica Editor - 1974 - p. 107.

O estãdio do espelho, identificação salvadora que suspenderá a "dispersão atemorizante" (Palmier) do "corps morcé lé", representa pois esse momento em que o infans, "numa relação antecipada à sua própria realização", escreve Lacan, se descobre como uma unidade pela imagem especular que assim se lhe impõe co-  
mo um outro mais perfeito, porque completo (falante) e unificado, enquanto que ele próprio não se sente como tal.

Essa imagem fora de si que a criança contempla, essa imagem que lhe aparece como uma unidade que lhe é exterior, essa imagem enfim, a criança a contempla como o seu ideal - um ideal de unidade que, por não existir em si própria, a "reenvia a si mesma a um plano de profunda insuficiência", escreve Lacan. Já se vê que ao mesmo tempo que salvadora, essa identificação com uma imagem que se lhe impõe como um outro mais avançado, mais perfeito, é também sua humilhação, já que reconhecimento de sua imperfeição e de sua dependência.

É pois, através da imagem especular que a criança antecipa a unidade de seu corpo fragmentado percebendo-se fragmentada e imperfeita. Humilhação! ela pode se perceber em sua fragmentação porque se mira nessa imagem que reflete uma unidade ideal. É o Outro que lhe dá sua imagem, que fala sua fragmentação, que marca sua incompletude, sua imperfeição em relação a essa que é sua unidade ideal, instaurando um conflito, verdadeira luta de morte.

É com um outro inteiro e completo, porque falante, que o infans se identifica. O outro é assim a imagem completa de alguém que não se sente completo mas já se vê completo. Esse outro da relação narcísica que não é ele porque é a imagem, porque é a mãe, porque é a outra criança, porque é o outro enfim, ao mesmo tempo é ele porque ele se reconhece nele, porque ele se identifica com ele, porque ele se torna ele através dessa relação imaginária. A imagem especular é, pois, a imagem completa de alguém impotente que ainda não se sente completo mas que já se vê completo e imaginariamente onipotente.

Como já se vê, a identificação imaginária é essa tensão de um conflito que é luta de morte onde os polos oscilam radicalmente da onipotência - pela negação total do Outro através da anulação da diferença entre isso que ela vê (o Outro co-



mo unidade ideal) e isso que ela sente (fragmentação, incoordenação) - à humilhação do reconhecimento da própria impotência - pela afirmação total do Outro através da afirmação da diferença entre o que ela vê e o que ela sente.

Tratando-se de uma relação dual, imediata, imaginária, a reversibilidade é mesmo absoluta. O infans se nega a si próprio, mas também se afirma absolutamente. Ele vai oscilando da sua negação, com a conseqüente afirmação total do Outro, até a destruição do Outro, através da sua negação. A agressividade, de fato, é inerente à identificação dual regida pela Lógica Binária " eu ou você":

"Na medida em que somos inaugurados como zero, nossa possibilidade é de ser todo o Outro. Isso nos aliena de nós mesmos. Por outro lado, a força que se experimenta a autodestrutividade, com a negação de nós mesmos e a afirmação total do Outro, leva-nos à confrontação com o recurso oposto, que é o da heteroagressividade, da negação do Outro... O início de nossas vivências, no entanto, está marcado pelos limites do imaginário, que vai dar uma condição à Lógica Binária das mais desfigurantes do humano. Essa a origem, em termos formas, da relação imaginária do sujeito com seu semelhante, admitindo-se o Outro como absoluto, como o que pode anulá-lo, por não se diferenciar dele"<sup>7</sup>.

É a essa presença da agressividade na identificação narcísica e, portanto, na própria constituição do eu, que faz referência a TESE IV da Agressividade:

"La agresividad es la tendencia correlativa de un modo de identificación que llamamos narcisista y que determina la estructura formal del yo del hombre y del registro de entidades característico de su mundo"<sup>8</sup>.

---

7. Brazil, Circe N.V. - A Estrutura do Inconsciente - Lugar 7 - publicação do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro - 1975-p.151

8. Lacan, Jacques - La Agresividad en Psicoanálisis - Escritos - Mexico: siglo veintiuno editores - p.73 - vol.II.

A agressividade é constitutiva dessa luta de morte, luta de puro prestígio que é a relação especular. Dialética do Amo e do Escravo onde cada desejo quer impor ao outro o reconhecimento de si, onde cada um quer ser reconhecido sem reconhecer o outro: ser é ser reconhecido pelo outro.

"Para dizer tudo, em nenhum lugar aparece mais claramente que o desejo do homem encontra seu sentido no desejo do outro, não tanto porque o outro detém as chaves do objeto desejado, quanto porque seu primeiro objeto é de ser reconhecido pelo outro"<sup>9</sup>.

Ser reconhecido pelo outro, eis a única possibilidade de ser: incompletude radical que nos aliena de nós mesmos, atirando-nos para o outro. Assim, na relação especular, do mesmo modo que na dialética do Amo e do Escravo, é o reconhecimento do homem pelo homem o que está em jogo.

Desejar incessantemente a destruição do outro e, simultaneamente, temer a realização do desejo: ser é ser reconhecido pelo outro. Tal é a relação imaginária: luta de puro prestígio, luta de morte, mas morte necessariamente imaginária porque se não o fosse a dialética seria suspensa, a luta não se poderia realizar: na morte do outro se realiza a própria morte. É a mediação da morte - necessariamente imaginária, escreve Lacan -, que está presente na luta de puro prestígio que é a relação narcísica descrita pelo estágio especular.

Daí ser a relação imaginária definida como "dimensão de guerra, de rivalidade mortal" (Miller), onde o que se deseja é aquilo que se teme, onde se deseja a destruição do outro através de sua anulação ao mesmo tempo em que se a teme com o mesmo temor que se tem à própria morte: eu só existo se um outro me vê. Ser é ser reconhecido pelo olhar que o outro dirige ao reflexo especular dando ao infans a certeza de si.

---

<sup>9</sup> Lacan, Jacques - Função e Campo da fala e da linguagem em psicanálise - Escritos - S.P.: Editora Perspectiva - 1978 - p.132.

"Mas esse próprio desejo, para ser satisfeito no homem, exige ser reconhecido, pelo acordo da fala ou pela luta de puro prestígio, no símbolo ou no imaginário"<sup>10</sup>.

Ao contrário da relação imaginária, a ordem simbólica é "pacificadora" (Miller) : a palavra tem como função a mediação entre os sujeitos. Essa relação mediada pela linguagem vem possibilitar o surgimento da singularidade, bem como a superação da agressividade inerente à relação imaginária: esta relação narcísica de confusão e indistinção, especifica-se pela ausência de mediação entre a criança e sua mãe. Trata-se de uma oposição imediata onde a reversibilidade é absoluta, onde cada polo do conflito passa de um para outro e se perde nesses reflexos. É uma relação dual: não há um terceiro termo pelo qual a criança, ao se fazendo representar, possa se distanciar do real. A fala é separadora. A partir desse terceiro termo mediador que é o símbolo é que a criança se distancia do real: nomeando a coisa, a criança dela se distancia, colocando a coisa como não sendo ela própria. Ao dar à coisa uma representação, ao substituí-la por um símbolo, a criança se distancia, se separa da coisa e a coloca como diferente dela, como não sendo ela: daí ser a singularidade o efeito desse acesso à ordem do símbolo, pois será possível agora haver a coisa e a não coisa, a coisa e o eu.

Desde a Spaltung (o acesso ao simbólico), momento de ruptura entre o eu do enunciado e o eu da enunciação, desde a utilização do símbolo, que separa o vivido e o signo que o vem substituir, a referência a si não é nunca imediata, mas sempre mediada pela linguagem:

"Através da estrutura da linguagem, vai registrar-se o significado mediatizado pela rede dos significantes, vendo-se o sujeito comprometido numa ordem de símbolos que o distanciará do imediatamente vivido"<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup>. Lacan, Jacques - op.cit., p.144.

<sup>11</sup>. Brazil, Circe N.V. - op.cit., p.151 .

Bem se vê, analisando o corps morcelé e sua promessa de unificação vivida no estágio especular, que é de primeira grandeza o lugar ocupado pelo outro na formação do eu. Não há uma subjetividade já dada, não há um eu inicial. Ao contrário, é o outro quem detém as condições de possibilidade de uma subjetividade que será forjada inicialmente através da identificação narcísica culminando na identificação edípica.

Temos enfatizado o quanto essa alteridade característica ao estágio especular está implicada nesse processo a partir do qual o eu será forjado que é a identificação primária. É exatamente a identificação com o outro que unifica (idealmente) o corpo fragmentado. É um outro quem lhe dá a sua imagem, é um outro quem lhe dá uma representação de seu próprio corpo, é um outro, enfim, quem lhe dá a certeza de si.

Ao se opor assim às concepções de um eu já dado desde o início, demonstrando ser o eu um sistema que se conquista e, fundamentalmente, uma instância que se forma através do Outro, Lacan rompe com tudo aquilo que representa a herança cartesiana.

No cogito cartesiano o eu deduz sua existência, a certeza de si, de si mesmo e, fundamentalmente, de um si mesmo identificado à razão e ao pensamento. Em Lacan, ao contrário, a prova existencial, a certeza de si não é dada por um pensamento racional deduzido a partir do eu, mas a partir do outro que me olha, a partir da imagem que eu vejo quando olho para o Outro.

À esse sujeito do conhecimento a que se reduz o sujeito de Descartes, a esse eu do cogito que prescindir do outro para ser, a esse eu que está no seu próprio centro porque criador de si próprio, Lacan opõe o ser descentrado da alteridade: ser é ser reconhecido pelo olhar do Outro. Reafirma a tese do sujeito cindido, negando a redução cartesiana do ser ao puro pensar, negando esse ser que se define como pura razão. Isso (ça) fala de mim, por isso não há transparência do ser.

Subversão do sujeito, como se costuma anotar esse descentramento do homem proposto por Freud e radicalizado por Lacan. Sabe-se que Freud, colocando-se ao lado de Darwin e de Copérnico reivindicava para a ciência do inconsciente o lugar do terceiro nesse triângulo revolucionário, responsável por causar

graves feridas narcisistas à humanidade.

Freud veio se opor a essa filosofia da consciência que, deitada preguiçosamente sobre o postulado de um sujeito absolutamente onisciente sobre si através de uma intuição imediata, sobre uma pretensa unidade do sujeito, numa palavra, sobre a identidade porque esgotava o sujeito no pensamento consciente, concluía pela impossibilidade de um sujeito contraditório em relação a si próprio. É essa contradição interna, essa contraditoriedade constituinte do sujeito que será afirmada por Freud que, negando aquele sujeito autoconsciente e auto-determinantes, demonstra-o cindido: o sujeito não conhece tudo sobre si mesmo pois existe uma cisão entre aquilo que ele pensa e aquilo que ele imagina que pensa.

Lacan, apoiando-se na linguística estrutural, explicita sempre mais as determinações do sujeito, situando-se na plataforma da terceira "revolução": o eu penso onde não sou não é imprescindível ao pensar onde sou:

"penso onde não existo, portanto existo onde não penso. ... O que cumpre dizer é: eu não sou, lá onde sou o joquete de meu pensamento: eu penso no que sou, lá onde eu não penso pensar"<sup>12</sup>.

Porque, desde que a Spaltung separou significante e significado, é possível "isso" (ça) pensar em meu lugar. O sujeito é descentrado em relação a si mesmo por um efeito do inconsciente. Daí não poder por si mesmo se dar uma posição - "Lá onde eu não sou porque não posso aí situar-me"<sup>13</sup> -, exceto no campo do *moi*, o campo da imagem própria. Tal o problema a ser resolvido:

"O lugar que eu ocupo como sujeito do significante será, em relação àquele que eu ocupo como sujeito do

---

12. Lacan, J. - A Instância da letra no inconsciente ou a Razão desde Freud - Escritos - SP: Perspectiva - 1978 - p.248.

13. Lacan, J. - op.cit., p.248.

significado, concêntrico ou excêntrico? Eis a questão"

14

Lacan vem radicalizar a oposição à tradição do cogito já com o descentramento do estádio especular, decisivo na estruturação do sujeito. Nesse "jogo descentralizante" (Palmier) como vimos, o infans se identifica com uma imagem que é dele ao mesmo tempo em que não é, já que ele tem a noção de seu corpo espedaçado (corps morcelé), e não integrado como a imagem que se lhe apresenta. A imagem especular por ser completa é a de um outro: é a imagem de alguém que ainda não está completo mas que antecipa essa integração por meio dessa que é assim uma unidade ideal.

Contrariamente à prova do cogito, o imaginário especular vem mostrar que o sujeito não emerge de uma intuição imediata, não é um "dado de partida" (Miller) e não se reconhece senão através do outro: o sujeito emerge de uma construção que exige a mediação da imagem. A aquisição da imagem de si não pode se fazer mais que pela mediação da imagem e do olhar dos outros: ser é ser reconhecido pelo olhar do outro. O estádio especular vem demonstrar que não tenho a imagem própria em primeiro lugar, que é só a partir da imagem do outro é que tenho a minha: é o outro que me dá a minha imagem: o outro é o meu espelho.

O outro é o espelho: ele me dá a minha imagem que é a sua imagem de mim. O que o outro reflete no espelho que é seu olhar é a imagem que tem do sujeito. O sujeito olha aquilo que o outro dele olha. No olhar da mãe a criança vê refletir-se sua imagem que, tal como a do espelho, é invertida. A criança então vê a sua imagem que a mãe tem dela. É o olhar da mãe quem de finirá o eu da "cria de homem" (Lacan), a imagem que ela terá de si própria:

"Lorsque le miroir qu'aurait dû être le regard de la mère pour son enfant n'a été que vide, pure transparence ou mur opaque, nous savons que l'indispensable nar-

---

14. Lacan, Jacques - op. cit., p. 247.

cissisme primaire n'a pu se vivre, ni la conscience de soi s'élaborer"<sup>15</sup>.

Subversão do sujeito. Determinado pela ordem do significante, o homem não está no seu próprio centro. O espelho vem mostrar que o homem não é o Amo da ordem do significante, mas que, ao contrário, é o servo dessa ordem que o constitui como sujeito.

Subversão do sujeito: sujeito determinado pelo inconsciente, sujeito ao discurso do Outro - sujeito porque cindido ao dar entrada na Ordem do simbólico, à qual deve sujeitar-se, ocupando o seu lugar nessa estrutura que "já estava ali" (Milles), como também já estava ali designado o seu lugar. Cindido pela Spaltung, o sujeito permanecerá marcado por esse momento de ruptura, "o sujeito excluído de seu discurso" porque a partir de então será impossível fazer coincidir o "eu" sujeito do enunciado com o "eu" sujeito da enunciação: o significado está separado do significante por uma barreira resistente à significação.

Sujeito cindido: o Dia e a Noite. Sai de cena o sujeito da ambição racionalista para dar lugar ao sujeito da Outra cena. Novo espetáculo, novo diretor: o Grande Outro está sempre ali determinando, submetendo, dirigindo enfim essa nova montagem. Estabelece-se a primazia do significante de uma linguagem que é fundamentalmente "ambígua e equívoca":

"El sujeto, el sujeto que habla, no es amo y señor de lo que dice. En cuanto habla, en cuanto piensa que utiliza la lengua, en realidad es la lengua quien lo utiliza a él; en cuanto habla siempre dice más de lo que quiere; y ao mismo tiempo dice siempre otra cosa... En cuanto habla, de hecho uno es hablado por la lengua. El descubrimiento del inconsciente por Freud no es sino esto!"

16

15. Fabre, Nicole - Vécus Corporels et Vécus dits Mystiques en Rêve-Éveillé - in Etudes Psychothérapiques: Recherches en analyse R.E.D. - Privat Ed. - septembre 1981 - p.219 - publicação do Groupe International du Rêve Éveillé Dirigé - GIREDD -

16. Miller, J.-A. - op.cit., p.38.

Ambiguidade cujo limite é dado pelo contexto e cujo fundamento é dado pela superdeterminação do significante : nenhuma formação do inconsciente é determinada por um único conteúdo inconsciente,mas,ao contrário,se especifica pela superdeterminação, vale dizer, pela remissão à múltiplos elementos inconscientes determinantes<sup>17</sup>.

Esses múltiplos elementos inconscientes determinantes articulam-se metafórica e metonimicamente, dando lugar às formações do inconsciente : essa a polifonia de que Lacan nos fala em A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud:

"Mas basta escutar a poesia... para que aí se faça ouvir uma polifonia, e ver que todo discurso mostre a linear-se sobre as diversas pautas de uma partitura".  
18

A autonomia do significante em relação ao significado, isto é, sua capacidade de significar outra coisa do que diz, sua capacidade de dizer mais do que diz, enfim, sua capacidade de "veicular múltiplos sentidos" (Anika), se deve à metáfora - que "é o principal agente dessa autonomia relativa" (Anika) - e à metonímia (o deslizamento constante do sentido).

Assim acontece com todas as formações do inconsciente - sonhos, lapsos, chistes, sintomas -, que "repletas desses procedimentos de estilo" (Anika), sempre significam mais e diferentes coisas do que de início aparentemente dizem, pelo que necessitam interpretação.

O sintoma é, como Lacan escreve - em Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise - "estruturado como uma linguagem". Mais precisamente, o sintoma é uma metáfora que se

---

17. Cf.: Laplanche, J. e Pontalis, J.-B - Vocabulário da Psicanálise - Santos: Livraria Martins Fontes - 1979 - p.641.

18. Lacan, Jacques - A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud - Escritos - S.P.: Editora Perspectiva - 1978 - p.234.



define como a figura que toma uma palavra por outra.

"A metáfora se situa no ponto preciso em que o sentido se produz no não-sentido"<sup>19</sup>.

Então o sintoma é essa ausência de significação, é o que não passou à palavra. Tendo permanecido à margem da simbolização, o sintoma - esse não-sentido - desaparecerá tão logo seja verbalizado: a cura é simbolização.

É essa homogeneidade entre o sintoma e a análise - "talking cure", dizia Anna O. -, que desvela os mistérios da cura ou de qualquer outra função que se pretenda atribuir à análise. Não há mistério ou magia: análise e sintoma sendo da ordem da palavra, da linguagem, é o fato que explica que a primeira possa transformar o segundo:

"Que ela se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise só tem um meio: a fala do paciente"<sup>20</sup>.

O eixo do tratamento psicanalítico não é apenas, como se costuma dizer, a transferência, mas a própria linguagem.

---

19. Lacan, Jacques - op. cit., p. 239.

20. Lacan, Jacques - Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise - Escritos - São Paulo: Editora Perspectiva - 1978 - p. 112.

5.2. - O RÊVE ÉVEILLÉ DIRIGÉ DE ROBERT DESOILLE

Em que medida precisamente esse lugar central da linguagem numa psicoterapia pelo Rêve Éveillé Dirigé poderia ter escapado a Robert Desoille é o que nos propomos a examinar agora. Ele atribui a eficácia de seu método à intervenção do terapeuta nesse cenário imaginário do paciente que é o sonho acordado, intervenção que se expressa já na sigla pela palavra DIRIGÉ. O terapeuta dirige o paciente no espaço imaginário segundo um eixo vertical, sugerindo-lhe uma ascensão ou um descenso:

"Es su intervención lo que da toda su originalidad y eficacia al ensueño dirigido; el psicólogo dirige ese movimiento en el espacio imaginario del paciente, siguiendo fundamentalmente la línea vertical, en sentido ascendente o descendente"<sup>21</sup>.

Esse movimento criado pela direção que o terapeuta imprime ao sonho acordado deveria ser sistematicamente provocado, dando lugar à radicais transformações do cenário: sua proposta poderia ser definida como a transformação da imagem e, através dela, a transformação do afeto a ela ligado, a transformação do sentimento que a imagem - por definição -, vem expressar:

"La imagen nace de un estado afectivo, y si este varia, la imagen también lo hace. Pero lo contrario es igualmente cierto, y todas nuestras experiencias lo han corroborado: si se pueden orientar las imágenes en un sentido adecuado, los estados afectivos toman la orientación prevista. Se deduce que el análisis, aunque muy interesante, no es absolutamente indispensable para alcanzar los fines que perseguimos"<sup>22</sup>.

21. Desoille, Robert - Lecciones sobre ensueño dirigido en psicoterapia - Buenos Aires: Amorrurtu editores - 1975 - p.29 - grifo meu.

22. Desoille, Robert - op.cit., p.39.

Inicialmente ele via a intervenção do terapeuta como promotora da sublimação, considerada por ele como a meta do psicoterapeuta - tal como Bachelard. A sublimação se tornava alcançável no rêve éveillé dirigé, graças precisamente à essa utilização do eixo vertical do imaginário que o RED vinha promover, através da direção que o terapeuta imprimia no cenário imaginário. E mesmo que a direção não apontasse somente para a sublimação, já que ela pressupõe ainda, com a evolução do método, o descenso, Robert Desoille explica que este visaria a exploração do passado do paciente, seria a "fase exploratória", a que se seguiria a "fase de reconstrução" compreendida pela sublimação através da ascensão.

Mas Desoille acabará por ver que a especificidade da intervenção do terapeuta não é a de ser ela promotora da sublimação: trata-se - e essa é sua eficácia - de uma intervenção pela palavra.

Porque as experiências pavlovianas sobre o segundo sistema de sinalização vem demonstrar que os processos da atividade nervosa superior podem ser modificados por uma "intervenção puramente verbal". É pois, a linguagem, o que

"qui rend la psychothérapie possible en la justifiant, tant que nous n'aurons pas de procédés plus directs et plus rapides pour agir sur l'activité du cortex"<sup>23</sup>.

É que, para Desoille, "a noção de neurose puramente psicógena é uma abstração"<sup>24</sup>; há sempre, em sua opinião, um comprometimento fisiológico, pelo que ela seria corretamente definida como uma desordem adquirida dos processos da atividade nervosa su

---

23. Desoille, Robert - Théorie et pratique du Rêve Éveillé Dirigé Genève: Éditions du Mont-Blanc - 1961 - p.19.

24. Desoille, Robert - op.cit., p.111.  
Cf. também Lecciones sobre ensueño dirigido en psicoterapia - Buenos Aires: Amorrurtu editores - 1975 - p.61.

perior. Ou, mais precisamente, "um problema dos processos de excitação e de inibição impedindo os reflexos condicionados normais de se estabelecerem". O sonho acordado será assim, uma psicoterapia que age através desse segundo sistema de sinalização da realidade constituído pela linguagem, sobre as representações do sujeito para readaptar suas reações afetivas bem como seu comportamento<sup>25</sup>.

Isso significa que a psicoterapia será definida como uma "reeducação" (26) através da representação imaginária que o sujeito se faz de certas situações, o que pode ser suficiente para descondicionar os reflexos inadequados. O *rêve éveillé dirigé* será tido como um procedimento para criar ligações corretas e está baseado na possibilidade,

"spécifiquement humaine, qu'un sujet a de se représenter un acte avant de l'accomplir et de s'entraîner en quelque sorte à l'action désirée par la simple imagination en créant ainsi un nouveau stéréotype dynamique suivant l'expression de Pavlov. La répétition de cet exercice peut suffire à déconditionner les réflexes morbides"<sup>27</sup>.

O que aqui não está em questão, como não estava também em Bachelard onde encontramos já essa mesma concepção reeducativa do *rêve éveillé dirigé*, é a luta de morte que pode ser travada em torno da subjugação e perseguição desse eu mais perfeito que é o ideal que o RED poria em cena.

Por outro lado, na neurose definida como um condicionamento, está implícito um percurso muito preciso que vai de uma causa inicial a um efeito condicionado: e, entre ambos, Desoille situa a representação, que serve de sinal ao reflexo condicionado.

---

25. Desoille, R. - *Théorie et pratique du Rêve Éveillé Dirigé* - Genève - Éditions du Mont-Blanc - 1961 - p.49.

26. Desoille, R. - *op.cit.*, p.16.

27. Desoille, R. - *op.cit.*, p.p.20-21.

Nesse esquema em que a representação é causa (si-nal do comportamento neurótico em questão) e efeito (de uma cau-sa real), Desoille vai buscar o vínculo que une a representação à sua origem e não o vínculo que a une ao próprio sintoma neurótico. Isso significa que Desoille quer o que está por trás da representação. Lembre-se que o próprio Freud - a quem Desoille critica afirmando que o descondicionamento (a supressão do sintoma) pode ser realizado mesmo que se desconheça a causa real do reflexo condicionado, "contrariamente ao que pensava Freud", escreve ele<sup>28</sup> - não coloca na origem do sintoma neurótico uma situação real mas a própria representação. É o abandono, na teoria da sedução, de uma causa real por uma causa imaginária. Entre o sujeito e o real, Freud lido por Lacan vem situar a mediação da articulação de ima-ginário e simbólico (o fantasma). Não há nada para além da representação que seja significação: no mais além do simbólico, só há o Real.

Encontramos em Pavlov um primeiro sistema de sina-lização da realidade que releva da excitação sensorial e é comum ao homem e ao animal e, um segundo sistema constituído pela lingu-agem. As imagens estão ligadas ao primeiro sistema e podem, tanto quanto as palavras, servir de sinais. Desoille afirma ainda que a ligação entre ambas - palavras e imagens - , é estreita, as duas são inseparáveis. Mesmo porque, conforme definição de Pavlov, a ati-vidade do primeiro sistema é inseparável e simultânea à ati-vidade do segundo.

Assim, no sonho acordado dirigido, quando o terapeu-ta intervém pela palavra, esta - sinal de sinal - desencadeia a i-magem que, por sua capacidade de também poder servir de sinal - "todas essas imagens evocadas pela palavra podem servir de si-nais por sua vez", escreve Desoille<sup>29</sup> -, desencadeia outras imagens.

Segundo Desoille, apesar de serem simultâneas as a-tividades do primeiro e do segundo sistema, inseparáveis, normalmente o papel preponderante cabe ao segundo que "adapta constan-

---

<sup>28</sup> Desoille, R. - op.cit., p.20

<sup>29</sup> Desoille, R. - op.cit., p.19.

temente o primeiro às exigências da vida social". No RED esta relação estaria invertida pela eliminação temporária da predominância do segundo sobre o primeiro sistema, já que nesse momento o sujeito expressaria seus sentimentos através de imagens. A preponderância do segundo sistema voltaria a ser estabelecida no momento da análise do sonho dirigido.

Mas se, como escreve Desoille, o sujeito no sonho acordado vem expressar seus sentimentos através de imagens, onde situar a simultaneidade afirmada entre os dois sistemas? Parece-nos que mais do que uma predominância do primeiro, Desoille está afirmando a ausência do segundo sistema.

Assim Desoille parece não dar importância quanto a ser um RED simultaneamente falado para o terapeuta. Fazer o RED é se ver atuar num espaço imaginário ao mesmo tempo que falar es se espaço numa relação, pela mediação do sistema simbólico constituído pela linguagem.

O RED é simultaneamente ver e dizer, isto é, confundir-se com esse cenário imaginário e ao mesmo tempo dele se distanciar pela mediação da palavra, do terapeuta. É ainda, simbolização de um imaginário que flui livremente mas que - já no próprio ato de sonhar, exatamente pela simultaneidade do ver e do falar que especificam o RED - é preso à palavra, é capturado pelo símbolo.

No texto de Desoille a especificidade do RED consiste na intervenção do terapeuta no sonho através da direção que ele veicula pela palavra obtendo efeito de condicionamento.

Se inicialmente via Desoille a intervenção do terapeuta no RED como uma direção visando a sublimação, posteriormente ele vem entender essa mesma intervenção como uma palavra que o terapeuta dirige ao sujeito em sonho. O RED é linguagem, é diálogo que vai da palavra que o terapeuta dirige ao sujeito à "linguagem íntima" - linguagem de imagens - , que o sujeito dirige para o terapeuta.

O RED se define portanto, por essa articulação do ver e do dizer, da imagem e da palavra, do imaginário e do simbólico onde, se o lugar do ver é central, certamente não o é menos o falar sobre esse visto porque, precisamente, se trata de um sonho acordado dirigido também para o terapeuta. Isso significa que o o

terapeuta nele está tão presente - mesmo que não dirija nenhum movimento - que essa presença já estabelece aquela distinção a que se referia Desoille, entre a fantasia espontânea (não inserida no processo terapêutico) e um sonho acordado dirigido.

Quer dizer que não estamos postulando a não intervenção no sonho acordado dirigido: não se trata de defender a tese da intervenção ou a tese da não intervenção no sonho pela direção do movimento, mas antes, de explicitar o que está em jogo na tese da diretividade e, fundamentalmente, de explicitar seus fundamentos.

O que a experiência confirmou com Desoille é que esse deslocamento vertical em ambos sentidos provoca o surgimento de imagens e sentimentos específicos. A sugestão de subir se faz acompanhar de imagens luminosas e sentimentos de euforia, enquanto que a sugestão de descer se seguem imagens sombrias e sentimentos de tristeza e depressão. Desoille escreve que é a "noção de reflexo condicionado no segundo sistema de sinalização" que pode explicar esta "resposta absolutamente geral"<sup>30</sup>.

A explicação que dá Desoille para que essas imagens específicas acompanhem o deslocamento proposto é que esse movimento imaginário (ascensão ou descenso) é um sinal - desencadeado pela intervenção do terapeuta - que por sua vez, desencadeia o reflexo condicionado em questão: as imagens de luz ou as imagens sombrias. A sugestão de ascender o sujeito responde iniciando imaginariamente esse movimento e é ele - essa "imagem motora" - que serve de sinal para a imagem visual que é, assim, o reflexo condicionado. A esse sinal - o deslocamento imaginário - o sujeito responde com esses reflexos condicionados que são as imagens de luz e os sentimentos de euforia.

Desoille escreve que quando diz reflexo condicionado não está estabelecendo uma mera analogia, pois existe realmente uma relação causa-efeito entre as imagens motoras por um lado, e as visuais pelo outro<sup>31</sup>. A palavra é o sinal que desencadeia

---

<sup>30</sup>. Desoille, Robert - op.cit., p.31.

<sup>31</sup>. Desoille, Robert - op.cit., p.34.

ia o sinal - a imagem motora e, esta sim, sinal imediato do reflexo condicionado imagem visual. Segundo Pavlov, escreve Desoille, esses sinais de sinais são "imagens generalizadas e abstratas da realidade".

Para Desoille esse condicionamento existe mesmo o nível da própria linguagem, onde já estão associadas essas imagens motoras à essas imagens visuais e reações afetivas que lhes correspondem: tudo que é bom e bonito, está associado à idéia de calor, de luz, de elevação. Enquanto que o que é mau, feio e perigoso, está mais ou menos associado às idéias de trevas e de profundidade.

A origem desse "simbolismo corrente" Desoille vem encontrar no reflexo condicionado estabelecido pelo "movimento diurno do sol" - que, "dos fenômenos naturais que condicionam a vida" é o mais importante : a ascensão do sol se faz acompanhar de luz "que embeleza as coisas", do calor "que assegura o bem estar", da "atividade dos seres vivos". Enquanto que a sua descida "coincide com as fadigas do dia e a depressão moral que pode acompanhá-la" e traz consigo "a escuridão e o medo de perigos noturnos reais ou imaginários"<sup>32</sup>.

Portanto, para Desoille a linguagem não viria se não expressar o que ocorre na própria realidade. Essa relação eminentemente simbólica que é a da ascensão com as imagens que lhe correspondem seria, em Desoille, que a explica pelo condicionamento, uma representação imediata da natureza - aqui, o movimento do sol: a palavra seria o reflexo da coisa, a linguagem expressaria a realidade.

Tal como definido por Saussure, o signo linguístico não vem unir uma palavra a uma coisa (realidade) mas uma imagem verbal (significante) a um conceito (significado). Significante e significado se relacionam como as "duas faces de uma moeda", para recolhermos a expressão de Saussure.

Por outro lado, a relação do signo linguístico com a realidade define-se, em Saussure, pela "arbitrariedade": não exis

---

<sup>32</sup>. Desoille, Robert - op.cit., p.p. 32-33.



te qualquer relação necessária - como a quer Desoille - entre a palavra e a coisa que lhe corresponderia. Saussure vem assim contra essa idéia de uma relação natural entre a linguagem e a realidade. Do mesmo modo, a relação no interior do signo linguístico, a relação do significante ao significado é arbitrária: entre eles não existe nenhum laço natural na realidade<sup>33</sup>.

Faltou a Desoille a noção de sistema simbólico, sistema de linguagem, onde os significantes remetem a outros significantes e não a uma realidade situada fora dele, pois a troca, a substituição é interna ao próprio sistema. Assim a imagem deixa de ser representação para ser inserida na rede de significantes que é organizada num sistema segundo leis precisas. E, enquanto significante no sonho, por exemplo, ela deixa de ser a imagem de um representado, com o que se passa do fenômeno de expressão ao fenômeno linguístico.

Por outro lado, essa definição (pela arbitrariedade) da relação de linguagem e realidade em Saussure, vem colocar a questão de que existiria uma realidade extralinguística vale dizer, uma realidade a que poderíamos ter acesso independentemente da linguagem, independentemente da significação.

Aliás, é essa relação de linguagem e realidade que nos parece ser problematizada através da materialidade pela qual se define o significante em Lacan<sup>34</sup>. Entendemos que para ele a linguagem não seria algo "abstrato" no sentido clássico de imaterial, espiritual. Ao contrário, parece-nos que através da materialidade do significante Lacan vem precisamente reivindicar o "seu lugar na realidade"<sup>35</sup>.

Se lembramos aqui a linguística através de Lacan e Saussure é precisamente porque o próprio Desoille vem definir o Rêve Éveillé Dirigé como linguagem. Ele escreve que as imagens do sonho acordado dirigido se substituem espontaneamente à "lin-

---

33. Saussure, Ferdinand de - Curso de Linguística Geral - SP: Cutrix p. 83.

34. Lacan, Jacques - A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud - Escritos - SP: Ed. Perspectiva - 1978 - p. 232

35. Lacan, Jacques - op. cit., p. 230.

guagem convencional" para exprimir os sentimentos vividos pelo sujeito. Assim, as imagens do RED constituem uma "linguagem íntima" como dizia Politzer, lembra Desoille,

"el del soñante que se habla a sí mismo para tomar conciencia de sus propios sentimientos"<sup>36</sup>.

Trata-se de uma "linguagem simbólica" e "arcaica" - sua aquisição seria anterior à da linguagem convencional, definida como "um modo de expressão lógica"<sup>37</sup>. No sonho acordado

"le sujet prend conscience du sentiment qu'il vit en 'se parlant', pourrait-on dire, à lui-même, dans un langage archaïque, celui des images visuelles, nécessairement symboliques. C'est le langage intime dont parlait déjà Politzer"<sup>38</sup>.

Que relações poderíamos estabelecer entre a linguagem íntima e a linguagem convencional? Seria aquela uma linguagem independente da linguagem normalmente falada pelo sujeito? Mas Desoille não se detém um momento na problematização dessas linguagens. Embora muitas questões venham se inserir nesse ponto preciso em que se situa uma linguagem íntima ao lado de uma linguagem convencional, qualquer uma delas permanecerá, entretanto, à margem do texto de Desoille.

Então, a manifestação da "intimidade" do sujeito não seria uma característica inerente a seu discurso, pois haveria a nesse sentido, textos privilegiados, que seriam aqueles unicamente nos quais o sujeito dessa "linguagem íntima" poderia aparecer: seriam aqueles textos produzidos pelo sujeito das vivências oníricas e semi-oníricas, quando se estabelece temporariamente a predominância do primeiro sobre o segundo sistema de sinalização,

<sup>36</sup>. Desoille, R. - Lecciones sobre ensueño dirigido en psicoterapia - Buenos Aires: Amorrortu editores - 1975 - p.42.

<sup>37</sup>. Desoille, R. - Théorie et Pratique du Rêve Éveillée Dirigé - Genève - Éditions du Mont-Blanc - 1961 - p.73

<sup>38</sup>. Desoille, R. - op.cit., p.76.

permitindo que o sujeito venha expressar-se através de imagens.

Mas nesse momento em que quem fala é o sujeito da "linguagem íntima" deveríamos supor que se cala o sujeito da "linguagem convencional"? Cisão do sujeito ou cisão da linguagem? Sujeito cindido de uma única linguagem ou sujeito unificado de duas linguagens aparentemente paralelas?

E, finalmente, se a linguagem íntima se define como linguagem de imagens, por oposição à linguagem convencional que é linguagem de palavras, eis-nos novamente diante da separação daquilo mesmo que se afirmou inseparável. Se são simultâneas as atividades do primeiro e do segundo sistemas de sinalização, de acordo com Pavlov, se são inseparáveis palavras e imagens, como afirmou Desoille, como situar - ao lado de uma linguagem de palavras, uma linguagem de imagens?

Desoille se opõe à tese freudiana de que todos os sonhos noturnos tem uma significação, baseando-se na noção de "níveis de consciência" que empresta à André Lamouche, pelos quais haveria sonhos coerentes e sonhos incoerentes em graus variados que iriam do máximo de coerência ao máximo de incoerência. Quer dizer, para ele, aqueles sonhos que "não tem pé nem cabeça", aqueles sonhos absolutamente "anárquicos" dos quais não se poderia apreender imediatamente nenhuma significação, de fato não seriam outra coisa que apenas sonhos incoerentes. O máximo de coerência corresponderia "ao trabalho mais eficaz da vigília" e o máximo de incoerência corresponderia "à sucessão anárquica de imagens visuais do sonho"<sup>39</sup>.

Assim vai Desoille abandonando o campo da linguagem, o campo da significação. O que explica o modo de associação entre as imagens do RED que constituiriam essa "linguagem íntima", o que funda o seu modo de encadeamento, não são, surpreendentemente, leis linguísticas, mas as leis do condicionamento: a ligação que se estabelece entre as imagens do RED é, como vimos, uma ligação condicionada onde cada imagem serve de sinal para as seguintes. A lei que une as imagens entre si e as imagens à palavra do

---

<sup>39</sup> Desoille, Robert - op.cit., pp.27-28 e p.73.

terapeuta que é sua direção no cenário imaginário do sujeito, é a lei do reflexo condicionado.

Sem falsear as teses politzerianas, julgamos ser possível dizer que ele vem opor Freud à psicologia clássica fundamentalmente em torno ao sentido que Freud soubera atribuir ao que era genericamente descrito como processo fisiológico. Assim Freud não se detém na constatação de que há sonhos coerentes e sonhos incoerentes ou ainda de que o sonho sempre revela restos diurnos: Freud atribui ao sonho um sentido integrado a uma biografia individual em curso.

Esperávamos que Desoille ainda aqui permanecesse nessa via politzeriana, concluindo que aquele encadeamento é anárquico e incoerente de um ponto de vista da "linguagem convencional" e só desse ponto de vista é que aqueles sonhos não teriam nem pé nem cabeça. Restaria portanto, dar curso a uma teoria do sentido e interrogar-se sobre as leis pertinentes à essa organização linguística pela qual se define o RED. Mas não é nessa direção que prossegue Desoille que conclui ser impossível precisar, "no estado atual de nossos conhecimentos", qual seria o nível ótimo em que se deveria colocar o sujeito de modo a que viesse se exprimir com o máximo de liberdade e num nível de coerência suficiente. Haveria ainda pois, que pesquisar qual seria esse nível ótimo entre os dois limites do máximo de coerência ao máximo de incoerência<sup>40</sup>.

Ora, se essa linguagem de imagens é, como Desoille o afirmara, um modo de expressão diferente da lógica convencional, a anarquia e a incoerência dos sonhos a que se refere não seriam outra coisa que a própria fala dessa linguagem íntima que é específica e diferente daquela que estamos habituados a falar e ouvir na vida de vigília. Quer dizer, a permanecer dentro de sua linha de argumentação, ele deveria explicar a incoerência precisamente por essa defasagem entre as duas linguagens que põe em cena. Mas ao ver nessa linguagem imaginária apenas incoerência, De -

---

<sup>40</sup> Desoille, Robert - op.cit., pp.27-28.

soille acaba por reduzir essa que seria a "linguagem íntima" à própria linguagem convencional da qual ele a havia nitidamente distinguido. Porque então apelar a uma "linguagem íntima" quando dela se vai abrir mão no momento exato em que ela se torna a opção "natural" do desenvolvimento de sua argumentação para o fenómeno investigado? Para que postular duas linguagens quando se vai conduzir a investigação exatamente como se tivesse postulado apenas uma? Enfim, interrogaríamos a Desoille, porque postular duas linguagens se, de fato, se acredita numa única linguagem?

Talvez pudéssemos apontar como a insuficiência maior dessa concepção reeducativa do RED o fato de que com ela se perde aquilo que o sintoma como o RED vem denunciar de um conflito. Não há uma recuperação desse sentido expresso pelo não sentido. Assim estaria o sujeito impedido de resgatar sua história, de recuperá-la recuperando-se a si próprio enfim, de se reconhecer no texto de sua própria história que permanece alienada de si próprio. É essa insuficiência que queremos apontar no RED reeducativo: ele cassa a palavra do sem sentido que de qualquer modo insiste em falar. Mas emudecendo-o, ele se emudece também.

Vendo apenas incoerência naquilo que não é imediatamente reconhecido como significação, Desoille simplesmente recusa o texto desses sonhos, capitulando de uma tematização do sentido dessa linguagem íntima. Não verá nessa linguagem mais que uma expressão da "vida real":

"La situation du rêve offre à son tour une analogie avec les événements réellement vécus qui sont alors synthétisés dans un scénario d'allure fantastique"<sup>41</sup>.

A compreensão dessa linguagem íntima virá exigir, segundo Desoille, a substituição do texto de um sonho por um outro equivalente em linguagem convencional. Desoille propõe como método de interpretação a "analogia". Depois de separar aquilo

---

<sup>41</sup>. Desoille, Robert - op. cit., p. 40.

mesmo que se afirmou inseparável - palavras e imagens - Desoille vai estar diante de um impasse que o obrigará a reunir o que separou: aceder ao sentido dessa "linguagem íntima" é traduzi-la em "linguagem convencional" através da "analogia". Se queremos compreender essa linguagem íntima, escreve Desoille, temos

"de trouver à ces images un sens exprimable en langage conventionnel. Ceci ne peut être fait que par des analogies entre la situation, la plupart du temps purement imaginaire, du rêve et celle de la vie de veille réellement vécue dans le passé"<sup>42</sup>.

Desoille precisa: há que se entender o RED como "uma intervenção puramente verbal" e essa intervenção pela palavra é a única capaz de explicar a eficácia do método.

Em Pavlov o segundo sistema de sinalização é essa possibilidade de substituir, obtendo efeito de condicionamento, a coisa pela palavra: por exemplo, o som da campainha pela palavra campainha, desencadeando o reflexo condicionado do mesmo modo que a própria coisa poderia fazê-lo.

O som da campainha é um sinal e a palavra é um sinal de sinal. Ve-se bem o caráter de mediação do segundo sistema, em oposição ao primeiro que é constituído de sinais diretos, imediatos. A coisa é sinal e a palavra - sinal de sinal - é "sistema de significação", como escreve Lacan.

Lacan lê Pavlov acentuando que através deste bem se vê essa natureza do significante que é a de, enquanto sistema, remeter sempre para sua relação com outro significante:

"La teoría pavloviana reconoce justamente la necesidad, para poder hablar de lenguaje, de un 'segundo sistema de significaciones' más allá de las señales en juego en el establecimiento de los reflejos condicionados. Lo que caracteriza al significante no es ser sustituido por un objeto que satisface las necesidades del sujeto, sino poder ser sustituido por sí mis -

---

<sup>42</sup>. Desoille, Robert - op.cit., p.82.

mo, lo que supone una concatenación, una ley que ordena los significantes"<sup>43</sup>.

Ora, porque Lacan teria se aproximado assim de Pavlov ao mesmo tempo em que vem caracterizar o significante precisamente por ser substituível não pela coisa, mas pelo próprio significante, enquanto que em Pavlov a palavra substitui a coisa? Eis-nos novamente às voltas com as relações de linguagem e realidade onde essa coisa, coisa independente e exterior à linguagem, não existe para Lacan.

Já se apontou em Desoille o ter ele hipertrofiado a noção de movimento, de deslocamento através de um eixo vertical do imaginário. Isso significa que para ele, a intervenção do terapeuta no sonho através da direção é imprescindível. A não intervenção originaria a repetição, transformando o RED num simples devaneio. Acabar-se-ia por tomá-lo como simples "material" para interpretação, sem considerar essa sua especificidade de promover mudanças no curso do próprio RED. E ainda, sem levar em consideração que o próprio esforço de atenção exigido num RED, vale dizer, a "reeducação da vontade e da atenção" já viria distingui-lo do fluxo "anárquico" do devaneio espontâneo.

É que a hipertrofia da noção de movimento foi uma exigência imposta pela hipertrofia daquilo mesmo que essa noção pretendia dar conta: hipertrofiada foi a noção de eficácia do método e, com ela a noção de reflexo condicionado no segundo sistema de sinalização.

Na opinião de Desoille a tendência de alguns psicanalistas de procurar no RED um simples material para analisar segundo a técnica freudiana não faz mais que prolongar inutilmente o tratamento normal pelo sonho acordado<sup>44</sup>. Nesse sentido se diz que Desoille teria considerado o RED como uma "máquina rees-

---

<sup>43</sup>. Lacan, Jacques - Las formaciones del inconsciente - Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión - 1982 - p.111.

<sup>44</sup>. Desoille, Robert - Théorie et Pratique du Rêve Éveillée Dirigé Genève : Editions du Mont-Blanc - 1961 - p.34.

truturante" em oposição à "máquina interpretativa" de outros<sup>45</sup>.

Mas, diferentemente do que possa parecer, Desoille não recusa um lugar à análise em seu método: ele apenas a subestima -, ele a tem como desnecessária uma vez que o descondicionalamento não exige que se tenha conhecimento do sentido do reflexo que se pretende substituir -, ele a subestima e, com ela, toda a questão da significação inerente à linguagem de que se trata o sonho acordado.

Desoille, em sua tentativa de fundamentação teórica do método abandonou a própria natureza da linguagem que seria o RED privilegiando-o enquanto efeito condicionado do segundo sistema de sinalização. Criticou Freud que, por não ter sabido "ligar os fatos observados à atividade do sistema nervoso" não pôde dar, "como Pavlov, uma base concreta à sua interpretação". A psicanálise cai, portanto, para Desoille, no rol dos "métodos que permaneceram empíricos ou que não são justificados mais que por uma interpretação teórica não tendo um caráter científico rigoroso"<sup>46</sup>.

Robert Desoille, nascido de pai militar, tendo participado da guerra de 1914 como oficial e atuando na segunda guerra através da Resistência Francesa, faz suas as concepções marxistas, de onde, possivelmente, as experiências pavlovianas sobre a linguagem extraem seu poder de ressonância sobre esse engenheiro de profissão, extremamente preocupado com o rigor científico. Para ele, as experiências pavlovianas sobre o segundo sistema de sinalização "nos dão a chave de uma psicoterapia verdadeiramente científica" pois vem mostrar ser possível modificar os processos da atividade nervosa superior por uma "intervenção puramente verbal"<sup>47</sup>.

Ele chega mesmo, na conclusão de um livro que se pretende a fundamentação teórica de seu método como é o *Théorie et Pratique du Rêve Éveillé Dirigé*, a declarar sua esperança em

---

45. Launay, J. - La signification du mouvement dans la cure R.E.D. - Cahiers de l'Institut du Rêve Éveillé-dirigé - n.3 - juin 1978 - p.44.

46. Desoille, R. - op.cit., p.22.

47. Desoille, R. - op.cit., p.18.



que os progressos realizados pela fisiologia do sistema nervoso e a endocrinologia, entre outras, possam dar sua colaboração para que, no futuro, se atinja, por um trabalho coletivo, uma clareza verdadeiramente científica<sup>48</sup>.

Estaria Desoille apropriando-se do projeto pavloviano para quem "fundir ou identificar o fisiológico, ao psicológico, o subjetivo, ao objetivo" constituir-se-ia na "mais importante tarefa científica" de seus dias?<sup>49</sup>.

Quanto a essa questão, a posição de Desoille é explicitamente colocada logo no princípio do *Théorie et Pratique du Rêve Éveillê Dirigé*, onde ele escreve que a dualidade de fisiológico e psicológico não existiria no próprio homem, que deveria ser considerado como um todo. Assim, fisiológico e psicológico não seriam mais do que dois aspectos de um só e mesmo objeto<sup>50</sup>.

Faltaríamos à verdade de Desoille se não deixássemos aqui registrada essa cisão de fisiológico e psicológico - postulada por ele como circunscrita à teoria - tal como se nos revela em sua própria obra. Pois no relato que nos empresta de seus casos clínicos é bem um outro Desoille que vemos em ação, perseguindo o desejo que flui nas representações alienadas do sujeito, um Desoille enfim, que busca uma história do desejo em cada caso por ele analisado.

A morte - a 10 de outubro de 1966 - veio encontrá-lo ainda imerso nas pesquisas do *Rêve Éveillê Dirigé*, pois ele nunca deixou de se questionar sobre os fundamentos teóricos de seu método. Se chegou até as concepções pavlovianas, não o fez antes de passar por Freud, Jung e muitos outros.

Foi ainda ele mesmo quem abriu possibilidades futuras de superação da fundamentação teórica que propõe para seu método, ao declarar o caráter provisório de uma teoria por ser ela sempre integrante de um conjunto científico, de um espírito científico específico a uma época<sup>50</sup>.

Afinal, foi ele mesmo quem afirmou que

"las ideas, como la vida, son susceptibles de ser modificadas"<sup>51</sup>.

---

48. Desoille, R. - op. cit., p. 203.

49. Pavlov, I. - Obras Escolhidas - SP: Memus - 1970 - p. 199.

50. Desoille, R. - op. cit., p. 10

51. Desoille, R. - Lecciones sobre ensueño dirigido en psicoterapia Buenos Aires: Amorrurtu editores - 1975 - p. 27.

6 - CONCLUSÃO

Imprescindível ao conhecimento, a imagem vai ser definida em Kant como a ponte entre o sensível e o racional. A "imaginação transcendental", que participa necessariamente da síntese conceitual como mediação, não está entretanto, limitada a seus fins lógicos.

É na imaginação transcendental kantiana em seus fins estéticos que a "imaginação criadora" de Bachelard finca suas raízes - nunca promove conhecimento, ela está sempre referida ao sujeito. Há unanimidade, poderíamos mesmo dizê-lo: a imagem quando liberada do conceito não dá qualquer conhecimento, não será fonte de conhecimento sobre o objeto para o sujeito, mas unicamente fonte de prazer. Quando se trata de fins estéticos, a imagem não é confrontada com o objeto, mas somente referida ao sujeito.

É o que Frege diz quando escreve que é a busca da verdade que nos dirige do sentido para a referência. A imagem se define como um sinal que só tem sentido. Isso significa que ela não tem que ser confrontada com uma realidade objetiva para verificação de seu valor de verdade. A subjetividade veiculada pela imagem está ausente da lógica fregeiana.

Do mesmo modo em Bachelard a imagem está sempre referida ao sujeito, daí ser definida como um "obstáculo epistemológico". A imagem não tem referência - ela não é o substituto do objeto - a não ser a própria subjetividade.

Mas, se em Frege a imagem vai ser definida como um sinal que só tem sentido, Bachelard ao contrário a verá apenas em sua função de induzir sonhos. O problema que se coloca pois, para um estudo da imaginação nessa perspectiva bachelardiana não é o da significação das imagens, mas o da produção das imagens: é o ponto de vista de sua dinamogenia. Fonte de prazer, a imagem não deve e não pode ser significada, desde que não se encontra nunca em nenhum ponto de seu percurso imaginário com o conceito. Nessa imagem que não tem uma natureza de linguagem nada haveria para

ser lido: a imagem, não se trata de significá-la, mas apenas de engajar-se nela em perfeita comunhão.

A exigência de engajamento colocada pelo imaginário em Bachelard vem definir a função da imagem como a de ser sonhada, de ser imaginada e não a de significar outra coisa que aquilo mesmo que representa imediatamente. Ele não se pretende uma fixação desse imaginário que suspenderia sua ilegibilidade: ao contrário, ele o quer em sua absoluta instantaneidade. Bachelard se opõe precisamente a que se dê à imagem um valor de signo, o que seria reduzi-la.

Assim, Bachelard libera o reino da imagem da região do conceito até o ponto em que a imagem abandona o plano do sentido: a imagem não produz significações, ela não está estruturada como linguagem.

É preciso bem enfatizar: o projeto de Bachelard é "metafísico". A sua poética quer se referir a uma imagem que paira acima de qualquer determinação. Se há alguma determinação que incide sobre as imagens, essa só pode ser a temporalidade: as imagens são criadas pelo instante.

Propondo-se a uma relação íntima de identificação imediata com as imagens que sonhava, Bachelard abandonou sua perspectiva determinista - aquela que submetia o imaginário à lógica material -, e, com ela, abandona o sentido da produção imaginária.

Aquele "fundo imaginário natural" conferia uma sintaxe às imagens pelo que se tornava possível o acesso às leis da produção de sua significação.

Abandona o seu projeto de materializar o imaginário que respondia a uma perspectiva determinista fundada na investigação de uma lógica do imaginário e, com ela, abandona o campo da significação.

Bachelard constrói - de fato - toda sua obra em acordo com essa rivalidade onde a poética manifesta bem a prioridade psíquica da imaginação quer dizer, sua primazia no cotidiano, ou no domínio dos sonhos, no domínio da moral, ou no domínio da estética e, ainda, no domínio da própria psicoterapia.

Mas, essa coerência, não poderíamos apontá-la em Desoille que, em que pese o ter ele afirmado sua concordância com essa tese bachelardiana, lembrando "o papel de primeiríssima im-

portância desempenhado pela imaginação em todas as formas de atividade psíquica", constrói um método psicoterápico fundado - contraditoriamente - ora nessa prioridade psíquica da imaginação, ora na primazia da linguagem a quem, enquanto segundo sistema de sinalização da realidade, caberia o papel fundamental na atividade humana, aí incluída a atividade psicoterapêutica.

Se ele o afirma, no entanto o seu método não vem testemunhar esse papel de primeiríssima importância da imaginação. Esse lugar primeiro, o Rêve Éveillê Dirigê não concede à imaginação mas à linguagem. Pelo menos não à imaginação ou à imagem enquanto expressão de uma certa realidade objetiva ou de uma "vida realmente vivida": palavras e imagens sendo inseparáveis, é a primazia própria ao significante de que fala Lacan que permite a superação desse ponto nodal.

Conceber, como o faz Desoille, a linguagem como fenômeno de expressão, é por em questão o estatuto de produção, de criação de sentido, limitando-a à expressão de um sentido que pré-existiria a ela própria. Assim, o sonho acordado seria apenas expressão de um sentido que pré-existiria a ele próprio, do mesmo modo que o condicionamento pré-existiria à qualquer discurso do sujeito, podendo mesmo determiná-lo.

Como bem o mostra aquela máxima de Frege que vem submeter o significado das palavras ao contexto proposicional, o sentido não pré-existe ao texto do qual emerge: ao contrário, ele é um efeito da combinação dos seus elementos, ele é criado pelo contexto proposicional, ele é, enfim, dependente do e decidido pelo contexto em que emerge.

É também o que Lacan, tendo desembaraçado a linguagem daquilo que é apenas sua condição individual, quer dizer - "a linguagem não se confunde com as diversas funções somáticas e psíquicas que a produzem no sujeito falante" pois ela "pre-existe à entrada que nela faz cada sujeito"<sup>1</sup> -, vai mostrar que o significante não vem apenas expressar um sentido pois o significante cria significação, ele "entra de fato no significado; a sa-

---

<sup>1</sup>. Lacan, Jacques - A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud - Escritos - SP: Perspectiva - 1978 - p.225.

ber, sob uma forma que, por não ser imaterial, coloca a questão de seu lugar na realidade"<sup>2</sup>.

Desoille fundamenta os mecanismos terapêuticos de seu método em torno à linguagem. No entanto, consideramos importante explicitar essa própria ambiguidade do texto de Desoille que afirmava simultaneamente - mas como princípios contraditórios e reciprocamente excludentes - ora a primazia da imagem, ora a primazia da palavra. É a noção de significante que pode fundar os mecanismos terapêuticos do RED, e dar assim uma solução para essa aparente contraditoriedade do seu texto.

Nesse sentido gostaríamos de propor, como um prolongamento natural de nossa leitura, uma tese para ser levada à discussão. Tese que bem não sabemos para onde nos poderia levar mas que, pelo menos em se fazendo um eco desse privilégio que Desoille vem conceder à linguagem em seu método, indicaria um outro caminho na fundamentação teórica do RED que não unicamente suas condições neurofisiológicas.

O RED então poderia ser tido por uma figuração literal da sobredeterminação que sofre o discurso em relação a esse duplo eixo da linguagem enquanto articulada, segundo Saussure, por relações sintagmáticas (horizontais) e paradigmáticas (verticais). Sobre cada sonho acordado dirigido poderíamos traçar um gráfico que nos daria essa articulação. É como se essa produção de sentido que é um RED resultasse de cortes sucessivos propostos pelo terapeuta que vão originar substituições e contextualização, alternadamente.

O terapeuta no RED sugere, como dissemos, uma "imagem de partida" que o sujeito deverá complementar, contextualizar, criando um cenário imaginário. Na horizontalidade do cenário que o sujeito cria, uma imagem complementa a outra, servindo-lhe de contexto: nessas relações sintagmáticas - ditas por Saussure in praesentia - os termos com os quais o termo em questão entra em relação estão presentes sob a forma de termos precedentes e de termos subsequentes.

O terapeuta deverá intervir, necessariamente, segundo Desoille, durante o sonho acordado, através de sugestões de des

---

<sup>2</sup>. Lacan, Jacques - op.cit., p.230.

locamentos verticais promovendo transformações nas imagens. É como se o terapeuta devesse intervir através de cortes na horizontalidade do discurso promovendo substituições e forçando a aparição de novas cadeias de significantes, uma vez que tenha já explorado a linearidade de um cenário. Como nessas relações paradigmáticas - isto é, metafóricas - estão ausentes os termos com os quais o termo em questão entra em relação (pois aqui se trata de relações de substituições onde um termo substituindo o outro, o exclui portanto), seu efeito é inesperado: é bem esse aspecto de transformação, de ruptura numa continuidade que retemos num RED durante a ascensão; transformação ainda que nunca se observa na horizontalidade.

Mas, se a construção de um discurso sempre obedece a esse duplo eixo, quer dizer, sempre se faz mediante relações verticais e relações horizontais, indo de um tema a outro, de um termo a outro seja por sua similaridade recíproca (metáfora) seja por sua combinação de sentido (metonímia), deveríamos interrogar esse caráter da intervenção do terapeuta. Será que sua atuação predominantemente através do eixo vertical (da metáfora) produzirá transformação no eixo horizontal da significância da frase?

Bem, seria esse o caminho que escolheríamos para iniciar nova pesquisa.

Apontamos como insuficiência maior do Rêve Éveillé Dirigé de Robert Desoille na atualidade sua incapacidade teórica para suspender a ilegibilidade dessa "linguagem íntima" de que se faz porta-voz, de aceder à lógica do sentido que aí insiste, pelo que se acaba por emudecê-la.

O percurso nessa direção, Desoille mesmo já o havia iniciado, embora o fizesse fugindo às concepções que a própria linguística se faz da linguagem. Pensamos mesmo que se pode questionar ou discordar das concepções de linguagem através das quais aqui nos confrontamos com o criador do método que fizemos nosso na clínica. Mas ainda assim nosso trabalho teria cumprido com seu objetivo de, num "retorno às fontes" do Rêve Éveillé Dirigé, forçar até suas últimas consequências os desdobramentos dessa rivalidade inaugural.

7 - BIBLIOGRAFIA

- 1 - ALTHUSSER, Louis - Freud e Lacan, in Posições 2-RJ:Graal, 1980
- 2 - d'AMARAL, Marcio T. - Anotações para uma semiologia do discurso, in Lugar 3  
Publicação do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro - 1974
- 3 - \_\_\_\_\_ - Comunicação e linguagem, in Lugar 2 - Publicação do  
Colégio freudiano do Rio de Janeiro - 1973
- 4 - ARAÚJO, Laís C. - Bachelard: uma poética de contradições, in Revista de  
Cultura Vozes - ano 74 - novembro/80 - n.9
- 5 - BACHELARD, GASTON - O Novo Espírito Científico - RJ:Tempo Brasileiro -  
1968
- 6 - \_\_\_\_\_ - La Dialectique de la Durée - Paris:Presses Universi-  
taires de France - 1972
- 7 - \_\_\_\_\_ - La Formación del Espíritu Científico - México:siglo  
veintiuno editores - 1976
- 8 - \_\_\_\_\_ - A Psicanálise do Fogo - Lisboa:Editorial Estúdios  
Cor - 1972
- 9 - \_\_\_\_\_ - A Filosofia do Não - SP:Abril Cultural - 1978 - (Os  
Pensadores)
- 10- \_\_\_\_\_ - Lautréamont - Paris:Librairie José Corti
- 11- \_\_\_\_\_ - El Agua y los Sueños. Ensayo sobre la imaginación de  
la materia - México:Fondo de Cultura Económica - 1978
- 12- \_\_\_\_\_ - El Aire Y los Sueños. Ensayo sobre la imaginación del  
movimiento - México:Fondo de Cultura Económica - 1958
- 13- \_\_\_\_\_ - La Terre et les Rêveries de la Volonté - Paris:Librai-  
rie José Corti.
- 14- \_\_\_\_\_ - La Terre et les Rêveries du Repos - Paris:Librairie  
José Corti, 1948
- 15- \_\_\_\_\_ - O Racionalismo Aplicado - RJ:Zahar, 1977
- 16- \_\_\_\_\_ - El Materialismo Racional - Buenos Aires:Editorial Pai-  
dós - 1976
- 17- \_\_\_\_\_ - A Poética do Espaço - RJ:Eldorado
- 18- \_\_\_\_\_ - La Poétique de la Rêverie - Paris:PUF, 1968
- 19- \_\_\_\_\_ - La Flamme d'une Chandelle - Paris:Presses Universitai-  
res de France - 1975

- 20 - \_\_\_\_\_ - Le Droit de Rêver - Paris:Presses Universitaires de France,1970
- 21 - \_\_\_\_\_ - El Compromiso Racionalista - México:siglo veintiuno editores,1980
- 22 - BRAZIL,Circe N.V. - A Estrutura do Inconsciente,in Lugar 7,Publicação do Colégio Freudiano do RJ - 1975
- 23 - BERNIS,Jeanne - L'Imagination - Paris:PUF,1954
- 24 - ECUYON,J./HOUZEL,D/BENOIT,J.C - El Sueño.Anales de Psicoterapia/5 - Madrid:Fundamentos,1975
- 25 - BERTHIERAT,Yves - Freud com Lacan ou a ciência com o psicanalista - in Lugar 8-Publicação do Colégio Freudiano do RJ,1976
- 26 - BAREMBLITT,G/KOP,R/CABAS,A.G-La Interpretación de los sueños,una técnica olvidada,Argentina:Belguero Edit.,1979
- 27 - CLÉMENT,Cathérine B. - Lacan ou o "porta-vóz" - in Lugar 5,Publicação do Colégio Freudiano do RJ,1975
- 28 - CLÉMENT,C/BRUNO,B/SÈVE,L.- Para una crítica marxista de la teoría psicoanalítica - Buenos Aires:Granica ed,1974
- 29 - CHULAN,Tania M.O. - Escritos sobre os escritos de Lacan.Roteiro de Leitura:Vocabulário e Temas - Vitória:Fundação Ceciliano A.de A. - 1981
- 30 - CABAS,Antonio G. - Curso e Discurso da obra de Jacques Lacan - SP:Moraes 1982
- 31 - COELHO,Eduardo P.- Introdução a um Pensamento Cruel:estruturas,estruturalidade e estruturalismos,in Estruturalismo.Antologia de textos técnicos. Lisboa:Portugália Editora
- 32 - DESOLLE,Robert - El Caso Maria Clotilde:psicoterapia del ensueño dirigido,Buenos Aires:Amorrurtu editores,1974
- 33 - \_\_\_\_\_ - Lecciones sobre ensueño dirigido en psicoterapia,Buenos Aires:Amorrurtu editores,1975
- 34 - \_\_\_\_\_ - Théorie et Pratique du Rêve Éveillé Dirigé,Genève:Editions du Mont-Blanc,1961
- 35 - DELEUZE,Gilles - Em que se pode reconhecer o estruturalismo?,in Historia da Filosofia,Idéias,Doutrinas,sob a direção de F.Châtelet,vol.VIII,RJ:Zahar 1974
- 36 - \_\_\_\_\_ - Para ler Kant ,RJ:Francisco Alves,1976
- 37 - DESCHAMPS,Jean - Psicanálise e Estruturalismo,in Estruturalismo e Marxismo
- 38 - DAGOGNET,François-Bachelard,Lisboa:Edições 70,1980
- 39 - DURANT,Gilbert - La imaginación simbólica,Buenos Aires:Amorrurtu editores 1971



- 40 - DUROUX, Yves - Psicologia e Lógica, in Lugar 4, Publicação do Colégio Freudiano do RJ, 1974
- 41 - DESCAMPS, M.-A. - Psychanalyste Rêve-Éveillé? in Cahiers de l'Institut du Rêve Éveillé-Dirigé, n.9, juin 1981
- 42 - DUFOUR, Roger - Robert Desoille et la tension clinique-théorie-Refléxions in Cahiers de l'Institut du R.E.D, n.9, juin 1981
- 43 - \_\_\_\_\_ - Interview sur le R.E.D. à France-Culture, in Cahiers de l'Institut du R.E.D., n.3, juin 1978
- 44 - \_\_\_\_\_ - Terminologie, traduction et théorie du RED in Cahiers de l'Institut du R.E.D., n.1, juin 1977
- 45 - \_\_\_\_\_ - Ecouter Voir - in Etudes Psychotherapiques 37 - septembre 1979 - Privat éd.
- 46 - \_\_\_\_\_ - Le voir aux prises de la parole psychothérapique, in Etudes Psychotherapiques 41, septembre 1980
- 47 - \_\_\_\_\_ - L'analyse R.E.D., in Etudes Psychotherapiques 30, décembre 1977
- 48 - \_\_\_\_\_ - La centration progressive sur le langage dans le rêve éveillé dirigé, in Etudes Psychotherapiques, Cahiers du Groupe International du Rêve éveillé dirigé de Desoille, n.3, mars 1971
- 49 - EISENBERG, -B.A. - Place et rôle du fantasme dans la vie psychique et dans la cure, in Etudes psychotherapiques, n.34, décembre 1978
- 50 - ELIADE, Mircea - Mythes, rêves et mystères, cap.VI: Symbolismes de l'ascension et "rêves éveillés", France: Gallimard, 1972
- 51 - KNNIS, Maria Ana - Psicoterapia Simbolica. Fundamentación y metodologia , Buenos Aires: Lopez Libreros, 1981
- 52 - FABRE, Nicole - El triangulo roto : psicoterapia de niños por ensueño dirigido, Buenos Aires: Amorrurtu Editores, 1975
- 53 - \_\_\_\_\_ - Quelques interrogations, Cahiers de l'Institut du RED, n.3 , juin 1978
- 54 - \_\_\_\_\_ - Vécus Corporels et Vécus dits Mystiques en rêve-éveillé, in Etudes Psychotherapiques 45, septembre 1981
- 55 - \_\_\_\_\_ - Cures par le rêve éveillé sans interpretation, in Etudes Psychotherapiques, Cahiers du Groupe International du red , n.3, mars 1971
- 56 - \_\_\_\_\_ - La non-interpretation dans les cures, in Etudes Psychotherapiques 24, juillet 1976
- 57 - FAGES, J.B. - Para compreender Lacan, RJ: Ed. Rio, 1977
- 58 - FERREIRA, J.B. - Reflexões sobre o sujeito. Fenda e divisão, in cadernos freudianos e lacanianos, Publicação da Escola freudiana de SP, Cortez Editores.

- 59 - FREGE, Gottlob - Compte Rendu de Philosophie der Arithmetik I de E.G.Husserl, in Gottlob Frege. Écrits logiques et philosophiques, Paris: Éditions du Seuil.
- 60 - \_\_\_\_\_ - El Pensamiento. Una investigación lógica.
- 61 - \_\_\_\_\_ - Função e Conceito, in Lógica e Filosofia da Linguagem, SP: Cultrix, 1978
- 62 - \_\_\_\_\_ - Sobre o Sentido e a Referência, in Logica e Filosofia da Linguagem, SP: Cultrix, 1978
- 63 - \_\_\_\_\_ - Sobre o Conceito e o Objeto, in Logica e Filosofia da Linguagem, SP: Cultrix, 1978
- 64 - \_\_\_\_\_ - Digressões sobre o Sentido e a Referência, in Logica e Filosofia da Linguagem, SP: Cultrix, 1978
- 65 - \_\_\_\_\_ - Que é uma função, in Logica e Filosofia da Linguagem, SP: Cultrix, 1978
- 66 - FILLOUX, J.C. - O Inconsciente, SP: Difusão Européia do Livro, 1966
- 67 - FREUD, S. - A Interpretação de Sonhos, in Obras completas, RJ: Imago Editora, vols. IV e V
- 68 - \_\_\_\_\_ - O ego e o id (1923), in Obras Completas, RJ: Imago Ed., vol. XIX
- 69 - \_\_\_\_\_ - O inconsciente (1915), in Obras Completas, RJ: Imago Ed., vol. XIV
- 70 - \_\_\_\_\_ - Sobre o Narcisismo: uma introdução (1914), in Obras Completas, RJ: Imago Ed., vol. LXIV
- 71 - GINESTIER, P. - Pour connaître la pensée de Bachelard, France: Bordas, 1968
- 72 - JAPIASSÓ, H. - Para ler Bachelard, RJ: Francisco Alves, 1976
- 73 - JUNG, C.G. - O homem e seus símbolos, RJ: Nova Fronteira
- 74 - KANT, I. - Critica de la Razón Pura. Estetica Transcendental y Analitica Transcendental, Buenos Aires: Losada, vol. I, 1979
- 75 - \_\_\_\_\_ - Critica del Juicio, México: Porrúa, 1978
- 76 - LOYELLO, Washington - Sonho Acordado em Psiquiatria, in publicação do Forum Internacional sobre Sono, realizado em maio de 1981 na UERJ
- 77 - \_\_\_\_\_ - O "Rêve-Éveillé-Dirigé" - Tese apresentada ao concurso de livre docência da Faculdade de Medicina e Cirurgia do RJ, 1976
- 78 - \_\_\_\_\_ - Psicoterapia como processo integrador da personalidade, in Para Uma Psiquiatria da Libertação, RJ: Achiané, 1983
- 79 - LACAN, Jacques - Seminário sobre A Carta Roubada, in Escritos, SP: Ed. Perspectiva, 1978
- 80 - \_\_\_\_\_ - Função e Campo da fala e da linguagem em Psicanálise, in Escritos, SP: ED. Perspectiva, 1978

- 81 - \_\_\_\_\_ - A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud, in *Escritos*, SP:Ed. Perspectiva, 1978
- 82 - \_\_\_\_\_ - O estágio do espelho como formador da função do eu. Tal como nos é revelada na experiência psicanalítica, in *O sujeito, o corpo e a letra: termos da análise. Ensaio de escrita psicanalítica*, Lisboa: Ed. Arcádia, 1977
- 83 - \_\_\_\_\_ - La Agresividad en psicoanálisis, in *Escritos*, México: siglo veintiuno editores, vol. II
- 84 - \_\_\_\_\_ - A tópica do imaginário, in *O Seminário*, livro 1, RJ:Zahar ed., 1979
- 85 - \_\_\_\_\_ - O momento da resistência, in *O Seminário*, livro 1, RJ:Zahar ed., 1979
- 86 - \_\_\_\_\_ - Las formaciones del inconsciente, Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1982
- 87 - LACROIX, Jean - Kant e o Kantismo, Porto: Rê, 1979
- 88 - LAPLANCHE, J./PONTALIS, J.-B - Vocabulário da Psicanálise, SP: Martins Fontes 1979
- 89 - LEXCOURT, DOMINIQUE - Bachelard o el día y la noche. Un ensayo a la luz del materialismo dialéctico, Barcelona: Anagrama, 1975
- 90 - LEMAIRE, Anika - Jacques Lacan. Uma Introdução, RJ: Ed. Campus, 1979
- 91 - LAUNAY, Jacques - Signification du mouvement dans la cure R.E.D., in *Cahiers de l'Institut du R.E.D.*, n.3, juin 1978
- 92 - \_\_\_\_\_ - Evolution et pratique des analyses rêve-éveillé-dirigé, in *Etudes Psychotherapiques*, n.30, décembre 1977
- 93 - MARGOLIN, J.C. - Bachelard, Paris: Seuil, 1974
- 94 - MILLER, J.-A. - Cinco conferencias caraqueñas sobre Lacan, Caracas: Ateneo
- 95 - MASCARENHAS, E. - A Metáfora lacaniana do espelho, in *Lugar 8*, Publicação do Colégio Freudiano do RJ, 1976
- 96 - MALRIEU, Philippe - La construcción de lo imaginario, Madrid: Ediciones Guadarrama, 1971
- 97 - MAUREY, Gilbert - Freud et le Rêve éveillé. Note approximative sur l'un et l'autre, in *Cahiers de l'Institut du R.E.D.*, n.8, décembre 1980
- 98 - \_\_\_\_\_ - Remarques sur le transfert en Rêve-éveillé-dirigé, in *Etudes Psychotherapiques*, n.39, mars 1980
- 99 - \_\_\_\_\_ - Délire et jeu en R.E.D., in *Etudes Psychotherapiques* 45, septembre 1981
- 100 - \_\_\_\_\_ - Rêve, rêve-éveillé et communication, in *Etudes Psychotherapiques*, 30, décembre 1977

- 101 - \_\_\_\_\_ - Réflexion d'un praticien du rêve-éveillé-dirigé  
in Etudes Psychotherapiques 25, septembre 1976.
- 102 - NADAL, J. e DUFOUR, R. - Approche conceptuelle et modèles de l'analyse RED  
in Etudes Psychotherapiques 24, juillet 1976
- 103 - NAGERA, Humberto - Conceitos psicanalíticos básicos da Teoria dos Sonhos  
SP: Cultrix
- 104 - POLTZER, Georges - Crítica de los fundamentos de la psicología, Barcelona:  
Ediciones Martínez Roca, SA
- 105 - PAILLER, J.M. - Jacques Lacan, lo simbólico y lo imaginario - Buenos Ai-  
res: Editorial Proteo, 1979
- 106 - PAVLOV, I.P. - Obras Escolhidas, SP: Hemus, 1970
- 107 - PIRE, François - De l'Imagination Poétique dans l'oeuvre de Gaston Bache-  
lard, Paris: Librairie José Corti, 1967
- 108 - PAULUS, J. - La función simbólica y el lenguaje, Barcelona: Editorial Her-  
der, 1975.
- 109 - PINCITOLI, R. - Simbolismo: aproximación al concepto, in El inconsciente en  
acto, Publicación de la Escuela Freudiana de la Argentina, Cuadernos de Psico-  
análisis, ano XII, n. 2, 1982, Argentina: Helguero Editores.
- 110 - QUILLET, Pierre (org) - Introdução ao pensamento de Bachelard, RJ: Zahar ed.  
1977
- 111 - ROUDINESCO, E. - A ação de uma metáfora (Notas a propósito da Teoria do  
Significante em Jacques Lacan) in Lugar 6, 1975, Publicação do Colégio Freudi-  
ano do RJ
- 112 - SÈVE, Lucien - Método estrutural e método dialético, in Estruturalismo e  
marxismo, RJ: Zahar Editores, 1968
- 113 - SUÁREZ, Carlos A.V. - La actividad imaginativa en psicoterapia, Buenos Ai-  
res: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1974
- 114 - SZILASI, W. - Fantasia y conocimiento, Buenos Aires: Amorrortu editores, 1977
- 115 - SAUSSURE, F. - Curso de Linguística Geral, SP: Cultrix
- 116 - SARTRE, Jean Paul - A Imaginação, SP: DIFEL, 1980
- 117 - THEIL, Christian - Sentido y Referencia en la logica de Gottlob Frege,  
Madrid: Tecnos, 1972
- 118 - VANCOURT, Raymond - Kant, Lisboa: edições 70, 1980
- 119 - VRIESE, Edith de - Au sujet des resistances du therapeute au rêve éveillé  
dirigé, in Cahiers de l'Institut du rêve-éveillé dirigé, juin 1982, n. 11
- 120 - VINTRAUD, R. - Notions de plaisir et RED, Cahiers de l'Institut du RED, 1977
- 121 - WIDLÖCHER, D. - Reflexions d'un psychanalyste sur le rêve-éveillé-dirigé,  
in Etudes Psychothérapiques, Cahiers du GIREN, n. 4-5, juin septembre 1971-

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ,  
fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:

Circe Navarro Vital Brazil

Circe Navarro Vital Brazil

PUC/RJ

Anamaria Ribeiro Coutinho

Anamaria Ribeiro Coutinho

PUC/RJ

Washington Loyello

Washington Loyello

UERJ

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 19 de Julho de 1984

Vera Maria Ferrão Candau

Vera Maria Ferrão Candau

Coordenadora dos programas de  
Pós-Graduação do Centro de  
Pós-Graduação do Centro de  
Teologia e Ciências Humanas.